

Soca Magazine

REVISTA DA SOCIEDADE CABOVERDEANA DE AUTORES

Abril 2019 | Nº 3 da II SÉRIE

ARTES PLÁSTICAS

JOSÉ MARIA BARRETO

TONY KAYA

DOIS ÍCONES DA PINTURA

CABO-VERDIANA

PERFIL

TOY DJACK

UM MÚSICO DE CORPO INTEIRO

INVESTIGAÇÃO

JOSÉ CARLOS GOMES DOS ANJOS

"INTELECTUAIS, LITERATURA E PODER
EM CABO VERDE; LUTAS E DEFINIÇÃO
DE IDENTIDADE NACIONAL"

SOCA HOMENAGEIA
ZEZÉ E ZÉCA DI NHA REINALDA

DESTAQUE/HOMENAGEM

Gardénia
Benrós

Nossa Musa
Cabo-Verdiana



03 DESTAQUE / HOMENAGEM

Gardénia Benrós – Nossa Musa Cabo-verdiana

13 ARTES PLÁSTICAS

Barreto e Kaya

Dois ícones da pintura cabo-verdiana

24 PERFIL

Toy Djack

Um Músico de Corpo Inteiro

28 PUBLICAÇÕES

- Apresentação do livro **Solilóquio no Tempo Um Combatente**, do autor Carlos Jogero
- **Espermas de Sol**, de António Silva Roque
- **O Moribundo**, de Daniel Ramos Mendes
- **Memórias Poéticas**, de Celina Lizardo Lopes
- Apresentação de dois livros, de Tomé Varela da Silva
 - **Alfabétu Káuberdiánu**: un prupósta di skrita ku stória, voltádu pa futuro
 - **Amor I Kiriason**
- **Retalhos de Uma Vida**, de Vuca Pinheiro
- Revista **Novas Letras**, da ACL - Homenagem a Teobaldo Virgínio
- **De Risos & Lágrimas e A Reinvenção do Mar**, de Vera Duarte

58 EDIÇÕES CD/DVD

Cadastro de Obras

60 AO CORRER DA PENA

C. Salgado

63 INVESTIGAÇÃO

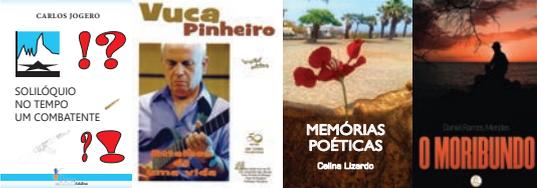
José Carlos Gomes dos Anjos “**Intelectuais, Literatura e Poder em Cabo Verde; lutas e definição de identidade nacional**”

72 CRÓNICAS

Cristina Ramalho sobre Cabo Verde

83 IMPRENSA

- Homenagem a Zezé e Zéca di Nha Reinalda
- Sobre o 14º Aniversário da SOCA
- SOCA e o Encontro Internacional da OMPI





Don Miguel Ruiz, o autor espiritualista mexicano disse (cito aqui, a partir da série Criminal Minds) que “*Pessoas gostam de dizer que a batalha é entre bem e mal. A batalha de verdade é entre verdade e mentira.*” Isso é verdade, sim e, desde logo, em termos de silogismo e epistema, acaba por ser, de fato, uma luta entre o bem e o mal, já que a verdade consubstancia o bem e a mentira encarna o mal.

A verdade é que nós temos trilhado o caminho da verdade, ao longo do nosso percurso, lutando contra as mentiras construídas e as armadilhas despoletadas para nos derrubar. E temos mostrado a verdade das coisas escamoteadas, ou que foram remetidas para o limbo e muitas vezes ficam ocultas nas neblinas.

É o caso da nossa Grande Gala de Homenagem à Titina Rodrigues. É o caso da nossa Grande Gala de Homenagem a Zezé e Zeca di Nha Reinalda. Figuras ímpares e tutelares da nossa música e cultura que durante muito tempo ficaram olvidadas e, quase abandonadas, num canto da memória das nossas gentes e, principalmente, dos nossos médias e dos decisores e promotores da cultura que, sistematicamente, se têm esquecido de as pôr no centro das atividades a que, naturalmente, são pertences, recusando trazê-las à ribalta, e ao convívio de todos.

É o caso deste número da revista SOCA Magazine, com o destaque, à laia de Homenagem, à nossa Diva e Musa da música, a simplesmente maravilhosa e espetacular Gardénia Benrós, não só pela sua performance no palco, como, também, pelo seu encanto e talento no canto.

Creemos que é de justiça lembrarmos-nos desta nossa intérprete, ela também Rainha na interpretação das mornas e das coladeiras, e queremos destacá-la bem através de uma Homenagem nos Estados Unidos da América, com o lançamento desta revista.

Mas, antes de passarmos ao destaque desta nossa exímia artista, permitam tecermos algumas considerações que achamos pertinentes, nomeadamente sobre o processo de cobrança e distribuição dos direitos autorais e artísticos. Ainda este ano, retomamos todo o processo de cobrança iniciado em 2010, e já está em curso, uma vez mais, a batalha para se respeitarem os direitos autorais. Estamos a procurar a parceria de várias autoridades afins para a prossecução desse desiderato.

De julho a agosto de 2018, fizemos uma digressão por quase todos os municípios do país para estabelecer diálogo com os Autores e Artistas sobre questões autorais e para apresentar às edilidades cabo-verdianas propostas de protocolo e de parceria no domínio autoral e cultural. Nesse périplo, a SOCA teve a oportunidade de esmiuçar questões importantes relacionadas com a cobrança e distribuição dos Direitos de Autor e também de mostrar o percurso feito, desde a sua criação, em 2005, do qual consta um trabalho sistemático de promoção e divulgação dos Autores e Artistas, tanto através da Revista SOCA Magazine e do seu site, assim como a partir de homenagens e destaques dos homens e das mulheres da cultura cabo-verdiana.

É de se realçar que esses encontros com os autores e artistas foram memoráveis por terem permitido um diálogo direto com os mesmos, que foram bastante participativos e per-

tinentes nas suas questões, permitindo, assim, os devidos esclarecimentos, importante nessa demanda de remunerar os criadores e intérpretes da Arte em Cabo Verde.

Por outro lado, é de se destacar que os encontros com as edilidades foram satisfatórios e gratificantes por abrirem perspectivas favoráveis à questão da cobrança dos Direitos Autorais, que assentará em bases sólidas e eficientes, mas, também, por constituírem possibilidades de intercâmbio e parceria nos domínios artísticos e culturais que se levantarão como pontes de ligação dos Autores e Artistas a nível nacional.

Aproveitamos para esclarecer aqui que a SOCA teve, desde 2010, reunidas as condições básicas para desempenhar o seu papel de gestão coletiva dos direitos autorais em Cabo Verde, alicerçada na portaria do Governo que lhe conferia legitimidade para o exercício dessa função.

E, neste momento, está a envidar esforços para incrementar mais e implementar melhor a cobrança e distribuição dos direitos autorais; para despoletar o diálogo com os autores, e entre eles, sobre as principais questões que lhes dizem respeito; e lutar para que todos os autores e artistas tenham o seu devido lugar na sociedade, com a dignidade, o respeito e a consideração que bem merecem.

A SOCA está, pois, determinada em continuar com a sua dinâmica imparável para remunerar os autores e artistas como bem merecem.

Relativamente às atividades culturais organizadas pela SOCA, temos a salientar a inauguração, no dia 19 de fevereiro, da sua Galeria de Arte, assinalando o seu 14º aniversário, e a programação, ainda, de grandes realizações para este ano, tais como: uma Bienal de Pintura em Assomada, no mês de julho, em parceria com a Câmara Municipal de Santa Catarina; o lançamento de 3 números da Revista SOCA Magazine: um em Homenagem à grande artista Gardénia Benrós – aliás, este número, que será lançado nos E.U.A.; outro com o destaque da Homenagem a Zezé e Zeca di Nha Reinalda, a ser lançado em junho, e o terceiro com o destaque de uma grande personalidade do nosso mundo artístico e cultural, que irá sair em dezembro.

Está, para breve, a inauguração da Sala de Formação Artística Zezé e Zeca di Nha Reinalda, bem como um espaço musical e artístico, que terá uma programação mensal de convívio cultural.

O Programa da Semana de Arte Integrada, que se realiza todos os anos para assinalar o 18 de outubro, Dia Nacional da Cultura e das Comunidades, também já está bem delineado, assim como a comemoração do Dia Mundial da Poesia e da Árvore, que será em parceria com a Câmara Municipal da Ribeira Grande de Santiago, a Academia Cabo-verdiana de Letras e a Associação de Escritores Cabo-verdianos.

Finalmente, a concluir, é de se assinalar aqui, pelo menos, três pontos importantíssimos, de entre vários outros que estiveram na ordem do dia da SOCA: o Protocolo de Parceria com A Vicenteina – Associação do Algarve para o Desenvolvimento do Sudoeste, o qual estabelece um acordo de apoio e de desenvolvimento de atividades culturais; a parceria que se vai assinar com a Universidade Lusófona para formação na área dos direitos autorais e o recente Acordo de Representação que se assinou com a Sociedade Guineense de Autores. ■

Gardénia Benrós

Nossa Musa Cabo-Verdiana

Nascida na cidade da Praia, ilha de Santiago, é, contudo, na tradição da morna da ilha Brava que Gardénia vai buscar inspiração e temas para a sua primeira gravação, em que interpreta composições do célebre poeta trovador Eugénio Tavares, dinamizando o mercado português à música cabo-verdiana. Opção nada casual, já que nasceu a beber nessa fonte: a avó, natural da vila de Nova Sintra, destacou-se no seu tempo a atuar em saraus e sessões culturais na ilha como intérprete de mornas e apresentava ao público as novas criações do compositor Eugénio Tavares ensinadas em primeira mão pelo próprio. A mãe, por sua vez, desde cedo revelou voz e talento que despertaram a atenção de um dos frades capuchinhos em missão na ilha, que lhe ensinou noções de canto lírico. Mais tarde, chegou a cantar em emissões radiofónicas e, muito naturalmente, as mornas do mestre Eugénio fizeram parte do seu repertório.





...FOI A PRIMEIRA MULHER CABO-
VERDIANA QUE SE FORMOU PELA
BERKLEE COLLEGE OF MUSIC, BOSTON,
NA QUAL NÃO DEIXOU DE LADO OS
ASPETOS LIGADOS AO NEGÓCIO MUSICAL

Com esses antecedentes, nada mais natural que a jovem cantora se inclinasse para a tradição da música cabo-verdiana no seu disco de estreia, gravado em Lisboa com a produção de Paulino Vieira, acompanhada de outros tantos excelentes músicos cabo-verdianos, nomeadamente Toi Vieira e Péricles Duarte, um grande saxofonista do seu tempo. Editado pela PolyGram, este trabalho faz de Gardénia uma pioneira no que se refere a trabalhar com grandes editoras, pois a maioria dos registos discográficos de música cabo-verdiana da época – foram edições de autores ou de editoras sem dimensão internacional.

A música da Gardénia ganhou novas perspectivas! Deixando assim a sua marca, Gardénia interrompe a carreira sendo que “Concluir um curso universitário na área musical foi algo que me educou de forma a poder lidar com qualquer músico do mundo”. “Não me importei em interromper a minha carreira para me instruir,” diz a artista.

Optando pelas áreas de voz e espetáculo, foi a primeira mulher cabo-verdiana que se formou pela Berklee College of Music, Boston, na qual não deixou de lado os aspetos ligados ao negócio musical. Uma das composições originais da artista, “Mi é Caboverdiana Também”, foi escolhida para fechar o primeiro documentário feito pela Carol Castiel, presidente do Cape Verde Jewish Heritage. Em 2011, Gardénia é convidada para gravar em italiano a morna “Mar Eterno” completando assim a compilação “Capo Verde terra di amore” com o objetivo de angariar fundos para ajudar as crianças cabo-verdianas desprivilegiadas.

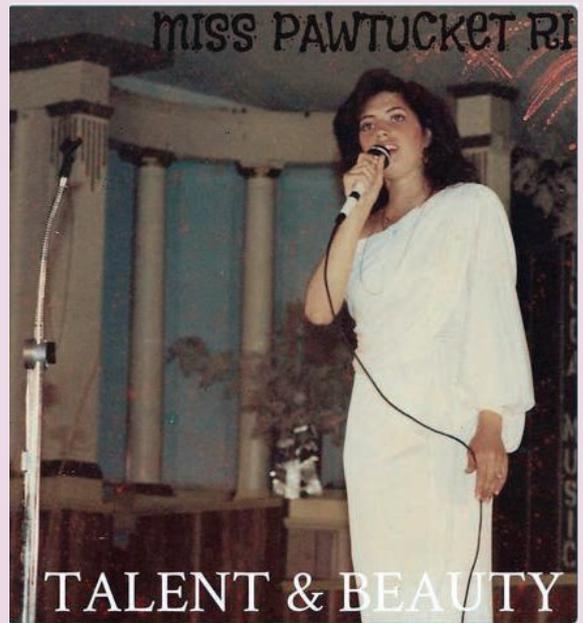
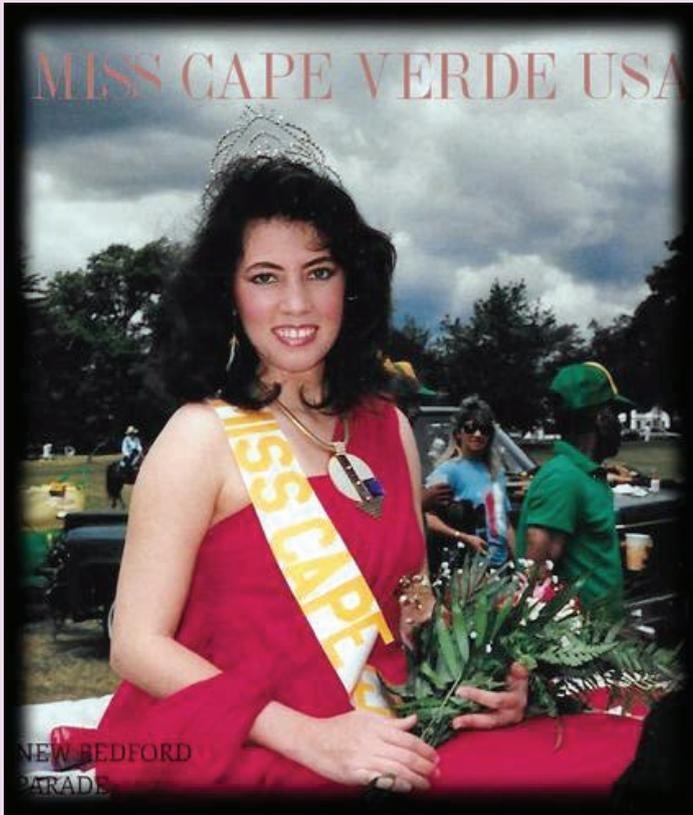
Na sucessão de trabalhos que gravou até hoje, cerca de 16 CDs, a tradição cabo-verdiana aparece





como herança determinante na sua formação como artista, compositora e atriz. No filme que escreveu e representou “Serenata de Amor” em 2012, consegue captar a tradição da ilha da Brava no tempo das serenatas. “Este pequeno filme que foi possível com o apoio do Emerson College, Claire Andrade Watkins e Ben Ambush, em Boston, é somente uma amostra do que está para desenrolar. Para além da música, o teatro é outra grande paixão minha”, diz a artista. ■

A MELHOR VOZ FEMININA E A
MAIS FOTOGÊNICA MULHER
NO CONCURSO TALENT
AMERICA EM NOVA IORQUE
NOS ANOS 90



VENCEDORA

- CVMA Music Award of the Year
- Talent America New York City
- Best Female Voice
- Most Photogenic
- Miss Cape Verde USA
- Miss Ocean State Rhode Island

Naturalmente bela e talentosa, Gardénia é vencedora de vários concursos de beleza e talento, premiada Miss Cape Verde USA, Miss Ocean State Rhode Island, Best Female Voice and Most Photogenic, a Melhor voz feminina e a mais fotogénica mulher no concurso Talent America em Nova Iorque nos anos 90.

Em 2013, Gardénia regressa à faculdade, com o objetivo de concluir ainda mais um curso superior universitário na área musical e pedagogia pela Universidade de Hofstra, em Nova Iorque e, poder, assim, passar a sua sabedoria para a próxima geração, explica a artista. Em 2016, a artista completa o seu mestrado, um grande valor a reconhecer entre as mulheres cabo-verdianas.

Voltando à fonte, em 2014 apresentava ao público as novas criações do compositor Silvestre Faria, natural da ilha da Brava. Em 2015, Gardénia é premiada no Cabo Verde Music Awards, CVMA, vencedora da melhor morna do ano “Marlene.” ■



NOSSA MUSA CABO-VERDIANA

Gardénia com a sua beleza, tem inspirado poetas e compositores, como Manuel de Novas, João Amaro, Teófilo Chantre, João Vicente Faria, Jean Claude Martineau, entre outros.

O poeta João Amaro, conhecido por “Jomar” no poema “Louvor a Gardénia” escreve: “A cantar mornas és génia, mensageira de todos nós, tu és bela com toda a vénia e enfeitiças com a tua voz.”

O poeta João Vicente de Faria, filho do ilustre poeta Silvestre Pinheiro de Faria, no poema “Os sons da tua voz”, escreve:

“Há um trino de uma voz
Que agora me embala
Tem essa voz doçura tanta
Que as ondas me espanta
Horas depois fica-me esse trinar
Vibrante e sonante
Que esse maravilhoso
Conjunto de sons
Criam no meu cérebro
Vão e veem num variar de notas
Que às vezes num riso
Se fazem sonantes
E que mais tarde
Num simples mudar de tons
Fazem mudar os sons
E me embalo querendo cantar
É linda a voz dela
Que me faz querer escutar
Que me faz querer bailar
Que me faz querer cantar
São os sons da tua voz
A me embalar.”

22 de abril, 2018
João V. Faria

California Cape Verdean Association Special Events



HERANÇA MATERNA

A tradição musical cabo-verdiana tem-se feito basicamente em casa, num aprendizado quotidiano quase inconsciente, autodidata, mas nem tanto, passando de geração em geração no contacto espontâneo com um instrumento, com a melodia e letras que vão criando os alicerces de futuros artistas.

Na família de Gardénia, a tradição da morna – e das belas vozes – parece estar no sangue. A avó Carmen Fermino, natural de Nova Sintra, destacou-se na sua época a cantar em saraus na ilha Brava. Tinha a primazia de revelar ao público as novas criações de Eugénio Tavares, que lhas ensinava ele próprio, em primeira mão.

A mãe, Meek, por sua vez, desde cedo revelou voz e talento que despertaram a atenção de um dos frades capuchinhos em missão na ilha, que lhe ensinou noções de canto lírico. Mais tarde, em emissões radiofónicas e a animar festas e teatro, naturalmente as mornas do mestre Eugénio, João José Nunes, Rodrigo Peres, Júlio Feijoo Pereira fizeram parte do seu repertório.

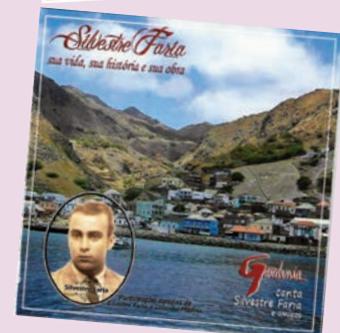
E chegamos a Gardénia, que dispensa apresentações. ■

Gláucia Nogueira

ESCUTAR AS VOZES

O encontro musical de mãe e filha, pela primeira vez na música de Cabo Verde e em estúdio, vai buscar no fundo da tradição da morna o que ela tem de mais perene, que passa de geração em geração. Pelo sangue, pela voz, pelo sentimento crioulo – amor & dor – que engendrou a morna e a faz eterna. ■

A morna “Beijo de Sodade” une as duas vozes com muito carinho cabo-verdiano.





**DESTAQUE ESPECIAL
de Maria Filomena Benrós -
Meek, mãe e modelo da nossa
homenageada, sendo ela a
grande intérprete da
mais pura melodia
cabo-verdiana, cantora,
atriz, compositora**

Maria Filomena St. Aubyn Pinto Benrós, conhecida por Meek, nasceu na cidade de Mindelo, ilha de S. Vicente, Cabo Verde. Ela é filha única de Cármen Fermino Pinto e de Ângelo St. Aubyn Pinto. Após a morte do pai, regressa para a ilha Brava com a mãe. Era com frequência que a pequena Meek viajava entre as ilhas de S. Vicente e S. Nicolau, onde se encontrava com a família paterna.

Meek criou rodeada de música e teatro. Opção nada casual, já que nasceu a beber nessa fonte: a mãe, natural da vila de Nova Sintra, destacou-se no seu tempo a atuar em saraus e sessões culturais na ilha como intérprete de mornas e apresentava ao público as novas criações do compositor Eugénio Tavares, ensinadas em primeira mão pelo próprio. Meek, por sua vez, desde cedo revelou voz e talento que despertaram a atenção de um dos frades capuchinhos, em missão na ilha, que mais tarde lhe ensinou noções de canto lírico em italiano.

Aos 13 anos de idade, aprendeu a cantar várias mornas compostas pelo célebre João José Nunes, conhecido por Nhô Joninho. Aos 15 anos de idade, teve lições de canto com a professora D. Maria da Glória que sabia ler música e tinha treino de ópera clássica. Encantada com a bela voz da aluna, convida-a para representar num teatro ao ar livre, organizado e produzido pelo frade capuchinho padre Conrado, onde desempenhou o papel de anjo e cantou "Ave Maria." A receção foi grandiosa e muito falada. E assim continuou Meek, representando e cantando em muitos mais eventos.

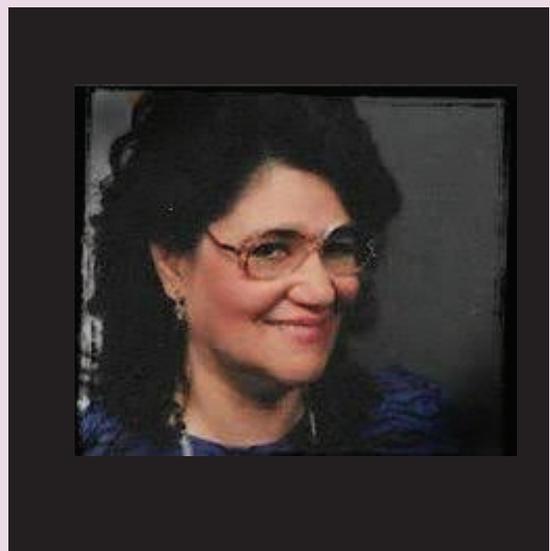
**RAPIDAMENTE ELA SE TORNOU
POPULAR NO ARQUIPÉLAGO
CONSIDERADA A VOZ DE OURO
DA ÉPOCA**



Durante uma visita a Mindelo, aos 17 anos de idade, chegou a cantar em emissão radiofônicas e, muito naturalmente, as mornas de mestre Eugénio e do ilustre Rodrigo Peres que fizeram parte do seu reportório. Ela cantou ao vivo na emissora radiofônica de Pedro Afonso, acompanhada por dois guitarristas. Rapidamente ela tornou-se popular no arquipélago, considerada a voz de ouro da época. Quando completou 19 anos, foi convidada pelo administrador do Concelho da Ribeira Brava, ilha de S. Nicolau, para cantar numa prestigiosa gala em honra do governador desse então território português, A. Roçadas.

A sua lindíssima voz e beleza serena, rapidamente conquistaram o coração de Tomas Ferreira Lima Benrós, filho do administrador do concelho Ribeira Brava, ilha de S. Nicolau, Emílio Benrós e Rosa Ferreira Lima Leite Benrós (sobrinha do ilustre poeta Januário Leite). Mais tarde Tomás e Meek casaram-se e foram viver na cidade da Praia, capital de Cabo Verde. Aí nasceram 4 filhos: Ricardo Jorge, Filomena, Dulcília e Hermengarda Andrea Benrós. Apesar da vida ter mudado a Dona Meek, ela nunca

deixou de cantar. Sem se aperceber, conseguiu gravar nos corações dos filhos a mais pura melodia das mornas bravenses, passando a arte de cantar à sua filha mais nova, a “kodé” Gardénia, que hoje é considerada uma das artistas mais versáteis e talentosas de Cabo-Verde.



**MEEK, PARA ALÉM DE SER CANTORA E ATRIZ,
ELA TAMBÉM É COMPOSITORA.**

Meek, para além de ser cantora e atriz, ela também é compositora. Em 1986, ela escreveu uma valsa em português “Rainha no Atlântico” que foi interpretada pela filha Gardénia no seu disco de estreia, gravado em Lisboa com a produção de Paulino Vieira, acompanhada de outros tantos excelentes músicos cabo-verdianos nomeadamente Toi Vieira e Péricles Duarte. Editado pela PolyGram, este trabalho faz de Meek uma pioneira no que se refere em lançar sua canção numa grande editora, pois a maioria dos registos discográficos de música cabo-verdiana da época foram edições de autor ou de editoras sem dimensão internacional.

Voltando à fonte, em 1994 gravou nos Estados Unidos, com o “MB productions”, “Beijo de sodade.” Esta é uma obra única na história da música cabo-verdiana, onde mãe e filha cantam juntas pela primeira vez em gravação discográfica. Com o decorrer do tempo, mãe e filha uniram as vozes numa só alma cabo-verdiana.

Reconhecendo o tesouro que havia herdado, a filha Gardénia lança a mãe num trabalho a solo em 2001. Gardénia apresenta ao público uma produção discográfica pela *Independent Talent Productions* intitulada “Morna nós herança” em honra à mãe, pois Gardénia sempre falou “eu sou a fotocópia, mas minha mãe é a original.” Esta obra traz de volta as criações de compositores da ilha Brava e S. Vicente, terra natal de Dona Meek. ■



Compositora

Meu Mindelo

Mindelo cidade encantada
No meio do mar isolada
Não te esqueci à partida
Na distância sempre lembrada

Teu mar teu monte cara
Teem encantos escondidos
Teu vento que nunca para
Diz segredos incompreendidos

Tua lua solitária
Em cores de imensa brisa
Na baía em luz espraia
Em cores que tudo erisa

Tenho saudades da praça
Da banda dos vapores
Das músicas, da dança
Dos jovens em amores

Ai! Terra tão longe
No meio do mar isolada
É como se fosse hoje
O dia da minha abalada
Nas ruas vibram violões
Amores em serenata
Acordam ternos corações
Sonhando com o luar de prata

Autora: Maria Filomena

St. Aubyn Pinto Benrós, Meek

Meu Mindelo - Parwtucket, RI 1988

Terra Querida - Hollywood, FL 1989



Monte Cara, S. Vicente

Terra Querida

Quando te recordo com saudade
O meu pensamento devaneia
Lembro triste a mocidade
Lembro a paz da minha terrinha

Hoje numa outra idade
Andando por este mundo enorme
Deixei a minha terra pequenina
Terra querida meu doce ninho

Longe, nesta grande América
Ao frio e ao “show” atirada
Neste calor tão fatigante
Oh! Minha terra, meu paraíso

Quero voltar um dia
Pôr joelhos no teu chão
Pedir o teu perdão
Nas minhas orações ao Criador





Barreto e Kaya

Os artistas José Maria Barreto e Kaya são dois ícones da pintura cabo-verdiana que têm enriquecido o universo artístico e cultural cabo-verdiano com os seus trabalhos.

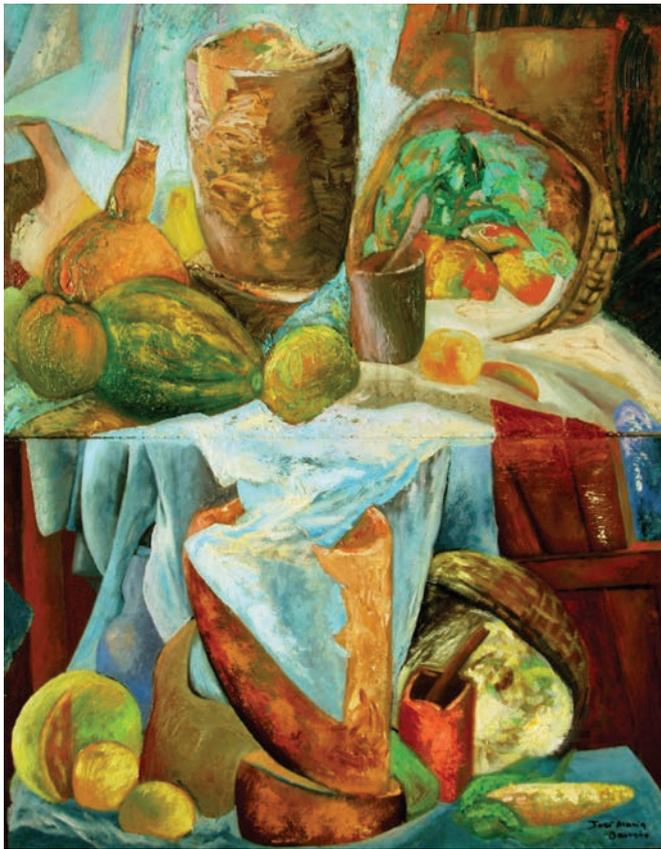
É, reconhecendo o esmero e mérito das suas obras que os destacamos aqui na nossa revista que tem o condão de registar e enaltecer todos os talentos que têm contribuído para o progresso do país.

José Maria BARRETO

Nasceu a 21 de Maio de 1957, em Assomada, Santa Catarina. Licenciou-se, em 1985, em Pintura Monumental pela Academia de Belas Artes de S. Petersburgo, com o grau de “Master of Fine Arte” pela mesma academia. Fez diferentes estágios e seminários de formação em Gêneve – Suíça, Lisboa – Portugal, Dar-es-Salaam – Tanzânia, Dacar – Senegal e Madrid – Espanha. E já fez mais de duas dezenas de exposições individuais em Cabo Verde e em vários países estrangeiros, da Europa, da África e das Américas.





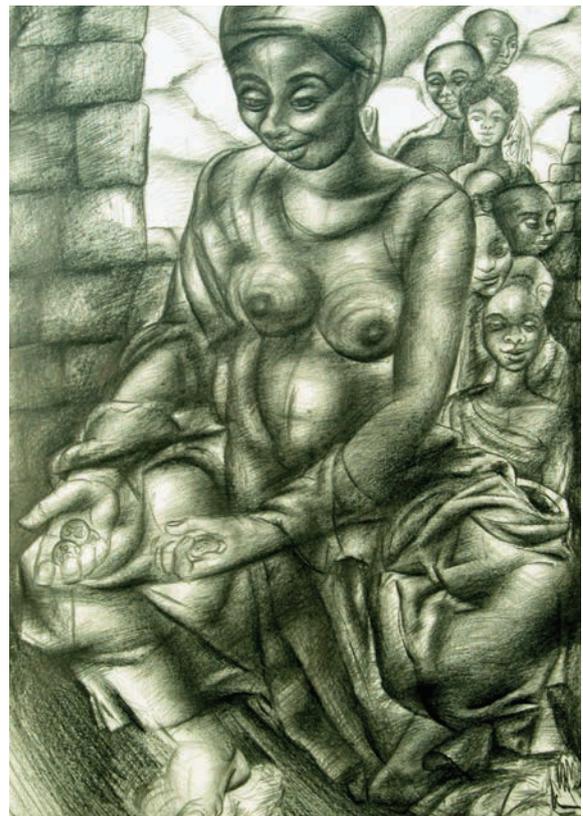
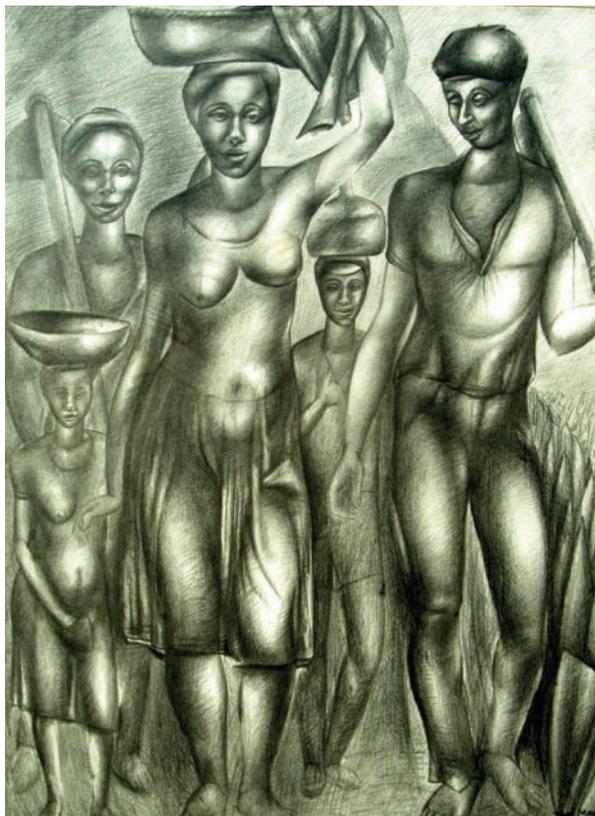


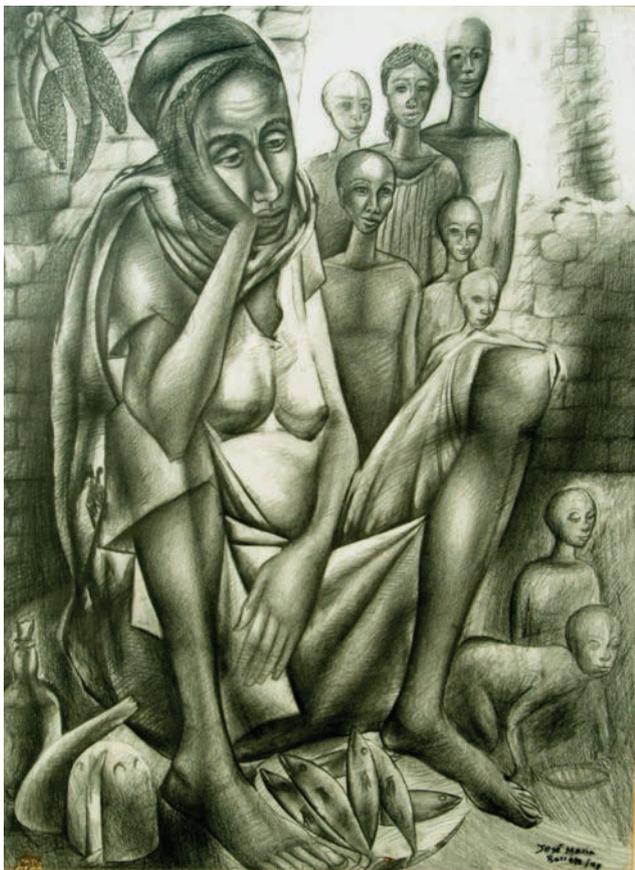
Quanto a **José Maria Barreto**, o que resalta logo à primeira vista nos seus quadros e que, de facto, os caracteriza, são a técnica do carvão que ele utiliza e a capacidade comunicativa de que se revestem.

Sendo os seus quadros de intensa plasticidade temática e de profunda expressividade, temos a sensação, quando os apreciamos, que mantêm um diálogo coloquial e intimista connosco, criando uma aura de forte empatia e sintonia. Sentimo-nos como se, de repente, tivéssemos adquirido o poder da ubiquidade e da telepatia, diluindo-se o nosso espaço-tempo presente e real no espaço-tempo imanente dos quadros, onde nos integramos e convivemos.

Artista de fina sensibilidade, J.M.B. consegue imprimir uma dinâmica e uma dialética inusitadas aos seus quadros, utilizando com mestria as técnicas do jogo de luz e de sombra e do claro-escuro, através dos seus traços e esbatidos que se multiplicam ao mesmo tempo que se contêm e se conjugam, criando toda uma trama de perspetiva, de contornos e de tonalidades que fazem determinadas expressões e movimentos adquirirem um significado próprio e uma determinada força sugestiva. Pressente-se, lá no fundo, toda uma palpitação latente, mensageira, impulsiva, que acaba por ser domada, controlada e equilibrada, em

J.M.B. CONSEGUE IMPRIMIR UMA DINÂMICA E UMA DIALÉTICA INUSITADAS AOS SEUS QUADROS, UTILIZANDO COM MESTRIA AS TÉCNICAS DO JOGO DE LUZ E DE SOMBRA E DO CLARO-ESCURO, ATRAVÉS DOS SEUS TRAÇOS E ESBATIDOS





nuances bicromáticas sobre um fundo multi-cromático de um universo a preto e branco.

O carvão, assim utilizado, catapulta os temas retratados para um ambiente de artística recriação resumando um ambivalente dramatismo, de contida tragédia, e um certo lirismo bucólico e romântico.

Tendo como fulcro central e fundamental do seu labor o Homem e a Vida, as telas de J.M.B. constituem como que um canto, ou uma poesia, ao e do povo cabo-verdiano. Ou, melhor dizendo, consubstanciam-se como testemunhos de uma saga ou a epopeia pictórica cabo-verdiana, em que os aspetos mais significativos dos hábitos e costumes da população, o quotidiano dramático e trágico da vivência ilhoa, bem como uma certa filosofia e postura de vida são captados.

Mas essa captação não é passiva, nem um mero instantâneo; ela é, sim, uma força telúrica, uma explosão de sentimentos, uma teia perceptiva, uma visão intelectual e uma capacidade imanente, veiculadas por uma paixão e um amor à arte e é, ainda, o produto de uma maturidade e de um percurso trilhado, trabalhado e meditado.

Há um olhar clínico e uma mão cirúrgica que vão delineando, traçando e descortinando todo um mundo de sonhos e de pesadelos, de vida e de morte, de existência e de vegetação.

Há uma sensibilidade ingente e um saber exato que vão orquestrando toda uma composição de postura, de enquadramento, de expressões, de linhas e de sombras que projetam uma infinidade de sensações.

Há um ritmo próprio, há uma visão particular, há um modo e uma forma certa de sedução e de convivência entre o artista e o seu meio e objeto de expressão, que fazem com que haja um estilo próprio e uma marca inconfundível, que relatam um determinado e específico jeito de estar, de mover, de sentir e de fazer no mundo da arte. Sendo certo que a maioria dos quadros de J.M.B. se caracteriza por uma sobrevalorização temática, não é menos certo, porém, que essa sobrevalorização acaba por se subordinar ao pendor estético, com o qual se harmoniza, evidenciado pela relação ambígua e metafórica que se estabelece entre a realidade e a imagem, fruto de uma criatividade do artista.

Isso é tanto mais certo, quanto mais atentarmos nas linhas fusiformes das figurações, presentes na maioria das telas e, principalmente, na impressão da irreabilidade perpetuada.

Propiciando às imagens a recriação de uma realidade de forma tão pouco mecânica e tão distante do realismo clássico, ao ponto de chamar a atenção do espectador sobre uma determinada realidade já agora metamorfoseada, conquanto subjetiva e, portanto, estético-artística, é o mesmo que dizer original e genuíno.

Daí o ocorrer um certo abstracionismo figurativo e de um expressionismo que nos subjugam a alma e a vira do avesso, com um crescendo estético dado pela respiração a preto e branco de um ambiente necessariamente, onírico, transfigurado e distante de uma natural fixação e, como diria o poeta, *“de uma tristeza confrangedora qual infinito dentro do peito, ou um rio sem fim metido na alma”*. ■



António Carlos dos Reis Barbosa

TONY KAYA

Nasceu na cidade da Praia, aos 13 dias de outubro de 1970; veio duma família de artistas, pois tanto o pai como da mãe eram artistas; desde criança descobriu os seus dotes para desenho e pintura e, aos 15 anos de idade, saíram as suas primeiras obras de arte, pintando fotografias, paisagens e natureza morta.

Nos anos 90, fez estudos de arte africana em Bamaco, Mali. Depois, teve o artista plástico Domingos Luísa como mestre durante 12 anos.



Pintura mural em homenagem à Mulher Cabo-verdiana



Kântico
di nhas ilhas

Trabalha atualmente por conta própria nas áreas de cenografia, decoração e **design** gráfico, pintura de mural e artes plásticas. Em 96, organizou uma exposição coletiva intitulada “A Arte e as suas faces”, no Palácio da Cultura, tendo influenciado vários jovens então; foi também um dos promotores do movimento “Talentos Escondidos” com radicação em todas as ilhas de Cabo Verde, trazendo à tona novos jovens artistas. Em 99, abriu a KAYARTE - arte decorativa e publicitária (microempresa) em parceria com Emanuel Furtado e A Promotora (capital de risco) que funcionou também como um atelier de formação, colaborando com o Centro de Apoio Profissional, ajudando os jovens. Foi condecorado pelo 1º Ministro de Cabo Verde, Dr. José Maria Neves, e pelo Sr. Presidente da Câmara Municipal da Praia, Dr. Felisberto Vieira.

EU E A MINHA OBRA
TEMOS UMA RELAÇÃO
MUITO ESPIRITUAL, NA
QUAL EU PINTO ATRAVÉS
DA MÚSICA E DA POESIA,
ISTO É, NUNCA PINTO
ANTES DE ESCREVER UM
POEMA OU LER POEMAS
DE OUTROS ARTISTAS;





EU ACREDITO QUE NO SURREALISMO CONSIGO TRANSFORMAR O SONHO, A POESIA E A MÚSICA NUMA OBRA PICTÓRICA

1 – Eu vejo a minha pintura numa forma bem enquadrada na sociedade cabo-verdiana, tendo em conta a crítica positiva que vem sendo feita sempre que apresento as minhas obras ao público. Um pouco por todo o lado, vai-se vendo algumas obras minhas em vários países do mundo.

2 – Ser pintor para mim é ser escolhido e apresentado com toda a arte. Não é difícil, desde que façamos a nossa arte com muito gosto. As dificuldades aparecem sempre. Isso depende do estilo de vida e do país que temos. Depois da minha primeira exposição, tive grande sucesso e enquadrei-me bem no mundo da arte. Sucesso para mim é quando o artista dá o seu melhor para que a sua arte dê um grande contributo à sociedade. A arte pode mudar o mundo porque a arte é o único refúgio mais que perfeito que em nós podemos encontrar e diferenciar o sonho esculpido no sono.

3 – A importância para mim, em termos artísticos, é ter correspondido à visão do público nas minhas mensagens. Eu e a minha obra temos uma relação muito espiritual, na qual eu pinto através da música e da poesia, isto é, nunca pinto antes de escrever um poema ou ler poemas de outros artistas;

21



Sonhu 2



Tuku na Tchada



N'verson d'amor



Sonhu

na música (que eu também pratico) seria a mesma coisa, mas de preferência as de intervenção poética e espiritualista, com grande conexão com a natureza, tais como as do Vasco Martins e outros da mesma natureza, não importa o país ou a cultura porque, no mais recôndito das almas, a liberdade soa mais do que a vida e, por isso, considero-me um pintor surrealista. Eu acredito que no surrealismo consigo transformar o sonho, a poesia e a música numa obra pictórica, onde todos conseguem compreender e viajar por entre as cores, as formas e a plástica conseguida nesse processo

O ACONTECIMENTO ARTÍSTICO MAIS MARCANTE, PARA MIM, FOI O MOVIMENTO “TALENTOS ESCONDIDOS” DE QUE FUI UM DOS PROMOTORES

Pintura mural em homenagem aos pescadores do Brasil da Achada de Santo António





Pintura mural
em homenagem
à Natureza

surrealista. Enfim, considero-me um pintor da música e da poesia.

Eu fui orientado pelo Domingos Luísa como aprendiz. Na época, tive alguma influência de vários artistas do movimento surrealista, das décadas de 20 e 30, tais como o Salvador Dalí, André Breton, Freud e outros.

O acontecimento artístico mais marcante, para mim, foi o movimento “Talentos Escondidos” de que fui um dos promotores. Houve grande intercâmbio entre as ilhas, com *workshops*, exposições, visitas de *ateliês*, pintura de mural, restauro de vários monumentos danificados por vandalismo, e não só. Também a cidadania. Tudo isso aconteceu em quase todas as ilhas num processo de continuidade...

4 – A minha visão entre a arte e os nossos artistas é de lamentar; digamos, nem todos são iguais e espero bem que compreendam a minha ótica; a arte não é mais que criar e viajar e trazer novas colheitas; é como diferenciar a doutrina e a alma, porque só na arte e com a arte somos criadores.

5 - Bem, nós, os cabo-verdianos, já entendemos o que é a arte. Mas agora estamos no caminho de compreender o que é a arte...

Na minha arte, sinto muita força dos demais, “pa mas un KONTINUASON”.

6 - Eu diria: mais respeito à ARTE e à CULTURA CABO-VERDIANAS, que bem merecem.

A situação dos artistas é de se lamentar, o Governo até parece que está de olhos vendados, brincando com a cultura e os artistas de burro cego “dispôs d’es moré é ka nada”, artistas sem abrigo, passando fome, sem

reforma, sem apoio, na rua, na droga, sem assistência médica, sem poder sustentar a família, sem casa própria, depois de ter dado tudo pela nossa cultura. “Na batuku, tabanka, funaná, mórna, koladera e só teatru; ku tudu tipu di arti, nos governu ta fla: e ke li ke di nos”. ■

(KUAL E KE DI NOS?)



Gunia di serenata

TOY DJACK

É um artista de alma cheia. Um músico de corpo inteiro, que tem contribuído com a sua música para levar o amor, a paz e a alegria ao coração de todos.

Tendo passado por muitas situações difíceis e pelas agruras da emigração, Toy Djack é um músico, compositor e intérprete, principalmente de morna e coladeira, que merece todo o nosso reconhecimento e estima. Daí o seu destaque aqui nestas páginas para que todos conheçam bem este grandioso artista.



António Joaquim dos Santos, Toy Djack, nasceu na pacata aldeia de Ribeira Prata, ilha de São Nicolau, no dia 17 fevereiro de 1932.

Proveniente de uma família humilde, o pai, Joaquim António dos Santos, trabalhador, e a mãe, Júlia Matilde Silva, doméstica, seguiram rumos diferentes. A sua difícil infância foi dividida entre a casa da mãe e a do pai, na ilha que o viu nascer, e em São Vicente, em casa de um tio materno, que gentilmente o acolheu em 1940. Nesta sua primeira passagem pela Ilha do Monte Cara, morou em Alto Companhia, Monte Video, Casa Nova (Fonte Filipe), Casa Nova (Ribeira Bote) e Lombo Tanque.

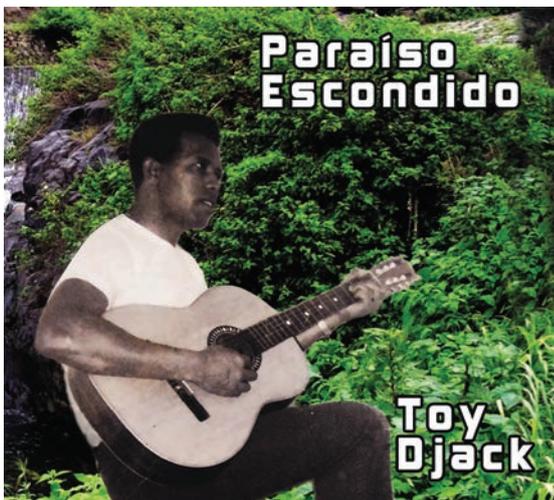
Não teve a sorte de ir à escola; havia outras tarefas prioritárias a serem desenvolvidas. Mas como a tolerância nem sempre imperou na sua educação, cedo teve de aprender a distinguir o bem do mal e a entender a necessidade de ser assertivo e independente.

Em São Vicente, surgiu-lhe a oportunidade de frequentar a Oficina “d’ Cung” (Pontinha) na área de serralharia, onde desenvolveu alguma habilidade para moldar, cortar e soldar.

Em 1950 regressou a São Nicolau; não incluiu muita coisa na bagagem, mas levou a vivência de “mocinho d’Sãocent”, o aprendizado dos anos da oficina, a determinação, muita vontade de crescer como HO-MEM e vários sonhos, de entre eles o desejo de se tornar um BOM PAI de família (os seus filhos havia de educar).

Engana-se quem pensa que voltava analfabeto, pois aprendeu a ler e, com uma caligrafia firme e delimitada, as cartinhas de amor escrevia. Sim, fora autodidata, embora tivesse deixado para trás o sonho de ser médico-cirurgião; não sabe ao certo se o empacotou, se desvaneceu-se na infância, durante as noites escuras de guarda na horta do padraço, se o terá perdido nas ruas d’Morada, enquanto carregava o “binde” de cus-cuz, ou se o terá afogado no poço de Matiota, quando a água ia buscar.

Porque a sina do cabo-verdiano é a emigração, como bom crioulo, em 1954 aventurou-se a embarcar rumo a São Tomé; a situação da ilha de São Nicolau





Toy
Djack
em
Mindelo

AS LONGAS, FRIAS E SOLITÁRIAS
NOITES DE EMIGRANTE FORAM
AQUECIDAS PELO SEU VIOLÃO QUE,
ENCOSTADO AO PEITO, INSPIRADO
NA SAUDADE E EMBALADO PELAS
TURBULENTAS ONDAS BRANCAS
DOS OCEANOS AZUIS, “CHORAVA”
TÍMIDAS NOTAS

impelia as pessoas a procurarem uma vida melhor na terra longe. Foram dois contratos, seis duros e pesados anos nas roças de São Tomé; valeram-lhe os anos de aprendizado na oficina de “Cung”, o que lhe permitiu desempenhar outras tarefas além do trabalho no campo.

Em 1962, escolheu um novo destino, Europa. Holanda tinha aberto as portas à emigração e, à semelhança de muitos compatriotas, foi procurar a sua sorte, tendo tido a oportunidade de embarcar e trabalhar durante 30 (trinta) anos em diferentes companhias, na sua maioria holandesas. Contudo, a sua longa e gratificante carreira no mar iniciou-se a bordo do navio tanque TOSCANA, de bandeira norueguesa, no qual trabalhou durante 29 (vinte e nove) meses.

Em 1964, o destino uniu-o à sua amada, Armanda Filipa Silva Santos, a esposa e companheira durante 38 anos, que na intermitência da emigração, o fez pai de sete filhos (quatro rapazes e três meninas).

Porque nem todos os sonhos se perderam pelo caminho, em **1983**, alimentando o desejo de educar e formar os filhos, mudou-se com a família para São Vicente, fixando residência em Cruz João Évora. Deixar a casa, os familiares, os amigos e a Ribeira Prata (o seu Paraíso), não foi decisão fácil, mas esta não era uma mudança definitiva; como prometera à sua Armanda, a reforma e a velhice seriam disfrutadas na casa onde nasceram os seus meninos, concluída a missão da sua educação.

As longas, frias e solitárias noites de emigrante foram aquecidas pelo seu violão que, encostado ao peito, inspirado na saudade e embalado pelas turbulentas ondas brancas dos oceanos azuis, “chorava” tímidas notas.

Foi assim que nasceram muitas das suas mornas e o sonho da sua compilação e divulgação. Durante décadas acalentou a vontade de gravar um disco, desejo que foi deixando na gaveta porque as prioridades familiares falavam mais alto. Este seria um projeto pós-reforma.



Ribeira
Prata



Em 1988, uma hérnia discal viria a interromper a vida de cozinheiro no navio holandês “Unden”, mas nem isso o trouxe de volta para a junto da família. A legislação holandesa tinha-se tornado mais exigente, embora estivesse impossibilitado de exercer no mar, não foi considerado totalmente incapaz. O relatório médico recomendava uma atividade em terra. Como arranjar trabalho em Holanda com 56 anos? Sabia que não ia ser fácil, e não foi possível.

O destino é por vezes cruel; a tarefa de educação dos meninos, que tinha sido uma das suas principais preocupações, via-se mais difícil; os filhos, a maioria agora no liceu e/ou a estudar no exterior, precisavam mais do que nunca do seu apoio e, apesar de não poder trabalhar, era obrigado a permanecer na Holanda até à idade de pré-reforma.

Perante este desígnio, teve que aprender a gerir 80% do seu salário de modo a honrar os compromissos assumidos, a garantir o seu sustento no estrangeiro, da sua família em Cabo Verde e a apoiar a filha mais velha que estudava no exterior. Valeu-lhe nesta fase o rendimento da mercearia em que tinha aventurado investir.

Atingida a idade de pré-reforma, em 1992, regressou definitivamente a Cabo Verde. Tinha chegado o momento de se unir à família, disfrutar do prazer da sua convivência, assistir ao crescimento do primeiro neto e ver nascer a primeira neta.



“Toscana”, o primeiro navio



“Undem”, o último navio

COM O SEU NOVO ÁLBUM, TOY DJACK CONTINUA PRIVILEGIANDO A MORNA E A COLADEIRA E O OBJETIVO CONTINUA SENDO O MESMO: O DE CONTINUAR A FOMENTAR O AMOR ATRAVÉS DA MÚSICA

No entanto, a família numerosa via-se reduzida: os filhos tinham crescido, os mais velhos tomaram diferentes destinos. A azáfama da casa cheia, o vazio das gargalhadas, dos gritos da criançada, das histórias contadas à volta da gigantesca mesa de sala de jantar, foram preenchidos pela esperança de poder voltar à terra natal, concluída a missão que ditou a mudança da sua família para São Vicente.

A doença da mulher em 1997, viria a deitar por terra a sede da felicidade com a amada, após a reforma. Um sofrimento raro fê-lo enterrar a esposa no dia 20 de junho de 2002 e, com ela, o sonho do regresso definitivo à sua “casinha” de Ribeira Prata. Como voltar a viver no Paraíso, sem a sua Armanda? A idade já não recomenda e nem recomendava o isolamento do Vale de Ribeira Prata e a solidão das quatro paredes da casa que lá no passado construíra.

Resta-lhe o consolo de alguns dias de repouso, em determinadas épocas do ano ou, quando a saúde lhe permitir umas escapadelas, para algumas partidas de “guritipau, busca ou oril” com velhos e novos amigos, umas pernadas de mazurca, enganando a saudade.

Em 2012, com muito esforço e perante o silêncio das muitas portas onde bateu, conseguiu concretizar mais um dos seus Grandes Sonhos, a gravação do CD

“**Paraíso Escondido**”. Foi um projeto desafiante, que só foi possível graças ao apoio que recebeu das empresas onde trabalham três dos seus filhos (Caixa Económica, Enacol e Conchave), dos amigos, dos familiares, em especial dos seus próprios filhos, que se dedicaram de corpo, alma e coração ao projeto.

De se destacar também o apoio recebido do então Ministro da Cultura e da Diretora do Centro Cultural do Mindelo.

Paraíso Escondido conta com a segunda voz das netas, Hédine e Mara Gomes, e as onze faixas são retratos do nosso quotidiano e de uma história de 80 anos, marcada pela dor da saudade e da separação.

Porque a determinação foi sempre uma das suas principais virtudes, agora prestes a completar 87 anos, tem na fase final o projeto do seu segundo CD “**Tributo Universal**”.

Sim, não obstante a idade, Deus concedeu-lhe este privilégio e, novamente acompanhado pelas duas netas, continuando a contar com o total apoio da família, Toy Djack abraçou mais este ambicioso projeto de frente erguida. E se tudo correr bem, este seu novo álbum estará disponível no mercado até o final do ano ou início de 2019. “Tributo Universal” é composto por doze faixas musicais, todas da sua autoria, à semelhança do que aconteceu com o primeiro trabalho.

Com o seu novo álbum, Toy Djack continua privilegiando a morna e a coladeira e o objetivo continua sendo o mesmo: o de continuar a fomentar o amor através da música. Com efeito, a faixa que dá título ao álbum (uma das três mornas do CD), nada mais é do que uma “mantenha de esperança de um cabo-verdiano humilde” para este nosso mundo, hoje em dia, infelizmente, algo atribulado.

Que a vibração das notas de cada umas das suas músicas e da alma cabo-verdiana, de uma forma geral, contribuam para que a paz cedo seja uma constante no seio da humanidade. ■

Com as netas Mara e Hédine



**APRESENTAÇÃO
DO LIVRO
“SOLILÓQUIO
NO TEMPO
UM COMBATENTE”,
DO AUTOR
CARLOS JOGERO**



SAUDAÇÃO

Em nome da Sociedade Cabo-verdiana de Autores, nesta semana nacional da cultura, cumprimento os presentes e saúdo, em especial, o Autor Carlos Jogero, antes de toda a precedência habitual. Hoje é um dia especial para ele, mais do que para todos nós. Agradeço esta partilha que ele faz connosco e que muito nos honra como povo crioulo, que tem a resistência cultural como seu principal símbolo.

Cumprimento todas as autoridades aqui presentes, consoante seus cargos e funções, e invoco a memória dos heróis nacionais, antigos Combatentes da Liberdade da Pátria, dos quais se destaca a figura de Amílcar Cabral, em cujo museu realizamos este ato. Proponho dividir esta apresentação em dois momentos: o primeiro em que farei uma resenha biográfica do autor e, na segunda parte, farei a apresentação propriamente dita da obra.

RESENHA BIOGRÁFICA DO AUTOR

Carlos Jorge Rodrigues Spínola, também conhecido por Professor Spínola pelos seus amigos e colegas da Universidade de Cabo Verde, é natural de Ribeira da Barca, do Concelho de Santa Catarina. O Autor é Licenciado em Educação na Especialidade de Marxismo-leninismo e História pelo Instituto Superior Pedagógico Enrique José Varona, em La Habana (1988); Mestre em Tecnologia Educativa, pela Universidad de Salamanca (Espanha) e Doutor em Ciências da Educação, pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, em 2009.

Estamos perante um verdadeiro docente, de formação e de exercício, considerando que: Carlos Spínola começou sua carreira como Professor do Ciclo Preparatório de Assomada, em 1981/82, e, depois da sua formação, exerceu também na Escola do Magistério Primário da Praia, no ano de 1988/89; a seguir, no Liceu de Santa Catarina e no Liceu Domingos Ramos, de 1989 a 1993. A partir de 1993,

ingressou na Escola de Formação de Professores do Ensino Secundário, que depois veio a ser o Instituto Superior de Educação e que integra a atual Universidade de Cabo Verde, tendo acompanhado todo o percurso da EFPES/ISE até chegar à UNICV, onde se encontra até hoje.

Como dirigente, exerceu os cargos de Delegado do Ministério da Educação, na ilha de Santiago, de 1989 a 1992. No Instituto Superior de Educação, foi Chefe do Departamento de Ciências da Educação e depois na UNICV; para além de Professor e Coordenador do Curso de Ciências da Educação, também tem no seu percurso as funções de membro do Conselho Científico e do Conselho da Universidade.

INTRODUÇÃO À OBRA

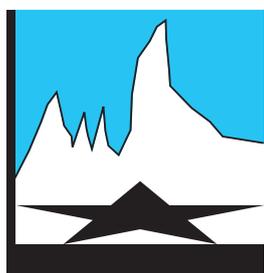
Solilóquio no Tempo um Combatente é um livro de 67 páginas, da Soca Editora, publicado na Semana Nacional da Cultura, com capa do próprio autor.

Uma obra de título enigmático que, desde o primeiro contato, nos alerta para um protocolo de leitura, baseado na complexidade, já que permite uma diversidade de olhares (complementares e nunca excludentes), a começar pelo termo **Solilóquio**, de procedência latina, que tem na sua base conceptual o sentido de “falar sozinho”. Trata-se de uma técnica frequentemente usada nos palcos teatrais e nos romances; solilóquio distingue-se de monólogo, exatamente porque, no monólogo, a personagem dirige-se ao espectador ou ao leitor, enquanto que no solilóquio o enunciador *dialoga* consigo mesmo, ou com sua alma. O narrador permanece no seu interior, nos seus pensamentos, mas tem, todavia, a necessidade de enunciá-los em voz alta, diante de outrem; embora possa, em alguns casos, ignorar a presença desse mesmo *outrem*.

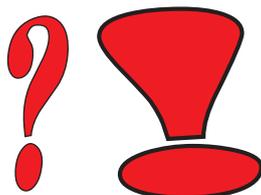
No século XX, estes recursos tornam-se frequentes nas obras literárias. E a partir deste grande mundo das Letras, proponho três olhares, consoante as sub-áreas e algumas linhas de pesquisa: um olhar a partir da Crítica Textual, considerando que o autor da obra e, portanto, do título, é também autor do hipertexto que compõe a capa; outro olhar da Literatura e Identidades Culturais em Chão Pós-Colonial e um terceiro olhar a partir de Literatura e Outras Artes, em que a literatura dialoga com as Indústrias Culturais e nos permite ler o livro como um texto fílmico.

- A área de Crítica Textual-Ecdótica, nascida da antiga Filologia, pertence ao grande ramo das Ciências da Linguagem e ancora a nossa primeira leitura que nos ajudará a ler a capa como parte integrante da obra. Pelo título, muitas leituras são possíveis. Solilóquio que seria o falar sozinho, ensimesmado, “no tempo”, pode ser indicativo de uma obra em

CARLOS JOGERO



SOLILÓQUIO NO TEMPO UM COMBATENTE



aberto, considerando a quebra do sintagma que parece iniciar-se como nominal, mas é seguido de uma conjunção adverbial de tempo, que não sabemos se será um complemento circunstancial, já que ela precede “um combatente”; sem que haja uma preposição que ligasse as duas estruturas finais, não se sabe se o solilóquio é: *de* um combatente?, *para* um combatente?, *com* um combatente?, *por* um combatente? Ou ...outra preposição...

O enigma é reforçado, através das imagens da capa que incluem expressivos sinais de pontuação: o de exclamação que pode indicar desde a admiração à força de uma decisão, ou conclusão... e o de interrogação que poderá ir da dúvida ao descrédito, ou à reflexão que nos interpela. E para as linhas de leitura que sugerem que os hipertextos na capa não devem fazer parte da análise da obra, o autor reforça esta diversidade de leituras, já que começa a primeira ação em Portonzinho, que abre a narrativa. O protocolo de leitura é-nos dado, através da dedicatória que costuma ser também hipertexto, no sentido de se excluir da narrativa, mas que assume um valor relevante no trabalho que é hoje dado à estampa. Leiamos as páginas 5 e 6:

DEDICATÓRIAS

De 1982

Aos meus pais Laurinda e Pedro.

Aos amigos David, Charles,

Pedrona e Pedrinho.

À população-herói de Assomada,

À VILA NA CRISTA

DE SANTIAGO,

Das mil batalhas e nos mil combates.

DE AGORA

Aos meus mui amados:

minha esposa,

Maria Antónia,

aos nossos filhos (...)

À minha extremosa mãe (...)

AOS MEUS IRMÃOS QUERIDOS

Aos combatentes que foram para as matas

da Guiné e aos presos do Tarrafal (...)

À Professora (...) que me orientou Solilóquio no tempo, na versão de Doutoramento.

E assim entramos na obra, a partir de Portonzinho, com as tradicionais categorias da narrativa: o espaço começa no Portonzinho e nas localidades mais próximas, e o tempo que é o emblemático ano de 1965, em que as personagens: Nhô Armindona, Flávio, os Pides, os jipes, os cães que ladram e o próprio narrador que abre a ação e que tece o enredo numa fluida narrativa. É de se notar que, a cada momento que, através dos olhos da personagem, nos centramos num espaço, ele faz toda a cartografia do lugar, as personagens em ação, muita luz, excessiva luz sobre quem se rebela e muita escurecimento por parte dos opressores.

Prestemos também atenção aos jipes, aos cães que ladram, aos pés que correm, quase sempre pés de jovens que, descontentes, ousam reclamar por justiça e querem fugir ao jugo colonial. Tantos cães a ladrar, luz e faróis, jipes, presos, alguém a correr, assovio de balas, tiros ...são traços familiares à literatura da década de 1960 e 1970, até antes de 1974. Vem-me sempre à mente o livro *Vidas Novas* de Luandino Vieira e suas personagens...

Lembre-se que a esta literatura se chamou pre-conceituosamente de literatura engajada, para os donos do cânone, mas também “arma de luta”, pelos seus autores e apreciadores; mas ela volta hoje, bem mais tarde, como forma de resistência que reclama a memória do sofrimento: o oprimido tem direito à memória e a opressão seria redobrada se o silenciamento suprimisse o direito à memória. Na impossibilidade de transcrever as três páginas (p. 16 a 19), acompanhemos a personagem, no momento em que...

Subiu a rua a toda a velocidade e, frente ao mercado, o assobio de uma bala perfuradora o silêncio da noite, seguido do matraquear de um par de botas que lhe ia no encalço. Foi então que lhe deu para virar na rua do Portonzinho. E ao dobrar a esquina, ouvira outro assobio agudo de bala. Felizmente perdida. Depois ouviu o roncar de um carro e viu as luzes de um jipe em sua perseguição, dobrando também a esquina para Portonzinho.

...O ENIGMA É REFORÇADO, ATRAVÉS DAS IMAGENS DA CAPA QUE INCLUEM EXPRESSIVOS SINAIS DE PONTUAÇÃO: O DE EXCLAMAÇÃO QUE PODE INDICAR DESDE A ADMIRAÇÃO À FORÇA DE UMA DECISÃO, OU CONCLUSÃO... E O DE INTERROGAÇÃO QUE PODERÁ IR DA DÚVIDA AO DESCRÉDITO, OU À REFLEXÃO QUE NOS INTERPELA

E assim entramos já na segunda leitura que vem da linha da Literatura e Identidades Culturais em Chão Pós-colonial. Esta linha faz o transplante dos valores da independência em diálogo com a literatura dos PALOP, produzida depois da independência desses países. O pensador mais importante que inspira esta literatura é exatamente Amílcar Cabral e, depois, seus colegas dos PALOP que lutaram pela independência de cada país. Nas universidades brasileiras, os valores da luta de libertação são utilizados para se ler obras de Luandino Vieira, Paulinha Chizseane, Pepetela, entre outros. Em CV, vamos usar esta linha para ler Carlos Jogerio.

De um lugar seguro, bucólico, a personagem caminha para longe, à procura de um sonho; enfrenta a luta e um dia regressa. As peripécias da partida, no caso de Nhô Armindona, tanto como as outras personagens, estão ligadas aos valores da justiça, liberdade, fraternidade; a língua como fator de identidade e a assunção da negritude e africanidade. Todos os valores parecem caber na palavra liberdade: badiu, sampadjudu, francês, português (tuga não colonialista)... não se separam os valores.

O caminho chão não é mera coincidência nesse tipo de literatura: todos os protagonistas têm uma caminhada por fazer: a Dina em *Vidas Novas*, o Domingos Xavier, o pequeno Ngunga de Pepetela e agora acontece o mesmo com *Solilóquio um combatente*. Há um caminho simbólico também; há uma ferida a se curar; e há um regresso a se fazer... tudo isso, ancorado por um sonho de toda uma nação, que sustenta a luta.

Na epopeia do Protagonista, os espaços são: Portonzinho, Ribeira da Barca, Mindelo... algumas personagens essenciais seriam: Os Camaradas, O Sonho, A Volta, de novo para ... e o Portonzinho que fecha o ciclo e termina a obra.

Um terceiro e último olhar vem de Literatura e Outras Artes, em que a literatura vai dialogar com as Indústrias Culturais e nos permite ler o livro como um texto fílmico. Assim, num sublime momento de fruição, exemplo de total prazer estético, estamos como o pássaro da liberdade:

Era uma vez um filho codê, de pássaro de África. Um dia, muito aborrecido em estar na sua terra, disse à Mãe:

“Mãe, vou andar por este mundo, para ver o que há para além desta montanha...” (Veja-se o texto nas páginas 53 a 57)

Este excerto do livro, para além de ser fílmico, também nos reporta à literatura infanto-juvenil. Pudera! O quadro de onde o filho parte à descoberta do mundo, no seu primeiro voo, apresenta-nos uma mãe a contar histórias aos seus filhos, à noite, na escada da rua, da casa onde moravam.

O narrador e protagonista conta-nos a história do alto dos céus, como o pássaro da liberdade e como uma câmara de filmar. Nos dias atuais, tratar-se-ia de uma espécie de drone, com a capacidade de um condor, que filma a partir do alto, livre e potente, pronto para construir novas versões de identidade. E escolhe a poesia, a música, as expressões afetuosas da língua cabo-verdiana, para costurar novas identidades, a partir do mundo, da mente e do coração de uma criança.

Convido-vos a ler a obra, para descobrirem como se fecha o ciclo. Mas, desde logo, garanto que estamos perante um grande livro, de fácil leitura e de complexa análise. Eu disse complexa, não difícil. Porque é sempre um aprendizado e nos deixa orgulhosos, como povo e como nação. ■



*Prof. Augusta Évora
Teixeira, ano de 2018*



António Silva Roque

ESPERMAS DE SOL

Em Pré-Apresentação

O LIVRO

“É tão impossível traduzir a poesia como o é traduzir a música”.

Voltaire

António Silva Roque incumbiu-me de alinhar algumas linhas de abertura para o seu primeiro livro escrito, batizado com o nome de “Espermas de Sol”. Porque muitos outros ele tem gerado e entregado ao mundo de formas diversas, como ser humano de inquestionáveis atributos pessoais e profissionais. Sendo os desejos “ordens” e dada a nossa amizade de há longa data, senti-me honrado com tal distinção e humildemente pus-me a caminho destas linhas.

Silva Roque estreia-se na poesia pelas mãos deste delicioso e encantador livro. Inicialmente tive a tentação louca ou patética de tentar desconstruir. Desisti a tempo de não cometer um desastre poetal. O título eleva-nos para múltiplas dimensões semânticas e metafóricas, permitindo-nos, desde um enveredar bíblico à criação, passando pelos sonhos germinantes de vidas novas por construir, conjugando presente e futuro nos mesmos verbos viver, aprender, amar e evoluir.

Denota-se aqui uma espécie de processo catártico - de que todos padecemos um pouco -, excomulgando solidões, incompreensões e angústias que há muito deveriam ter sido ultrapassadas. A autoconsciência impele-nos, no entanto, para este jogo de que poderíamos ter feito diferente e melhor, mesmo não estando no campo de qualquer batalha. Os seres dotados de profundo sentido estético e, ao mesmo tempo, espiritual, sentem esse “chamamento missionário para o bem” como se de algo fisiológico se tratasse.

Trata-se de uma espécie de percurso de vida em que se delineiam e se cruzam histórias de outras vidas não contadas, em que, bastas vezes, aparece o sujeito poético, não como protagonista, mas, sim, como um observador de espelhos.

O HOMEM

“A poesia está na alma, como o rouxinol está nos ramos”.

Alfred Musset

Silva Roque é a todo o instante um verdadeiro cavalheiro, um ser preocupado com os seus semelhantes.

Tem o currículo pessoal e profissional pejado de feitos e virtudes. De professor a jornalista, tem-se destacado em termos interventivos na área social e cultural, com requinte para este último, tanto em atividades académico-literárias, como em participação na qualidade de excelente declamador e nos primorosos programas radiofónicos em que tem vindo a fazer um trabalho de mérito partilhando e divulgando, ao longo de anos, a génese da morna e dos seus autores. E, por falar em partilha, é de bom-tom relevar que aquele que recebeu o dom da comunicação, que consegue escrever o que lhe vai na alma, tem quase a obrigação/dever de dividir o seu talento, seja poeta ou prosador, pois é algo impossível de segurar no seu interior.

Silva Roque é um exímio recitador. A poesia tem o seu zénite também na declamação, pois, ler um poema, ainda que mentalmente seja ensaiada a declamação, é diferente de o ouvir declamado por mestres dessa arte que dá toda a expressão à poesia outrora descoberta por espíritos maiores. Ele faz isso com esmero. Faz com que o poema ganhe, então, uma vida própria. Como se a arte da declamação conseguisse sublimar o espírito do poeta, na poesia vibrante, ofegante, a poesia que respira através das palavras sabiamente entoadas.

A SUA POESIA

«Poesia são pensamentos que respiram, e palavras que queimam».

Thomas Gray

Este é um livro de poemas que convida à leitura de um só fôlego, porque está pejado de vida.

Na tessitura destes poemas insertos em “Espermas de Sol” de Silva Roque, temos a sensação, vezes sem conta, de que paira no ar o eterno mistério dessa necessidade de recriação das coisas em palavras dotadas de imagética, para terem mais vida, e da vida em poesia, para ser mais vivida.

Escrever é como (que) uma necessidade vital para um escritor com um talento inato como é o caso de Silva Roque. Ao invés de se exaurir, parece que ganha mais vitalidade à medida que escreve, à medida que deixa o seu talento fluir em “Espermas de Sol”. Há



muito que esperávamos da parte dele por este “filho literário”.

Haja musas inspiradoras, ou apenas os olhos de um observador privilegiado – jornalista, professor e ser humano com uma sensibilidade apurada –, que transformem as coisas mais banais num poema carregado de formosura, ou ainda a revolta destilada pela pena nos versos que se juntaram num momento qualquer para verberar determinado sentimento guardado e fechado pelas portas do tempo. E as palavras vão-se amontoando energizantes, febris, à espera da sua moldura final, o poema. Sentimos isso em “Espermas de Sol”, na arquitetura das palavras, na dança intrigante que as coloca numa ordenação quase mística.

Através da poesia de Silva Roque, as palavras sucedem-se, ora lentas, ora frenéticas, ao ritmo da criatividade, compassado pelas pausas ou silêncios que enformam o pulsar de cada poema ganhando uma musicalidade arrebatadora. O autor brinca com as palavras criando antíteses sobre a arte da vida e na soltura libertária com poemas que ora são caústicos, ora errantes, conspirativos, baralhando-nos como num conto de fantasias ou num mero desequilíbrio de jogo de cartas virgens.

Há pelo meio encantos, recantos e geografias por ter vivido em vários lugares. Isso reflete-se nos seus escritos, sendo, por vezes, terno e menino, noutras, telúrico ou transcendente, visionário, intelecto-social, um crítico mordaz nos jogos de palavras. Vaticina e desrima os propósitos, mas as suas palavras saem sempre imaculadas.

O SEU OLHAR SOBRE A VIDA

Quem conhece Silva Roque, descobre a essência de um autêntico filósofo. E aqui, nestes poemas, plasma a vida. Fala quase na primeira pessoa, de experienciadas. É o que se pode quase apelidar-se de matérias confessionais. No entanto, mesmo nestes casos, os factos pessoais fazem parte apenas da matéria literária, o ponto de partida. Entre o que o autor viveu, ou sentiu, e a obra, existem todas as medições da invenção, da reinterpretação, da imaginação.

Não se furtando ao desafio da luta pela vida e pelo amor, nesta compilação de poemas, Silva Roque mostra-nos a sua verdadeira essência, de uma profunda maturação pessoal como ser humano. Em voz alta, transformando as palavras em verdadeiros ritos encantatórios, que na verdade são, restitui-lhes o poder da poesia de interferir positivamente na harmonia do mundo que nos cerca. É que pelos caminhos das nossas vidas de mero pó e de letras, os desafios espirituais transvestindo-se de ânsias, angústias, sentidos de libertação, descobertas e reencontros, simbionizam-se devolvendo-nos recados que a nossa matéria intelectual não depreende. E Silva Roque faz isso com mestria e sobriedade quando versa as relações humanas nas manhas e nos cuidados que empresta nos envolvimentos espírito-emocionais.



Presenteia-se, e é notória nestes poemas de Silva Roque, uma espécie de revisitação a alguns dos seus mitos e referências literárias, às leituras da sua infância, a grandes autores que o marcaram.

Todos sabemos que o reconhecimento é algo complexo. Uns almejam-no. Outros repudiam-no, como é o caso de Silva Roque. O seu sentido de discrição é impressionante, fazendo todos os possíveis para passar despercebido e enaltecendo sempre o trabalho dos outros.

A SUA RELAÇÃO COM A VIDA

“A poesia é mais fina e mais filosófica do que a história; porque a poesia expressa o universo, e a história somente o detalhe”.

Aristóteles

Silva Roque consegue de forma magistral neste livro espelhar vivências e interpelações várias. Ele é um homem liberto da idade e do tempo. Vive na transversalidade das coisas a vivificar, tempo, nações, pensamentos, circunstâncias e histórias. O seu aguçado espírito esvoaçante (perdoem, talvez, sobrevoante) tornou-o um observador atento (e muitas vezes participativo) dos rudimentos épico-literários que alicerçam a nossa vida coletiva.

António Silva Roque brinda-nos assim com uma estética e um ritmo próprios de quem sabe falar do hoje, dos sonhos e das relações.

Ele espelha-se e reflete-se no homem, como ser histórico, que tem anseios, necessidades e valores que estão em constante modificação. É um excelente observador social no que tange aos sentimentos e à evolução do ser humano perante o seu livre arbítrio.

Nesta sua relação com a vida, utiliza a literatura para se debruçar sobre as relações do homem com o mundo e com seus semelhantes nos modos de encarar a vida, de problematizar a existência, de questionar a realidade, de organizar a convivência social, enfim, o seu modo de ver e de estar no mundo.

Encontramos, assim, este poeta vertical, ora questionando do cimo das montanhas, ora curvado a revolver a terra com a enxada das suas próprias mãos. E nunca esperou pelo canto do galo. Sempre esteve a caminho brandindo a foice e a palavra, semeando no ventre de todos os dragoeiros a beleza da vida.

Neste livro, fruto de uma gesta experienciada e vivificada, encontramos, de forma ímpar e esteticamente bem conseguida, uma fotografia escrita de um homem pleno de pureza no amor universal. ■



Por: Daniel Medina

ESPERMAS DE SOL

Outono chegou
Há espermas pelo caminho de um calvário
Há espermas e as laranjas do sol
estão no poente de tanta dor
Há flores de jasmim e há flores meu amor

Eu renasci no regaço da minha mãe
num quintal de lírios florindo
eram quatro horas
da tarde de um dia por inventar

Com os espermas da luz
fecundo o teu amor
para iluminar todos os calabouços
desta vida

Trouxe para ti meu amor
Tâmaras ácidas ... tâmaras ácidas
E são beijos deste outono tão longo

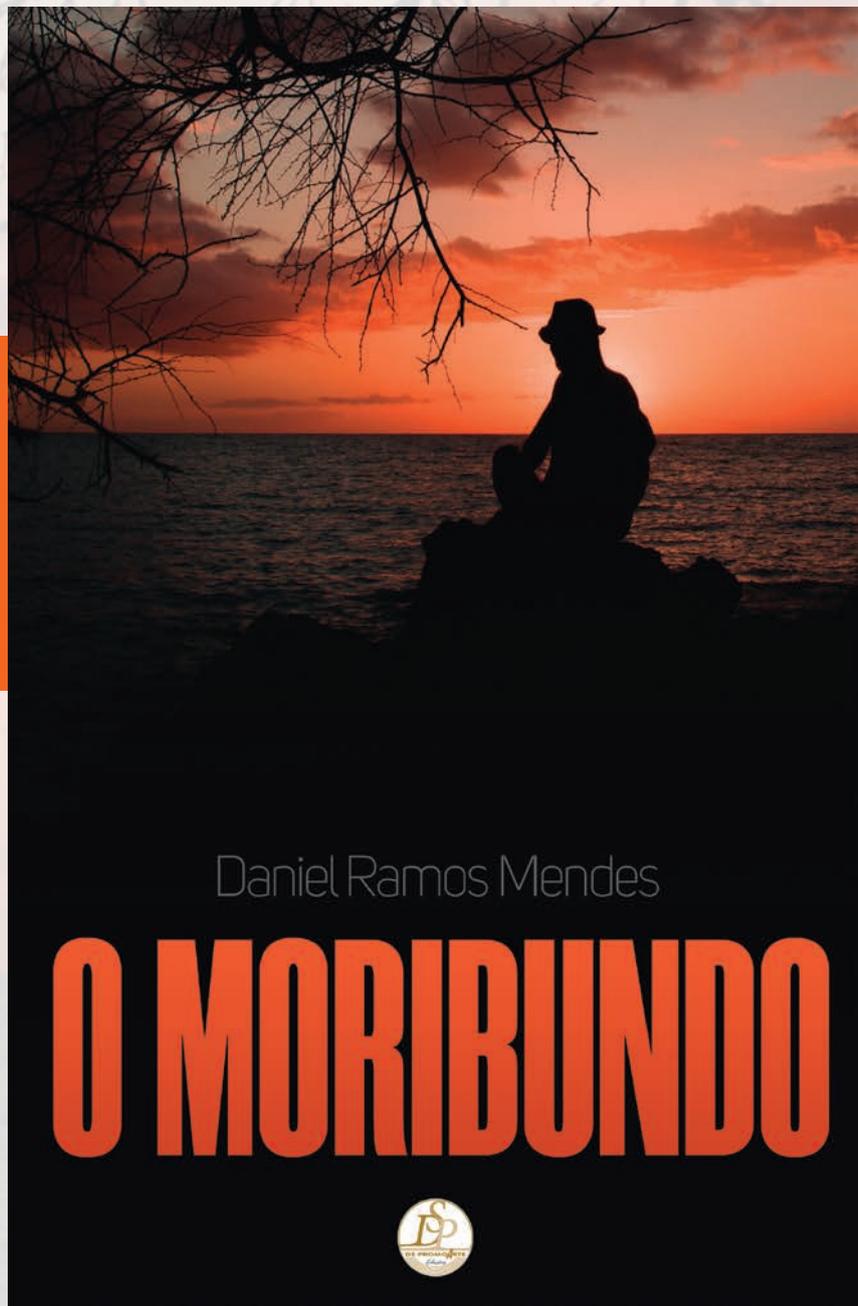
Oblíquo olhar da madrugada
Sobre o rio de pássaros esvoaçando
Para além da música do eterno azul

Chilreios e gorjeios
Aurora rubra de lábios acesos
e o espelho onde o amor se projeta

Entro no café para absorver o vazio dos dias
Tudo é silêncio e a sua guitarra muda

Tudo, e o rio que desagua na sua foz de dor
Prisão sem grades eu enclausurado
na dor de não poder voar
para além da música do eterno azul

O Livro **O Moribundo**, de Daniel Ramos Mendes, já está no prelo e vai ser lançado dentro em breve. É com a devida vênica que destacamos aqui o texto de introdução da obra para que tenham uma ideia do seu conteúdo e da proposta de leitura da nossa Revista.



Nesta obra, depara-se com dilemas éticos, que, na verdade, apenas os são de uma perspectiva ética eminentemente afirmativa, pela qual, de forma contundente, afirma-se a sacralidade do Ser. Porém, convém afirmar que tal advém de um preconceito metafísico, enraizado na tradição, incapaz de afirmar a racionalidade de formas outras de ser e pensar. Já Parménides tinha categoricamente identificado Ser e Pensar, relegando à mera opinião tudo o que estivesse fora deste âmbito, ao mesmo tempo que negava ao não-ser, de forma absoluta, toda a possibilidade de Ser. Contra a pretensão metafísica de subjugar a multiplicidade, pretende-se precisamente afirmar o inverso, na medida em que não há um fundamento racional último para a legitimação de uma ética afirmativa; aliás, vai-se um pouco mais longe com a apresentação, não a apologia, de uma ética negativa, cujos compromissos podem estar muito mais próximos da moralidade.

DIZER QUE SER É ESCOLHA É AFIRMAR A POSSIBILIDADE REAL DE SE OPTAR PELO NÃO-SER. CONTUDO, PODER-SE-IA PERGUNTAR: É MORAL OPTAR-SE PELO NÃO-SER?

Convenci-me de que a literatura pudesse ser uma forma privilegiada de acesso ao Ser, numa altura em que ainda mal compreendia o significado desta última palavra. Mais do que as incursões filosóficas, milenarmente enredadas em armadilhas conceituais, a aventura literária pode fecundar inúmeras intuições filosóficas que, de outra forma, perderiam toda a sua força reveladora.

O compromisso fundamental da criação não é com a verdade, pelo menos entendida no sentido uno e absoluto, mas a apresentação de verdades plurais, não comprometidas com um pretense todo abstrato ou que negligencia a realidade múltipla circundante, irredutível à vontade de esquematização. Esta, como já dizia Nietzsche, oculta tão-somente a vontade de domínio. A meu ver, a experiência literária é compatível com o próprio perspectivismo nietzschiano, na medida em que possibilita fazer experiências com o pensamento, um deslocar contínuo de perspectivas, permitindo-nos a tomada de consciência de que o nosso ponto de vista não é o único existente, ou a merecer existir, mas um entre vários outros, sendo que, por outro lado, nos faculta uma visão menos superficial do Real. A força literária está na apresentação de situações múltiplas e paradigmáticas que, sem o rígido fardo conceptual, alarga o nosso horizonte, na medida em que aumenta o campo do possível.

Nesta obra, depara-se com dilemas éticos que, na verdade, apenas os são de uma perspectiva ética eminentemente afirmativa, pela qual, de forma contundente, afirma-se a sacralidade do Ser. Porém, convém afirmar que tal advém de um preconceito metafísico, enraizado na tradição, incapaz de afirmar a racionalidade de formas outras de ser e pensar. Já Parménides tinha categoricamente identificado Ser e Pensar, relegando à mera opinião tudo o que estivesse fora deste âmbito, ao mesmo tempo que negava ao não-Ser, de forma absoluta, toda a possibilidade de Ser. Contra a pretensão metafísica de subjugar a multiplicidade, pretende-se precisamente afirmar o inverso, na medida em que não há um fundamento racional último para a legitimação de uma ética afirmativa; aliás, vai-se um pouco mais longe com a apresentação, não a apologia, de uma ética negativa, cujos compromissos podem estar muito mais próximos da moralidade. Parte-se de pressupostos simples: o Ser não se afirma no singular e não se caracteriza pela inexorabilidade, ele é, sobretudo, escolha, dependendo da atitude que se assume perante a própria vida – paternidade ou abstenção da mesma, o suicídio, a eutanásia e outras;

a dor e o sofrimento e, conseqüentemente, todo o discurso moral estão intrinsecamente ligados ao Ser, e são, neste sentido, evitáveis.

Dizer que ser é escolha é afirmar a possibilidade real de se optar pelo não-Ser.

Contudo, poder-se-ia perguntar: é moral optar-se pelo não-Ser?

A ética tradicional não permite que se responda afirmativamente a esta questão, dela fazendo um tabu, no âmbito do seu esquema, que pergunta antes sobre a forma como se deve viver, uma questão que se estende, por exemplo, ao tipo de pai que se deve ser. É de capital importância esta última questão, pois, ao problematizar-se o valor da vida, tem-se em vista, em geral, apenas o valor da vida que está aí, descurando-se o problema da vida cuja possibilidade está naquele que está aí. A ética tradicional parte do pressuposto de que o Ser é melhor do que o Nada, sendo que aquele nunca é considerado uma escolha entre outras, como se a vida fosse algo compulsivo.

É interessante notar que a obrigação moral de ser pai se desloca para o plano da própria Teodiceia, pelo que seria legítimo perguntar: qual o fundamento ético para a criação de um mundo por parte de Deus? Porque tinha de criar um mundo imperfeito?

Diria eu que somos o reflexo das nossas próprias divindades ou, o mais acertado, seria o contrário, que elas sejam o nosso reflexo. Ora, se Ele não tivesse criado um mundo que sabia de antemão imperfeito, não teria criado nada e a nossa ética afirmativa não está em condições de enfrentar esse nada. Nem a defesa de Leibniz de que Deus teria criado o melhor dos mundos possíveis, O livro de ter que, no Juízo Final, sentar-se no banco dos réus e responder no processo pelos males do mundo, a não ser que demonstre que este mundo é melhor do que não criar mundo algum. Que a dor e o sofrimento radicam no ser, dor e sofrimento estruturais, não intramundanos, e que, no entanto, são evitáveis e, conseqüentemente, inúteis. Todo o sofrimento é inútil.

Obviamente que o problema ético do Ser se coloca de forma diferente ao ser já existente e ao ser meramente possível, pois, se tenho pela frente o não escolhido fardo de viver a minha morte e sofrer as agruras do ser, o mesmo não se pode dizer em relação àquele que ainda não é e cujo desprendimento do não-Ser depende de mim. Por um ato de vontade, uns e outros dirão de amor, que estranho sentimento, posso decidir que o filho possível permaneça no não-Ser ou viva o não-Ser.



O Moribundo

Há que dizer que para aquele que já está aí existe ainda a possibilidade da escolha pelo não-Ser, o que não deixa de ser uma escolha da escolha, pois que apenas opta por aquilo que já é. O suicídio não é uma escolha pela morte, mas por uma forma específica de morrer. O suicida nega radicalmente o mundo e o seu jogo, sendo o tipo oposto ao sobrevivente que ainda encontra, ou quer encontrar, motivos para continuar a viver a sua morte, para o que deve concorrer diferentes medidas paliativas; já Freud as apresentava como condição *sine qua non* da própria existência, do equilíbrio mental, pois sem elas o homem sucumbiria, irremediavelmente, à neurose.

Ao sobrevivente resta a ilusão da sua inserção no jogo da vida. Se o suicídio é uma opção pelo não-Ser, o continuar a viver a morte não deixa de também ser uma escolha (mas será que pelo Ser ou, antes, pela sua ilusão?). Já Sartre tinha concebido o homem como projeto, pelo qual dá sentido à sua existência, ainda que de forma contingente, ou, como dizia Heidegger, numa contínua fuga de si mesmo e daquilo que lhe é mais próprio – o seu ser-para-a-morte.

A morte, como possibilidade existencial, como o fim do ser do homem, é a sua possibilidade mais própria, incondicionada, certa e, como tal, indeterminada e inultrapassável. Ela coloca-nos perante a possibilidade da impossibilidade de qualquer nova possibilidade. A morte é a compreensão da impossibilidade de toda a relação, de todo o existir. Ora, sendo que a morte apenas se compreende como possibilidade, a sua compreensão não é a esperar ou dela fugir, mas a sua antecipação emocional através da angústia.



O conceito de morte como possibilidade existencial implica que a morte não é um acontecimento particular, situável no início ou término do ciclo de uma vida, pois impregna ontologicamente o ser do homem e é, assim, uma possibilidade sempre presente na vida humana, capaz de determinar as suas características fundamentais. O Ser torna-se impossível pela experiência da morte, a nulidade possível das possibilidades do homem e de toda a forma do homem e, uma vez que toda possibilidade, como possibilidade, pode não ser, a morte é a nulidade possível de cada uma e de todas as possibilidades existenciais; é nesse âmbito que afirma Merleau-Ponty que o sentido da morte é a contingência do vivido, a ameaça perpétua para os significados eternos em que este pensa expressar-se por inteiro. A religião vai bradando, através dos séculos, que o Ser é possível, não aqui e agora, mas num tempo que há-de vir; a arte, à sua maneira, apregoa a eternidade, ainda que simples instantes que revelem o Ser, sublimando a existência, por cima da miséria e carnificina humanas; a ciência promete o progresso e a construção de um mundo melhor, apesar das relações humanas estarem cada vez mais degradadas; os doutores da ética contorcem-se em invenções morais, como forma de tornar possível o homem numa das possibilidades do seu ser, o Ser-com – podem ser todas medidas paliativas úteis para os sobreviventes, para os que têm pela frente a não escolhida tarefa de morrer e que têm também de sofrer com a morte, a dor e o definhamento do outro.

Enquanto ser jogado no mundo por uma vontade alheia, tem o homem ainda a tarefa de procurar a autenticidade, reapropriando-se de si próprio, enquanto ser-para-a-morte, enquanto totalidade acabada, isto é, o ser do homem é, num único movimento, passado, presente e futuro; e a ideia de futuro que importa é a que nos move agora no presente e nos coloca perante a nossa possibilidade última.

Até para sair da vida pode o homem ser inautêntico e medíocre.

Ora, apenas se morre uma vez. Que eu seja, então, o senhor da minha morte, uma morte profunda e intensa e que seja tudo o que o nascimento não foi. ■



Daniel Ramos Mendes

Praia, 27 de janeiro de 2009



Celina Lizardo

MEMÓRIAS POÉTICAS

Este é um livro especial. Todo ele bordado, desenhado e musculado no feminino. O livro é um elogio às mulheres em forma de “Memória Poética”.

É simples e ao mesmo tempo forte como as mulheres. Surpreende pela doçura e leveza.

Por vezes, sentimos que Celina Lizardo deixa a pena ser levada pela brisa do pensamento, na qual vai encontrando as respostas imbricadas no seu interior. É que, segundo ela, “*A escrita é uma forma de desabafar / Expressar os sentimentos e sofrimentos / Sem ter de ouvir / Ou sentir, dos outros / Murmúrio ou censura*”.

Pelos caminhos da vida, descobre os poderes do sonho e da realização. E porque os mesmos não têm limites, dá asas à sua fértil imaginação. “*Posso ser um pássaro / E pousar num cântaro / Ou voar para qualquer lugar*”, ou seja, constrói os seus sonhos poéticos e os da sua vida real sem aceitar proibições.

Celina Lizardo metamorfoseia-se nas linhas da sua escrita. Subdivide-se entre mãe, mulher, guerreira, sonhadora, questionadora e protetora, brindando-nos com uma forma de escrita suave, lânguida e intimista, levando-nos pela mão nas suas incomensuráveis viagens, para logo de seguida, nos deixar interpretar os versos esparsos nos seus poemas pejados de quotidianidades.

Por entre as descrições, há perfeitos autorretratos. Vemo-la e vemo-nos como se fosse num jogo de espelhos, onde diz e escreve o que sentimos e pensamos.

A sua relação com a natureza e a com a sua ilha natal é simplesmente enleadora. Vezes sem conta dialoga com elementos da natureza, estabelecendo uma relação interativa de profunda veneração e ao mesmo

BEIJA-FLOR

Oh beija-flor,
Que beijaste uma flor!
Que linda que ela é
Como o sol do amanhecer.

Voas mares e mares
Espião flores para beijar
Como uma abelha a tirar mel.

Oh beija-flor,
As flores que beijaste
Cheiram bem até hoje.

Autora:

Yanissa Lopes

(9 anos de idade)

tempo de cumplicidades. “*Eu aprecio o infinito céu / Visto de um farol / Durante o apogeu / de um pôr-do-sol*”. A sua escrita sensitiva transporta-nos para um vasto mundo de sensorialidades. Impossível ficar alheio.

As questões existenciais explanam-se ao longo das páginas à procura de respostas, identificando a presen-



MEMÓRIAS POÉTICAS

Celina Lizardo

OS SEUS POEMAS DESFILAM
HARMONIOSAMENTE PELAS
RELAÇÕES HUMANAS,
ACONSELHANDO, MOSTRANDO
ESTRADAS E SAÍDAS
COM UMA SUBTILEZA
IMPRESSIONANTEMENTE
MÉLICA PELA GENUINIDADE
COM DELINEIA OS SEUS VOOS
POÉTICOS E EXPRESSA OS SEUS
SENTIRES

ça de uma crença constante numa força criadora, em si mesma e na iluminação dos outros seres humanos. *“Estou perdida / Num labirinto sem saída. / Queiram me ajudar, / Sem nada cobrar, / A encontrar o caminho / Para o meu ninho?”*

Os seus poemas desfilam harmoniosamente pelas relações humanas, aconselhando, mostrando estradas e saídas com uma subtileza impressionantemente mé-

lica pela genuinidade com delinea os seus voos poéticos e expressa os seus sentires. *“Vai surgiu uma força / Para suspender a âncora / Do navio que conduz / Ao caminho da tua luz”*. Os seus enredos levam-nos a acreditar que se trata de uma escritora imbuída de uma profunda ética e de um amor universal transcendente em relação a todos os outros seres humanos.

O amor revela-se em toda a sua escrita e está ao virar de cada esquina dos seus versos. Mesmo quando se denota algum ceticismo ou mágoa, as suas palavras são viradas para o perdão, que é uma forma de amor. *“Reza a história / Que aquele amor / Materialmente destruído / Foi perpetuado por Deus. / E o que Deus uniu / Ninguém separa”*. A afetividade também é demonstrada através dos poemas que falam de beijos: *“Aquele beijo / Que tanto sonhei / E desejei / Mas nunca dei”*.

O dia-a-dia e os lugares que fazem parte da sua vida obedecem a uma suave teia de envolvências, de uma autêntica candura alicerçada por fortes convicções que transversalizam a sua estrutura emocional e espiritual quando mergulha e descreve alguns cenários típicos que marcaram alguns dos seus trajetos de vida: *“Decorada pelo Monte Cara, / Que é uma beleza rara, / E a Avenida Marginal / Que à tarde parece sensual / Com os feixes luminosos do sol, / A baía do Porto Grande / Tem ainda a seu favor, / E sem pudor, / O vizinho ilhéu / Adornado com um farol, / E o fascínio do céu”*.

Não fosse ela um ser humano, Celina Lizardo encontraria na angústia, na dor e nas desilusões motivos para tecer motivos, palavras e frases genuínas e encantadoras que lhe saem do coração, em forma de súplica ou de desabafo do que lhe acorrenta a alma: *“Oh mar das águas profundas / Que inspira a minha alma / E me acompanha nas noites quentes, / Naquelas viagens imaginárias, / Para fugir da solidão / Que devasta a minha alma”!*

Sente-se nos poemas da Celina um prolongamento da sua própria natureza. É ela ao natural em estreita comunhão com os espaços que a envolvem e impregnam de humanidade.

Os seus textos sobre a beleza da natureza fazem-nos refletir sobre nós mesmos. Conduzem-nos a lugares magníficos, onde só é preciso apenas parar, olhar e voltar a ler.

Alimenta-nos a alma até porque a força da natureza é o amor.

Vivencia o amor em todas as etapas e momentos da sua vida. É quase transcendental. Traz e apresenta-nos as recordações com uma subtil delicadeza, capaz de nos fazer aceitar e compreender as diversas situações que experienciou.

As flores parecem ter um papel preponderante na sua vida. Estão sempre presentes em várias cores e sob inúmeras formas. As imagens subliminares contidas nos versos transmitem-nos uma sensação balsâmica.

Ler “Memórias Poéticas” de Celina Lizardo é uma viagem indescritível pela melodia de uma escrita envolvente e profundamente do ponto de vista estético. ■

Daniel Medina

Tomé Varela da Silva, T.V. da Silva, publicou, recentemente, três obras inéditas, que registou na SOCA, cumprindo com o seu dever de membro da SOCA. Devido à importância desses livros, destacamo-los aqui, (pelo menos dois) a partir da apresentação do próprio autor.

PRESENTASÓN¹

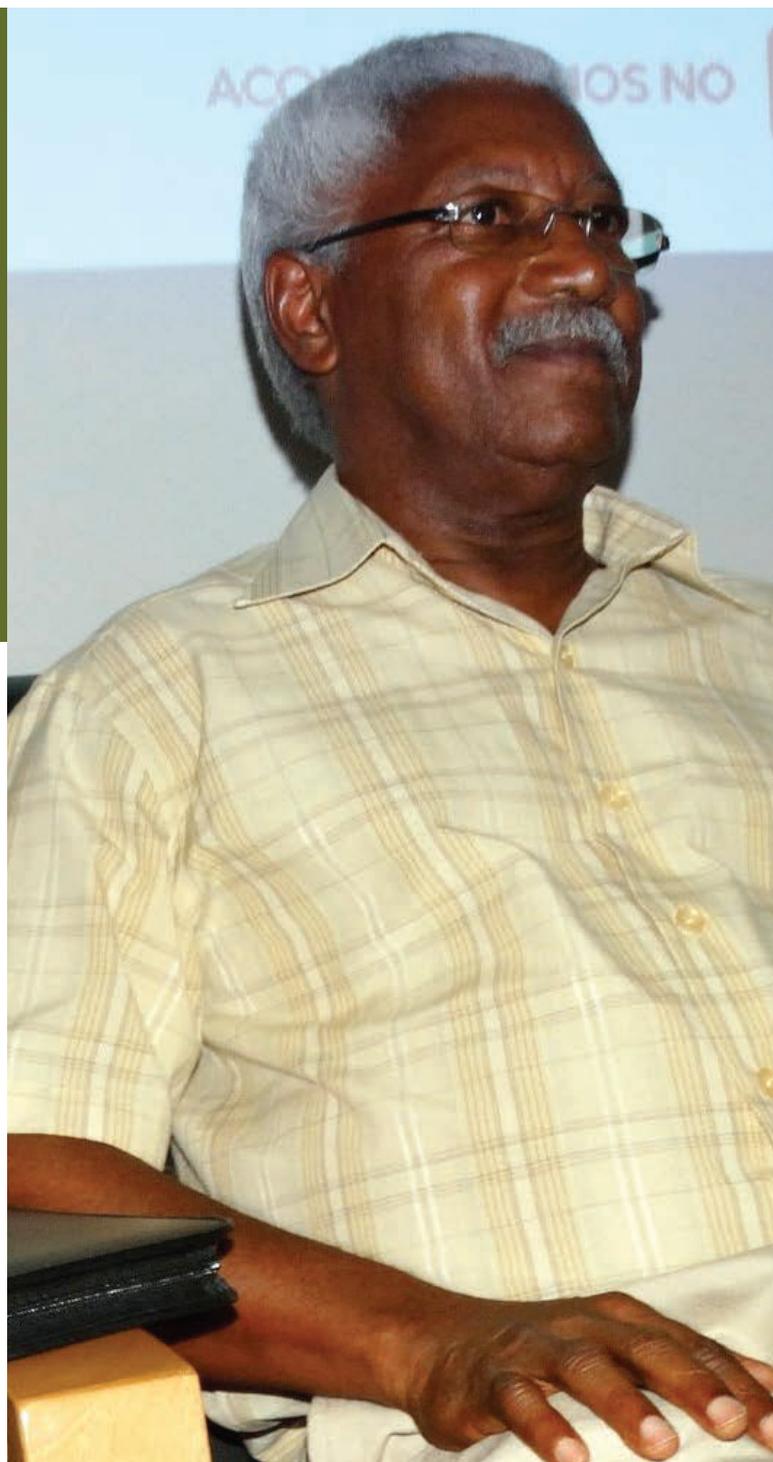
Ideia di skrebe es nsáiu ku nómi di *Alfabétu Káuberdiánu: un prupósta di skrita ku stória, voltádu pa futuru* parse-m duránte nha frekuénsa (di sérka di dos mes) di kursu di mestrádu na Kiriolístika i Língua Káuberdiánu, ki Universidádi di Káuberdi (Uni-CV) toma nisiativa di kírria i nplimenta, apartir di ánu letivu di 2010-2011.

El ta sérba tema di nha disertason di mestrádu, si N kontinuába nel. Nfilismenti, N ka kontínua, pa razons ki N ka ta (s)poi li. Entritántu, pa otus razon ki ta avansádu más pa diánte (kfr. 0.1 i 0.2), N disidi na tráta kel tema li, inda ki ku abordáji diferenti di kel ki el ta tenba na ánbitu di mestrádu.

Kel diferénsa di tratamentu li ta toma na kóna várius aspétu. Entri es, tipu di linguáji (undi ta prifridu fasilidádi di kumunikason, nbes di rigurozidádi sientífiku), téknika di spozison (ventualmente diferenti di kel ki disertason o tézi di mestrádu ta iziji o konsedja), liberdádi di análizi i spozison (undi N ta sigi nha ntuison i nhas konviniénsa pesual di abordáji), senpri ku prokupason di ser asesivi (ti undi N ser kapás) i útil pa tudu kenha ki pode sta nteresádu na konxe más un opinion i pozisionamentu, sobri alfabétu i skrita káuberdiánu.

Kándu N pensa na skrebe es trabádju, N ta konfesa ma nha ntonson i dizeju más fórti éra di kontribui pa tarse algun fasilidádi i lijeramentu na skrita di nos língua. Sobrutudu na tarseba algun lijeramentu i fasilidádi na uzu di asentus gráfiku (diakritis). E ki N sta konbensedu ma e undi ki atualmenti ta xintidu más diskonfortu, pa fálda di sufisienti sklaresimentu i adikuádu konximentu i uzu di régras ki dja ten na matéria, len di algun

¹ Pa midjór konprenson i purbetamentu di nórmis di skrita, nomiádamenti ralasionádu ku utilizason di diakritis (asentus gráfiku), N ta sujiriba ki ledor dába un sálto ti kapitu-3 des trabádju i léba (ku algun atenson) kel sinku alínia (ki ta ruzumi régras di asentu gráfiku ki N ta difende) pontádu na tirseru parágrafu di pontu 3.4.3.3.3, ántis di kontínua letura.



nkuerénsa, dizorientason i rizisténsa, albes musturádu ku algun dózi di má-fé, ki própi fálda di ofisializacion di língua i di padronizacion di si skrita ta kontribui pa es.

Oxi, N sta konbensedu ma nha kontribuson nes trabádju li, más di ki na fasilita skrita (kusa ki éra un di nhas dizeju purmeru i más grándi), nomiádamenti através di un prupósta di uzu más moderádu di diakritis, sta sobrutudu na sklarese skrita i uzu di diakritis (através di un prupósta di régras talbes más kláru i más sistemátiku, i di un sistema más abranjenti i kuerenti di utilizason di diakritis), na divérsus situason, nomiádamenti morfolójiku.

N ta kridita, entritántu, ma kes sklaresimentu li di régras i ses sistematizason abranjenti (si, difátu, es kon-



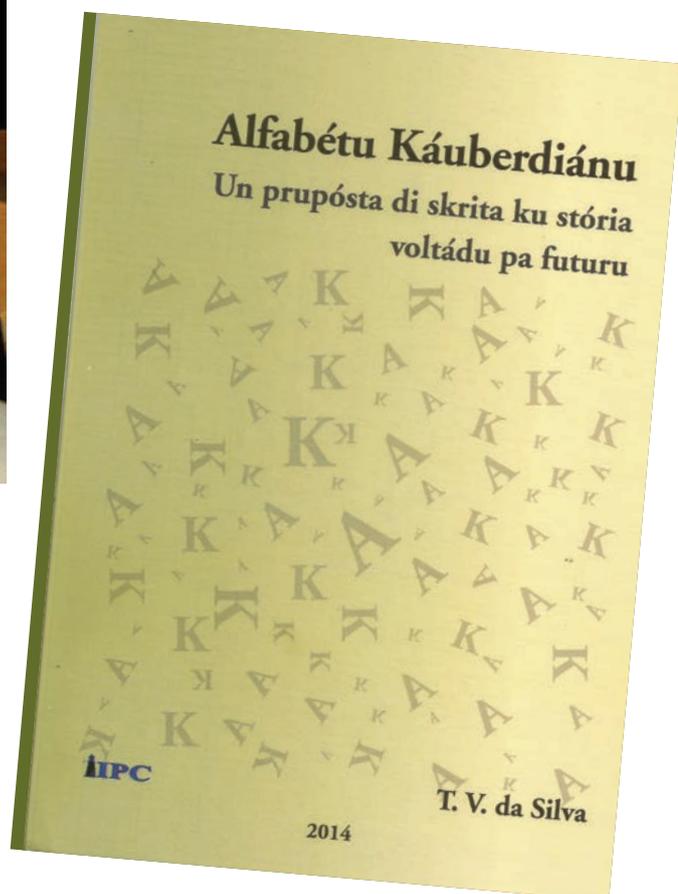
KÁNDU N PENSA NA
SKREBE ES TRABÁDJU,
N TA KONFESA MA NHA
NTENSON I DIZEJU MÁŠ
FÓRTI ÉRA DI KONTRIBUI PA
TARSE ALGUN FASILIDÁDI I
LIJERAMENTU NA SKRITA DI
NOS LÍNGUA

sigidu), apezár di real omentu di utilizason di diakritis², pode ben tarse, komu un di ses konsakuénsa, prisizamenti fasilidádi na skrita, na konprenson i na kumunikason di mensáji. Sobrutudu pa ledor ki, naturalmenti, e álvu final (en prinsipi) di kalkér ntenson di skrebe. Na verdádi, kel prupósta li ta kubri kuázi tudu situason (si ka tudu) undi podeba tenda algun sónbra di dúvida sobri grou di abertura di diterminádus vugal.

Si kel li kontise difátu, ledor pode fika sértu ma nha obujetivu final i últimu sta konsigidu. Konsakuentimenti, nha satisfason ta ser kuázi total, inda ki N sta konsienti di un grándi kaminháda ki prusésu di dizenvolvimentu di skrita di/na nos língua matérnu inda ten pa frenti. Kel li ta ba iziji inda txeu trabádjku ku txeu disgásti (i disgostu) fíziku, ntilekital i sosial di txeu káuberdiánu didikádu, ki ben ta fase di dizenvolvimentu i promoson di/na língua káuberdiánu un kiston pesual i di ónra, len di un obrigason di sidadaniá, di solidaridádi i patriotismu.

E ku kel speránsa i fé grándi na un futuru midjór i di konkórdia nasional sufisienti sobri kel más nportánti patrimóni imaterial di Káuberdi, ki N ta fika pa li nes brévi prizentason, sendu sértu ki nes trabádjku N ta fla kel ki N ta pensa i xinti di asuntu, inda ki N ta tenta ten i toma na kóntra kel ki otus dja pensa o ta pensa sobri omesmu asuntu. ■

Praia, 29.09.13
T. V. da Silva



² Sobrutudu pamódi prupósta di pása ta uzádu asentu gudu na tudu <a> abértu (pa sinála si abertura), na kalker pozison ki el ten na palábra.



AMOR I KIRIASON

PRIZENTASON

44

Socia Magazine

AMOR I KIRIASON e un kuletánia ki ta raúni 48 poema, tudu es na káuberdiánu.

Kes poema li rajistádu na ánu di 1999, na un spásu di tenpu di poku más di 3 mes, ki pode berifikádu na “Índisi” (kfr.).

Es e frutu di un surpréza ki bira inspirason ki fase di otor strumentu pa rajista sentimentus ki bira spiriénsa, pamódi vivénsa.

Spiriénsa vivedu e nóbu: nunca otor xintiba tántu (omesmu tenpu), ku tántu intensidádi, pa tres mudjer diferenti!

Vivénsa di kes sentimentu la foi konfirmason di un vizon puétiku rajistádu na Na Kaminhu..., kándu fládu ma “mudjer e pa un / o pa txeu / ómi e pa txeu / o pa

ninhun!”¹. Sértamenti ki (pelumênus enpárti) es vizon e razultáti di ozerbason sósiu-kultural di kel puéta la.

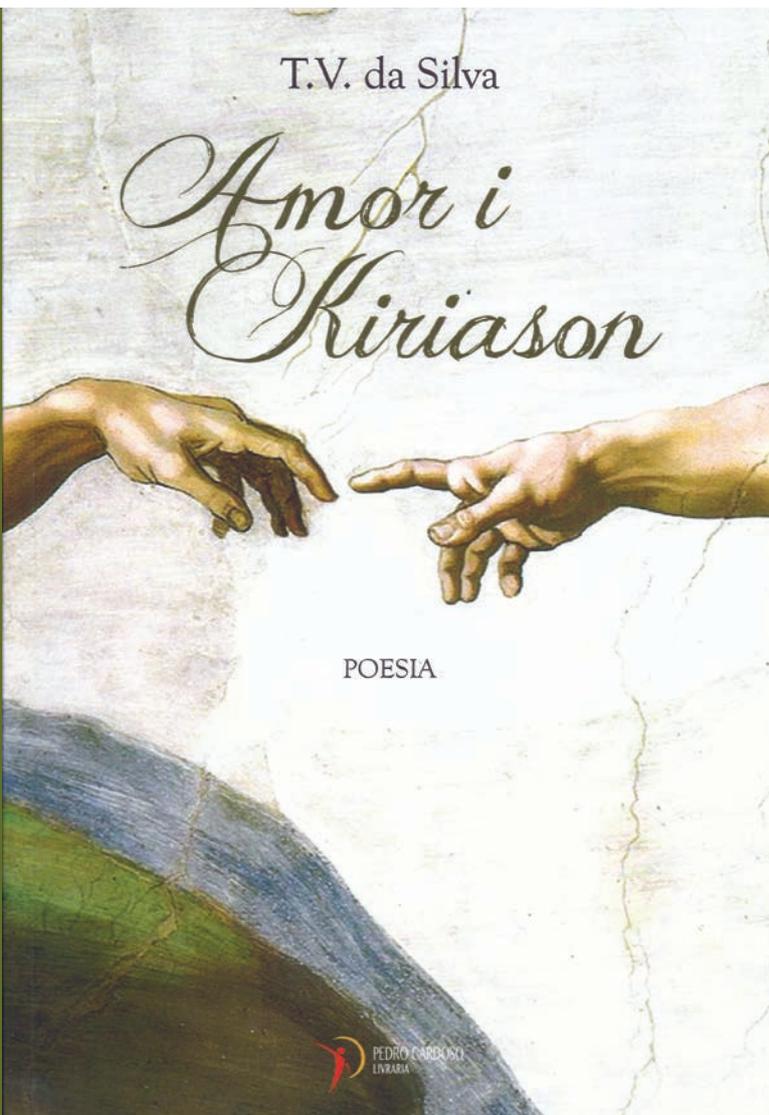
Kre sabedu más kusa des spiriénsa i vivénsa? E so lé libru! Naturalmenti ki ka ta sabedu tudu ku lé libru. Até pamódi tudu (di tudu) ka ta sér nunca posivi di sabe. Ka pode skesedu ma, pa otu bándá, stádu diánti dun spiriénsa i vivénsa bastáti pesual, íntimu.

Sikadjár (i provávelmenti), nen própi otor ka sabe tudu di kel spiriénsa i vivénsa la. Na verdádi, otor sta mutu lonji di sabe tudu di si própi kabésá, kifari di si spiriénsa (kuázi senpri sirkunstansial) i vivénsa, ki e simplismenti párti di si patrimóni sósiu-individual.

Es libru ki, len di “Didikatória”, es “Prizentason” i “Índisi”, ten kuátu párti, el sta organizádu di siginti manera: purmeru párti txoma “Tres pur-un” (ku

1 SILVA, T. V. da – Na Kaminhu..., Idison di Otor, Praia, 2000, p. 54.

NA VERDÁDI, NA PURMERU PÁRTI, STÁDU DIÁNTI DI
UN PAXON RAPARTIDU PA TRES; NA SUGUNDU PÁRTI,
FUNDAMENTALMENTI DIÁNTI DI OMESMU PAXON
SONBRÁDU PA DOS; NA TIRSERU PÁRTI, DIÁNTI DI OMESMU
PAXON BAFÁDU (SOBRUTUDU) PA UN



15 poema), undi, len di prezênsa natural di puêta, tudu tres muza inspirador sta (mâs-o-menu proporsionalmenti) raprizentádu na kada poema; sugundu párti, “Dos pur-un”, ten tanbê 15 poema, más prezênsa fundamental e sobrutudu di dos di kel tres fonti inspirador di párti antirior; iguamenti ku 15 poema, “Un pur-un” e tirseru párti, undi raferênsa e isensialmenti di un di kel tres muza des libru; kuárto i últimu párti (ku apéna 3 poema) txomádu “E módi?...”, un spêcia di konkluzon intrugativu/dubitativu, undi: na purmeru poema, sta prezênsa kilibrádu di tudu tres muza; na sugundu, sta sobrutudu dos; na tirseru i últimu poema, fundamentalmenti un di kes fonti inspirador.

Nómi di tres purmeru di kel kuátu párti más inportánti des libru pode sa ta dexa ledor un bokádu intrigádu. Na tentativa di sklarise es situason, pode lenbrádu di sistema di parseriâ ki, nomiádammenti na mundu rural káuberdiánu, ta izistiba (i inda pode sa ta izisti) entri propetári di txon i kanpunes sen téra o ku poku téra (pelumenu, li na ilha di Santiágu).

Dónu di txon ta faseba ku kanpunes kontrátu, bóka-bóka. Óras ki kontrátu éra di “tres pur-un”, ta siginifikába ma kanpunes (ki seta-l) ta tomába konpemisu di trabádja i, na disfrutu, kodjêta ta rapartida na kuátu párti igual, sendu tres pa dónu di txon i un pa kanpunes. Si kontrátu éra di “dos pur-un”, kodjêta ta rapartida na tres párti igual, sendu dos pa dón di txon i un pa kenha ki trabádja txon. Si éra di “un pur-un”, disfrutu ta rapartida na dos párti igual, sendu un pa propetári i kelotu pa trabadjador.

Ku kel sklaresimentu li sobri es tipu di atitudi i konportamentu kontratual na kânpu, undi sa ta dexádu di fóra kalker tipu di valorason, e posivi ki dja fika limiádu algun kaminhu pa, mutatis mutandis, txigádu na razons ki pode sta na bási di nomiason di kel tres purmeru párti des libru.

Na verdádi, na purmeru párti, stádu diánti di un paxon rapartidu pa tres; na sugundu párti, fundamentalmenti diánti di omesmu paxon sonbrádu pa dos; na tirseru párti, diánti di omesmu paxon bafádu (sobrutudu) pa un.

Tudu poema des kuleson skrebedu na Praia.

Sima pode raparádu, konstruson di puemas sta lissersádu na 3:1) muzas inspirador e 3 i es sta prezenti na tudu kuátu párti di puemas; 2) pártis isensial di libru e 3; 3) nunbru total di puemas di kada un di kel 3 párti isensial e múltiplu di 3; 4) tenpu ki lebádu na skrebe es libru, sima dja fládu, e (prátikamenti) 3 mes; 5) nunbru di poema di últimu párti (ántis di “Índisi”), sima dja sabedu, tanbê e 3.

Pamódi 3 i tántu 3?

Entri otus razon, pamódi (sima tánbi fládu na Na Altar di nha Petu) “Pa ten un / e prisizu / tres! // Si ka ten / tres / ka ten amor! // Amor e / un / ki e tres!”² Pamódi nunbru di poema di kada un di kel 3 purmeru párti sér múltiplu di 3, tanbê pode sujiri triplikason na intensidádi di amor sprimentádu, vivedu.

Letura des libru pode konfirma es ozerbason? Ras-pósta ta sér di ledor.

“AMOR I KIRIASON”, pamódi? Pamódi es libru e spreson di Amor ki pari Kiriason. Más splikason?... Ka meste. Mestedu lé-l, pa konfirma o disminti.

Aliás, e di naturéza di amor kírria: undi ten amor, ten kiriason!

Purisu, dja e maré di otor di kes linha li da ledor bes: di lé, di xinti, di pensa i di konklui.

Bon purbetu! ■

Praia, 29.06.2000

T. V. da Silva

2 SILVA, T. V. da – Na Altar di nha Petu, AEC-Editora, s/l [Praia], 1997, p. 13.



*RETALHOS
DE UMA VIDA*

Vuca Pinheiro

Lendo a coletânea de ensaios, poesia, pintura e letras de música já produzidas, reunidos agora em livro pelo autor Vuca Pinheiro, veio-me à mente este pensamento do poeta brasileiro Vinícius de Moraes:

“A vida é a arte do encontro, embora haja tantos desencontros pela vida.”

É, sufragando estes dizeres que a SOCA põe em evidência aqui, nestas páginas da sua revista, este livro que foi, gentilmente, oferecido pelo autor ao Presidente da SOCA.



A vida do Vuca, penso, tem sido uma busca contínua ... e de encontros com a arte. Nessa busca, por quantas alegrias e tristezas não terá passado! E de quantos desencontros guardará memória!... Contudo, aferrado às suas convicções, consciente dos seus valores, tem produzido o que o livro nos mostra... Evidências.!

Versátil, ele não se limita a explorar apenas os sinuosos caminhos da Música, de que é um virtuoso intérprete e compositor. Fez-se compositor, e poetar vem por acréscimo.

Deleita-se em pintar; e esta arte é para ele um "hobby".

Enveredou pelos caminhos do Ensino. Educar passou a ser para ele profissão e carreira. Metódico e exigente como é o Vuca, que professor exigente não deve ser!

Tem-se arriscado pelos caminhos da Política Nacional. Mas não se considera um político. Fá-lo por achar razoável exercer sua opinião de cidadão cabo-verdiano.

Vuca, nessa incessante busca, no desejo de conhecer melhor o ser humano, estudou Psicologia e, através de vários meios de comunicação: Rádio, Televisão, Imprensa, com ele se comunica e reparte os seus conhecimentos.

O livro completo é um extenso *Curriculum Vitae* do autor. Seus talentos ali estão expostos. Todos! De entre eles, a música ocupa lugar cimeiro.

Vuca é um "Handy Man". É ver o que fez no seu estúdio de gravação. Por esse estúdio, ou pelos palcos, em conjunto com ele, já passaram mais de duas centenas de artistas, todos mencionados no livro.

Álbum fotográfico que documenta as suas andanças, em um percurso de cinquenta anos de vida artística, completa o livro.

E, porque: "A cada um deve-se atribuir o que lhe é devido; a quem tributo, tributo; a quem honra, honra ..." (Carta de Paulo aos Romanos) - Cap. 13:7 -

No tempo certo, o Município da Ilha Brava, na pessoa do Presidente Orlando Bala, homenageou o filho dileto, Vuca. E, em dezembro do ano 2010, ele foi agraciado com a Medalha do Vulcão, pelo Presidente da República de Cabo Verde, Pedro Pires.

Homenagens valem pela sua justeza, espontaneidade e propósito. Estímulos que incitam e desafiam o recetor a prosseguir: a produzir mais e melhor. Tem o seu efeito positivo, enquanto descortêsias e ingratidões magoam e desestimulam.

Para o Vuca, o reconhecimento dessas entidades tem tido um efeito estimulante. É mais um álbum musical que produz para o deleite dos seus ouvintes; são mais artigos de opinião com as suas sábias sugestões e propostas.

A leitura desses artigos e ensaios encontra a mesma atenção e tem o mesmo proveito que o da sua música. ■

António Nobre Leite

Assim como sempre afirmei que a música de Cabo Verde é a resultante de todas as vertentes e tendências cultivadas pelos nossos artistas, assim também penso que a história musical de um povo se escreve: com um apanhado da produção musical de todos os músicos desse povo, neste caso o nosso Cabo Verde. Permitam-me aqui adicionar este meu grãozinho de areia à imensa praia que é a música de Cabo Verde.

Neste livro, que intitulei de "Retalhos De Uma Vida", procurei reunir toda (ou quase toda) a minha produção musical no curso desses 50 anos de lides musicais, não deixando porém de abordar outros ramos de atividade que também fizeram, e continuam fazendo, parte integrante da minha vida. Por isso mesmo, achei apropriado o título "Retalhos De Uma Vida".

Aos 12 ou 13 anos de idade, eu já produzia os meus primeiros acordes ao violão, quando observava atentamente a atuação de outros músicos amigos (em especial o bem conhecido Djick Oliveira) para então tentar reproduzi-los em casa. Assim nasceu e

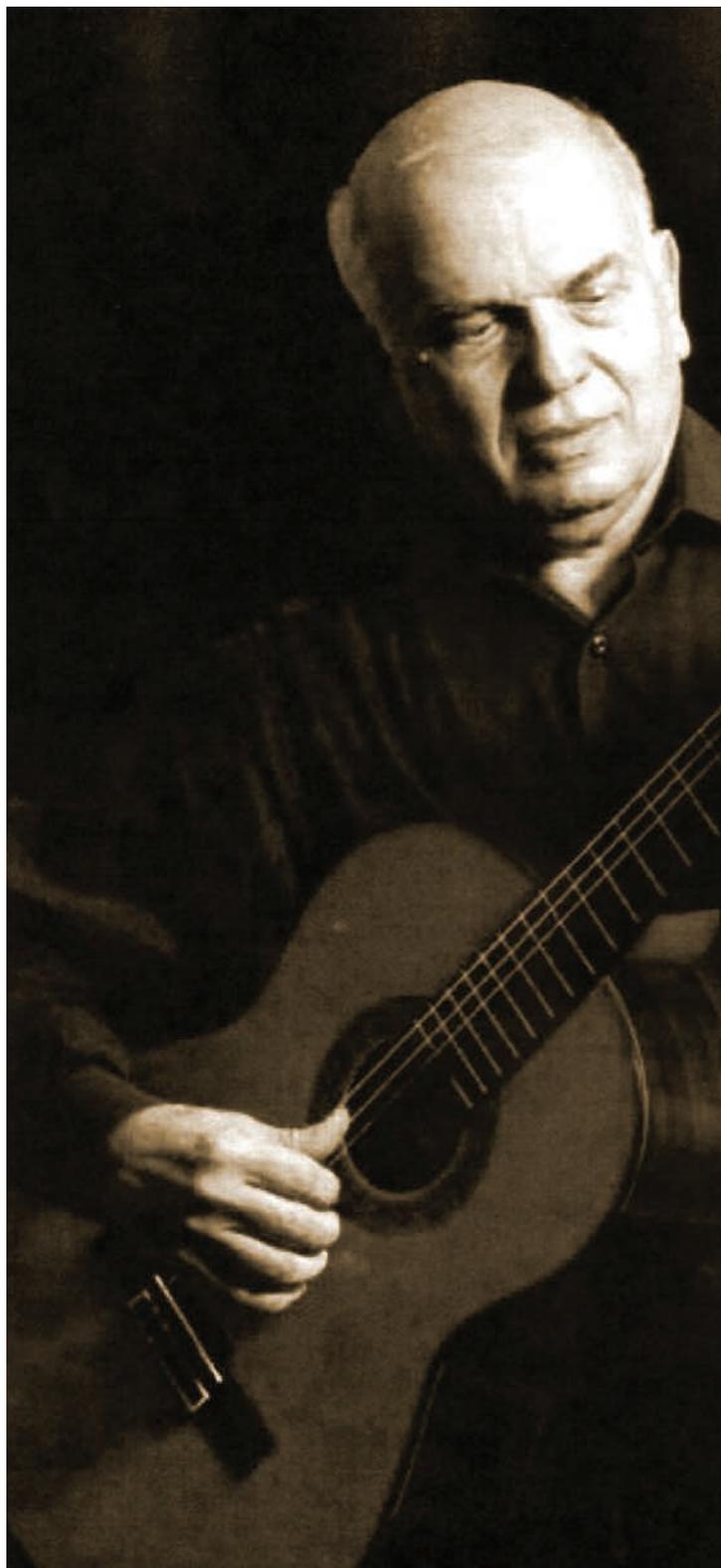
EM 1965, JÁ ERA FACTO CONSUMADO TER AFLORADO EM MIM A VEIA ARTÍSTICA DE SOLISTA DE VIOLÃO QUE SEMPRE FUI

48

Soca Magazine



Homenagem da SOCA

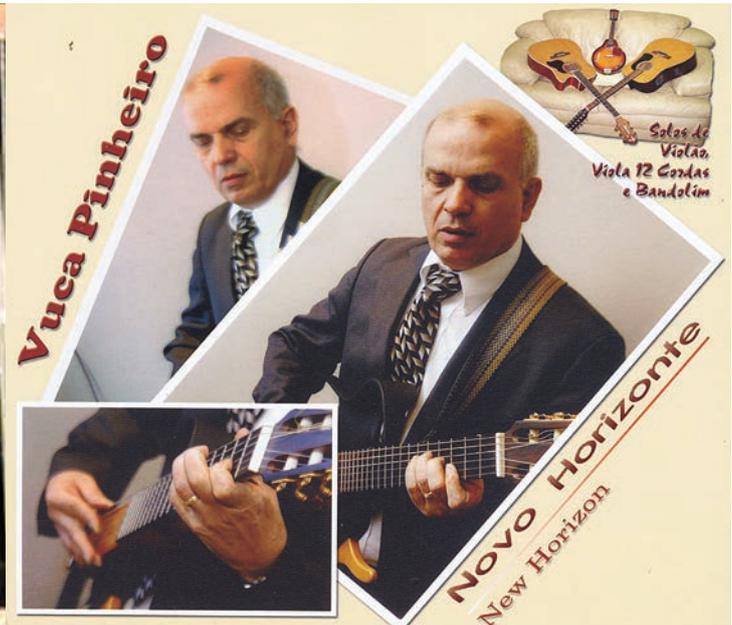


floresceu o meu aprendizado, numa primeira fase de uma forma rústica e numa segunda fase de uma forma mais programada e elaborada. Esse facto terá certamente lançado e cimentado as bases para o facto de, muito cedo, eu ter-me tornado um auto-didata, musicalmente falando. Numa fase seguinte, a evolução ocorreu de uma forma tranquila e, aos poucos, senti a necessidade de fundar um conjunto musical para, de uma maneira mais sistemática e organizada, conseguir expressar as minhas ideias.

DESDE CEDO, DESENVOLVI A IDEIA DE REMOÇÃO DE BARREIRAS MENTAIS QUE SÓ TÊM A FINALIDADE DE LIMITAR O PENSAMENTO HUMANO

tudo isso, considero essa apresentação como sendo a minha primeira apresentação pública como artista. Feitas as contas, já lá vão 50 anos de atividades musicais desde essa minha primeira apresentação pública. Definitivamente isso me motivou a produzir algo que pudesse comemorar esse marco tão significativo para mim. Assim nasceu a ideia da publicação deste livro (reunindo todo um conjunto de atividades que normalmente mantenho) e da produção de um CD, dedicado quase que exclusivamente à minha querida terra Cabo Verde.

No livro, fiz uma recolha da minha atuação em diversos ramos de atividade que, por sinal, não se resumiu apenas ao campo musical. Na verdade, gosto



Em 1965, já era facto consumado ter aflorado em mim a veia artística de solista de violão que sempre fui. Na altura eu já solava várias canções e uma delas cativou minha atenção pelo facto de ter sido programada a inauguração do Café "Cachito" no 'plateau' da cidade da Praia. Como já solava a música italiana "Cachito", juntando ao facto de conhecer o dono do estabelecimento a ser inaugurado, foi fácil estabelecer os contactos para providenciar a música no dia da inauguração, facto ainda inédito na altura. Por

de me ver como um professor e um administrador de empresas que também faz música.

Desde cedo, desenvolvi a ideia de remoção de barreiras mentais que só têm a finalidade de limitar o pensamento humano. Nunca fui um "follower", sempre desenvolvi minhas próprias teorias e meus próprios raios de ação. Resumindo, penso que "se algo foi feito pelo homem, eu também posso fazê-lo". É só uma questão de entender como foi feito e assim poder reproduzi-lo e, muitas vezes, incrementá-lo a



ACREDITO SINCERAMENTE QUE O SEGREDO DO “SABER VIVER” ESTÁ EXATAMENTE EM SABER DOSAR O NÍVEL DE CONHECIMENTO ESPECÍFICO QUE ABRANGE A ATIVIDADE PRINCIPAL DE UMA PESSOA E O NÍVEL DE CONHECIMENTOS BÁSICOS DE OUTRAS ATIVIDADES

um outro nível. Não se trata de uma afirmação que denote superioridade ou qualquer outra forma de fanfarronice. Trata-se sim de uma filosofia que me ajudou a remover barreiras e, por conseguinte, conseguir engajar-me em vários outros ramos de atividade, alguns até considerados, por um motivo ou outro, antagónicos.

Dizem os entendidos que quando se dedica a várias atividades, não há como desenvolver uma área do conhecimento na sua totalidade e profundidade. É claro que isso não passa de uma teoria. Quem disse que o meu objetivo na vida é desenvolver uma única atividade no seu potencial máximo e "desconhecer" um milímetro para além do raio de ação daquela ati-

vidade básica? Foi, sim, minha opção "conhecer" as especificidades da vida na sua totalidade, ou pelo menos no "mundo" que me diz algo e me rodeia. Ter uma noção de tudo, para mim, é mais importante do que ser um "expert" num determinado assunto e ser um completo ignorante no restante. Conhecer os meandros do funcionamento de um carro, entender o funcionamento de um sistema elétrico, ter uma boa noção dos altos e baixos de um mercado financeiro, entender sobre os verdadeiros motivos de uma guerra, estar a par de desdobramentos políticos dentro e fora das crises, conseguir identificar e definir as bases para o funcionamento de uma empresa, conhecer os mecanismos intrínsecos de um sistema

DIZEM OS ENTENDIDOS QUE QUANDO SE DEDICA A VÁRIAS ATIVIDADES, NÃO HÁ COMO DESENVOLVER UMA ÁREA DO CONHECIMENTO NA SUA TOTALIDADE E PROFUNDIDADE

educativo, etc, etc, etc, constituem os elementos básicos da essência da vida como um todo. Acredito sinceramente que o segredo do "saber viver" está exatamente em saber dosar o nível de conhecimento específico que abrange a atividade principal de uma pessoa e o nível de conhecimentos básicos de outras atividades.

Falando em conhecimentos, específicos ou não, não posso deixar de aqui expressar a minha completa satisfação por ter contribuído, mesmo que ínfimamente, para que as comunidades, nas quais eu me inseri, tivessem atingido um nível melhor de desenvolvimento. Também agradeço o facto dessas mesmas comunidades terem-me permitido desenvolver um leque variado de atividades e, assim, satisfazer o meu ego.

Assim, em termos de publicações, conseguí veicular alguns artigos em várias revistas e jornais, por vezes mostrando a minha visão sobre diversos temas e noutras escrevendo alguma crítica social envolvendo a nossa comunidade emigrada. Depois da escrita, a poesia floresceu naturalmente em mim. Só tenho pena de não ter produzido mais em termos quantitativos e qualitativos. O humor, apesar de muitos me considerarem reservado e sério (e aparentemente com razão), deu-me a possibilidade de criticar "rindo" ou

de rir "criticando", abordando temas comunitários e nacionais. A pintura também teve a sua importância numa certa época da minha vida. Produzi algumas telas a óleo e aguarela, hoje ornamentando casa de alguns amigos, e também desenhos onde o sombreado foi tema central. Na política, apesar de não demonstrar um engajamento político ativo, tenho minhas próprias ideias, que não se enquadram dentro do perfil ortodoxo e podem, por vezes, atingir um nível completamente inovador. A psicologia faz parte integrante do meu ser. O auto-conhecimento é algo que devia ser cultivado por todos e até fazendo parte integrante do currículo escolar. Na educação, consegui uma autêntica e completa identificação do meu ser, a ponto de me considerar antes de mais nada um educador e um professor convicto. Na comunicação social conseguí expressar muitas das minhas ideias perante uma audiência eclética, com artigos de opinião e não só.

Por esses motivos, este livro foi organizado em nove capítulos básicos e mais alguns apêndices. Espero sinceramente ter contribuído positivamente para uma comunidade na qual procurei inserir-me e participar de uma forma efusiva e positiva. ■

Vuca Pinheiro



A Academia Cabo-verdiana de Letras lançou a Revista Novas Letras em Homenagem ao seu Decano Teobaldo Virgínio no Consulado Geral de Cabo Verde em Boston, com a participação do Embaixador de Cabo Verde nos Estados Unidos da América, Carlos Veiga e o Consul Geral de Cabo Verde em Boston, Hermínio Moniz.

PÁTRIA!

A JÓIA DA NOSSA IDENTIDADE



52

Sociedade Magazine

Na cerimónia de apresentação, em que o Secretário do Conselho Diretivo da ACL, Daniel Spínola, falou da Revista e do propósito da homenagem, o escritor Teobaldo Virgínio, emocionado, leu um texto que publicamos aqui, devido à sua importância, também, para todos os autores e artistas cabo-verdianos.

- a) Pelas asas dum pássaro-metálico, a Academia Cabo-verdiana de Letras me comove com o nº. 2 da Revista NOVAS LETRAS, pela mão do seu distinto Diretor Danny Spínola.

Para já, fico com saudade desta noite memorável a tocar no íntimo o coração de um velho, que vibra pela candura, pela morabeza do seu Cabo Verde perene.

O Cabo Verde literato em momento solene a enaltecer seu humilde estudante.

Isto é belo, é inesquecível!

Um muito obrigado ao caro Danny Spínola, ao seu acompanhante Zé Rui de Pina. Agradecimentos também à Academia de Letras, à minha Terra Natal, Cabo Verde!

- b) A 5 de Outubro pp, estava o Ministro Abraão Vicente numa das suas jornadas de cultura aqui nesta sala.

Surpreendido com as prontas respostas dos assistentes, às suas questões, escrevi de repente entre as notas do Ministro, a seguinte frase: Quem escuta o cabo-verdiano / escuta o artista/ escuta o poeta - espontâneo.



c) Daí, a implícita pergunta: QUEM SOMOS, DONDE VIEMOS?

Lá longe, no nevoeiro do tempo, entre várias versões, o facto: Às primeiras ilhas avistadas pelos descobridores chamaram Cabo Verde. Mais tarde, sublinhámos o nome: CABO-VERDIANOS!

Postos na distância, cercados de mar, sob algoz mão de ferro, à míngua de quase tudo, o que fazer? Era urgente "engenho e arte", não tanto para cantar, mas sobretudo, para sobreviver. O resto viria depois.

Da pergunta acima vem à memória o TRÁFICO NEGREIRO, mais a palavra RESGATE que a gerou...

Do menino desmamado e vendido, que fôramos, a cidadão, quantos séculos de agrura sofridos! Crime que a alma humana não consente.

Desse conjunto de coisas, escrevi em tempos uns versos que transcrevo:

"Mar, vela e vento,
levados pela tormenta
tínhamos que resistir
lutar e vencer".

No afã do dia-a-dia, do suor à lágrima, surgiu a MORNA, surgiu o CRETCHEU. Estão na alma do povo. A morna, sem paralelo, em lances de dor, o cretcheu, a paixão mais sentida que nos fez poetas;

"Mar, céu e sol,
vindos da luta e da dor,
é sem medida e sem preço a pátria que aqui criámos".

DEZ PONTOS NO MAR! MAS QUE CARGA DE SENTIMENTO NOS ENCHE A ALMA!!

Hoje, com passaporte Nacional-Ilhéu, no chão da América, pelo mundo, a diáspora cabo-verdiana em construção continuada por Cabo Verde. O Futuro!

Caros conterrâneos: SOMOS UM POVO LIVRE!

"morreu a noite
canta a madrugada
é nossa a terra libertada"
O Menino desmamado, VENCEU! O HERÓI!
- Meu doce povo crioulo Irmão!

Neste "cambar di sol", um fraterno abraço de agradecimento a todos vós, por Cabo Verde IMORTAL! ■

11-23-18

Teobaldo Virgínio
Obrigado



Vou tecer meu sonho na vertigem da minha própria poesia

Depois de um percurso com com várias obras editadas, a escritora Vera Duarte brinda-nos com mais uma obra poética que destacamos aqui.

54

Sociedade Magazine

Este quinto livro de poemas de Vera Duarte (Vera Valentina Benrós de Melo Duarte Lobo de Pina), intitulado *De Risos & Lágrimas*, vem consolidar um percurso de prática poética, iniciado na década de 90. A publicação de *Amanhã Amadrugada* (1993) foi a obra de estreia da poetisa, seguida de *O Arquipélago da Paixão* (2001) — que foi distinguida com o importante “Prix Tchicaya U Tamssi de Poésie Africaine”; seguiu-se o livro *Preces e Súplicas ou os Cânticos da Desesperança* (2005) e *Exercícios Poéticos* (2010). Com outras vertentes de escrita, como o ensaio e a prosa, Vera Duarte publicou também *A Candidata* (2003), recebendo com este livro o Prémio Sonangol de Literatura.

Sua formação académica foi na Universidade Clássica de Lisboa, onde cursou Direito. Foi a primeira magistrada e primeira desembargadora em Cabo Verde. Em 1995 foi distinguida com o prémio Norte-Sul de Direitos Humanos do Conselho de Europa, sendo também a primeira mulher a ser eleita para a Comissão Africana dos Direitos do Homem e dos Povos (1993). A carreira da poetisa é ainda marcada por integrar organizações nacionais e internacionais ligadas ao Direito, aos Direitos Humanos e à Emancipação Feminina, que lhe



Vera Valentina Benrós de Melo Duarte Lobo de Pina, Juíza Desembargadora, licenciou-se em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade Clássica de Lisboa em 1978. Estreou-se nos livros com a obra poética *Amanhã Amadrugada* (poesia, 1993), a que se seguiram *O Arquipélago da Paixão* (poesia, 2001, Prix Tchicaya U Tamssi de poésie africaine), *A Candidata* (ficção, 2004, prémio Sonangol de Literatura), *Preces e Súplicas ou os Cânticos da Desesperança* (poesia, 2005), *Construindo a Utopia* (ensaio, 2007), *A Palavra e os Dias* (crónicas, 2013) e *A Matriarca — Uma Estória de Mestiçagens* (romance, 2017).

Tem em preparação Cabo Verde um Roteiro Sentimental e Tabaqueando.com. Goza de boa fortuna crítica e as suas obras têm sido objeto de estudo e de teses de mestrado, doutoramento e pós-doutoramento, em várias universidades. Foi eleita Patrona dos Colóquios da Lusofonia em 2016, nos Açores, Sócia Correspondente Lusófona da Academia das Ciências de Lisboa em maio de 2017, Lisboa, Portugal e Membro Correspondente da Academia Gloriense de Letras em novembro de 2017, Sergipe, Brasil. É Membro da Academia Caboverdiana de Letras.

valeram diversas premiações e distinções no quadro da cultura e direitos humanos. Podemos dizer que a escrita poética de Vera Duarte é também um exercício de experiência de vida, filtrando a poesia, de forma muito evidente, a sua prática na área da justiça, o conhecimento dos aspetos mais escabrosos e carenciados da sociedade, e fazendo dela uma lutadora por um mundo onde os direitos humanos e, especialmente de género, sejam mais equilibrados.

A presente obra está organizada em quatro livros, intitulados, *Das Rotas do meu ser* (10 poemas), *Das Rotas do meu sangue* (7 poemas), *Das Rotas das Lágrimas* (7 poemas), *Das Rotas do Encantamento* (11 poemas, dos quais três em língua crioula). O livro de Vera Duarte espacializa as suas diferentes “rotas” numa geografia de demanda da liberdade (veja-se o “leitmotiv” de abertura: Tudo o que digo/ Já foi dito/ Por outras vozes/ Outras canções// Mas quero dizê-lo / — e digo

— / Para ampliar / o refrão da // LIBERDADE”), por via de um lirismo intimista e emocional, a par de uma amabilidade social e humanista, em que a dimensão do sujeito feminino ganha uma especial intencionalidade.

Como sabemos *leitmotiv*, ou motivo condutor, em música, é uma técnica de composição introduzida na ópera, que consiste no uso de um ou mais temas, que se repetem, sempre que se encena uma passagem da ópera, relacionados com uma personagem ou com um assunto. Podemos dizer, a partir deste signo de abertura, que a liberdade é o elemento condutor destes poemas, criando-se uma dimensão operática da sua representação, que clama “outras vozes” e “outras canções”, impressas e reclamadas na voz/poema do sujeito poético.

Presume-se a partir daqui que a *Liberdade* (maiusculada no leitmotiv), pessoal, social, literária, se encena operaticamente neste livro de Vera Duarte entre dois eixos fundamentais, o riso e as lágrimas, à maneira da figuração de Janus, o deus de dois rostos. O poeta Ovídio fez uma descrição de Janus descrevendo-o como a força primordial que deu forma ao universo, chamado de Caos. Após moldar o universo, esta força suprema toma a forma de um deus com duas cabeças, em que suas faces olham para direções opostas. Janus é o deus Romano dos começos, dos fins, das passagens, das portas, das entradas, das saídas, da transição, da guerra, da paz, do passado, do futuro, da dualidade, da mudança, do tempo, da criação, das viagens, da vida e da morte. Por sua vontade as portas que guardam a paz ou a guerra seriam abertas ou fechadas.

Esta breve incursão permite-nos compreender as dualidades das “rotas” que intitulam os quatro livros: ser/sangue, lágrimas/encantamento, bem como a constante luta entre sonho/realidade, desejo/ desencanto, utopia/distopia, que os poemas de Vera cantam, em consonância. Verificamos assim que a primeira rota, do Ser, abre com um poema de cariz autobiográfico, que representa a luta constante do sujeito entretecida nesta dualidade fundamental: *Simplesmente sou!* “Busco um outro começo / Construo um outro final / Nem Maria a imaculada /

Nem Madalena a pecadora / Simplesmente / sou! // De corpos e abraços / De amores e lutas / De risos e lágrimas // Simplesmente / sou!”. A geografia da poetisa nesta obra mostra como ela se auto-renova enquanto corpo/território, e como se transforma para re-construir seu próprio espaço/ser, que é também o do imaginário e da escrita, e que não se pode transferir para nenhum mapa do mundo conhecido. E tanto assim é que no poema seguinte, *Acrobata da palavra* nos mostra como “a fome / Do mundo que em mim habita” é alimentada pela “condição mutante” da sua acrobacia das palavras em poema:

No vértice vertiginoso da vida
Violenta, violentada e violada

Inscribe-se minha mutante condição
De acrobata da palavra

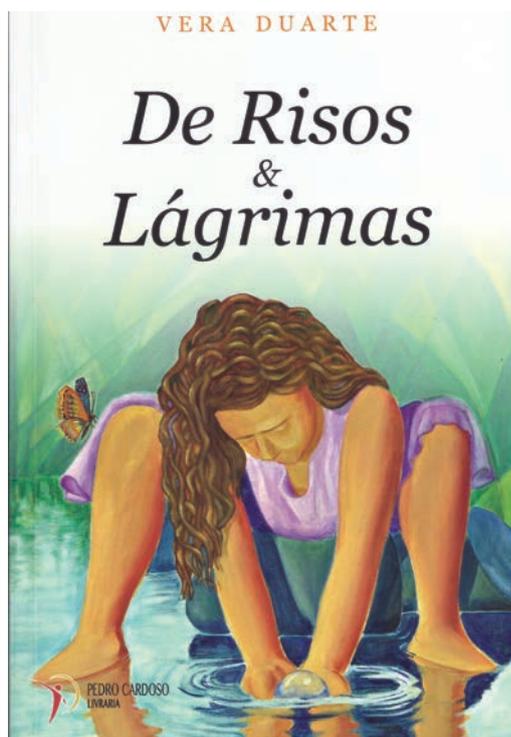
E no sol poente
Na lavra que lavro
No vento que sopra
No pão & fonema

Deixarei fluir as palavras
Que alimentam a fome
Do mundo que em mim habita

A escrita é uma forma de cosmificação do sujeito, regenerando-o, renovando o seu espaço/ser; para ganhar forma e se exprimir, a palavra se projeta acrobaticamente no espaço: o da página e o do poema. Com este magnífico texto, Vera Duarte homenageia a memória do poeta Corsino Fortes, a quem dedica o poema (bem como mais adiante no Livro 4, dedica um outro, “Ode a Mindel”), articulando a dicção tipográfica do autor de “Árvore & Tambor” na sua própria escrita. Exercício intertextual que se vai revelar ao longo do livro da poetisa, em outros textos e dedicatórias, em especial no Livro 2 e no Livro 3, em que surgem dedicatórias/elegias a personalidades como Jorge Alfama, Arnaldo França, Amílcar Cabral, Zumbi dos Palmares, Nelson Mandela, à Mãe; os poemas em trânsito de afetos pessoais, biográficos e históricos, entram em consonância com a prática de dedicatória do poeta cabo-verdiano Corsino Fortes, também jurista. Com efeito, parece-nos, que uma das linhas transversais de evocação/transmutação de “outras vozes/canções” neste livro, se centra na poesia inspiradora corsiniana, na forma como os versos se dispõem em cascata na página, desenhando as palavras e os ritmos, exemplar modelo e *leitmotiv*, que se entrança intertextualmente em rememoração e homenagem, de múltiplas formas, na escrita de Vera Duarte.

A dimensão elegíaca dos poemas com dedicatórias ganha assim uma importante função de resgate da memória pessoal e histórica; de resgate da cultura local em Cabo Verde, com os poemas para Ildo Lobo, Gabriel Mariano, Guilherme Rochreau, além dos já acima citados; por outro lado, a dimensão histórica faz o travejamento da travessia atlântica com muitos dos poemas que, neste livro, rememoram uma mesma história dos africanos, a do tráfico escravo, a da luta pela libertação colonial, e a relação histórico-cultural com o Brasil.

Por esse viés, a última rota, a do “Encantamento”, no livro quarto, é especialmente centrada em dedicatórias a amigas, em que o carinho da poetisa se faz prenda única, e nestes poemas a



VERA DUARTE



ROSA DE PORCELANA
editora

voz que canta “Cize”, a voz da Diva de Pés Descalços, Cesária Évora, reparte-se numa lírica de afetos pessoais/dedicatórias, em que a geografia brasileira ganha especial relevância. Outros longos poemas, como “Ode ao Brasil”, “Ode a Mindel”, “Vozes atlânticas — fala ao Brasil” postulam também de uma certa continuidade entre a experiência do espaço e a linguagem, revelando, para além dos percursos de viagem da autora e seu especial afeto pelo Brasil, os muito especiais afetos e partilhas culturais e literárias entre Cabo Verde e o Brasil, além da evocação de outras épocas históricas que a rota atlântica guarda como memória de dor:

Mas esta voz que daqui vos fala
é também a voz bela e inspirada
de mulheres e homens destemidos
que de olhos postos no futuro
do atlântico fizeram rio
para nele navegarem palavras

É a voz dorida de castro alves
a voz suave de jorge barbosa
é a voz finíssima de mourão
voz de vera, voz de simone
a voz belíssima de cesária e daniela
voz de elisa voz de martinho

Vozes que se cruzaram
e cruzam palavras e afetos
somando cantos
nutrindo sonhos
abraçando o mundo.

São vozes atlânticas
De um oceano tornado estrada
De um amor doce e sentido
Unindo o imenso brasil
Ao nosso pequeno cabo verde

A ode é um género poético que permanece atual desde a antiguidade clássica, e a exemplaridade da ode do poeta chileno Pablo Neruda gratificou a vitalidade desta prática. As odes originais eram cantadas com o acompanhamento de um instrumento musical como a lira. As odes podiam ser monódias (cantadas por uma única voz) ou corais (interpretadas por um grupo de pessoas). Apesar da sua variedade temática, a ode costuma expressar a admiração por algo ou alguém, um poema criado com o objetivo de homenagear ou exaltar. Vários poetas gregos dedicaram odes aos deuses, a atletas, guerreiros e heróis. No caso das odes de Vera, reconhecemos essa dimensão da exaltação vocal, de alegria e de homenagem em muitos dos seus poemas.

Muitos são os poemas que merecem por parte do leitor uma atenção especial, como por exemplo, a «História Trágico-Feminina», em que o jogo de palavras de imediato convoca uma dimensão trágica do feminino, ao situar a enunciação da poetisa, enquanto voz crítica e de resistência, à subalterna histórica condição de ser mulher. O poema evoca vários nomes paradigmáticos de mulheres como Antígona, Joana d’Arc, Mariama, Ginga, mostrando diferentes percursos femininos, nos quais a voz de Vera se enquadra, sintoniza e questiona.” E eu?/Que faço aqui?...”, juntando-se ao exemplo daquelas figuras emblemáticas, quando procura resgatar o lugar da mulher na sociedade.

Mas essa conquista de espaço geo-histórico-cultural da poetisa é também conquista de um espaço tipográfico, que os poemas encenam, e parece inseparável de uma abertura ao espaço planetário, global: ela é evidente no trabalho de disposição na página das «palavras em liberdade», como em certos caligramas de Apollinaire e, também, na poesia de Corsino Fortes.

A poesia é uma voz, mas que voz? Croce diz que a poesia é uma voz interior à qual nenhuma voz humana se aparenta; no entanto a recitação, que a disposição tipográfica, dos poemas de Vera Duarte, na página suscita, bem como, por outro lado, o dispositivo retórico refrânico, as repetições, o aparato dialogal e narrativo dos poemas, faz com que esta voz ganhe presença no leitor, ou dele se apodere. Ao mesmo tempo que lemos os poemas de Vera Duarte, eles se nos impõem como recitação, presença da voz, por isso também ouvimos os poemas. E as vozes/cantos/ canções de que a voz da poeta se entretete, implicam a escuta de Jorge Barbosa ou Manuel Bandeira, de Eugénio Tavares e da poesia da morna de Cesária, dos ritmos de Ildo Lobo; fragmentariamente narrativa, biográfica enquanto sujeito próprio, sujeito feminino e sujeito histórico, as vozes da voz de Vera Duarte se reinventam em poesia.

Mas, se é com a língua que o ser/poesia/sonho de Vera Duarte se (re)constrói, é na fala que ela se encarna, quando a escrita, no “Tumulto” dos antagonismos e dualidades da criação, a pronuncia recitativamente até nós:

Vou tecer meu sonho
na vertigem
da minha própria poesia. ■

Ana Mafalda Leite

Poeta e ensaísta, investigadora
na área das Literaturas Africanas

TUTUTA

COMPOSIÇÕES

É o mais recente livro editado pela SOCA. Abordámo-lo aqui a partir de extratos de textos que falam dessa exímia compositora e intérprete cabo-verdiana.

(...) “Tututa Composições” é parte de um projecto maior de recolha e publicação das composições da família, nomeadamente do meu avô, António da Silva Ramos (Anton Tchitche), do meu tio, Pedro Alcântara (Tchuff), da minha mãe Tututa e da minha irmã, Jenny - desconhecidas, na sua grande maioria - trabalho em preparação. Por ocasião do centenário de nascimento da nossa Mãe, impera a vontade e a necessidade de lhe render uma justa homenagem, com a publicação das composições que até agora conseguimos recuperar, algumas já conhecidas e gravadas; São 18 composições, letras e partituras, assim organizadas: Letra e cifra, voz e cifra, piano e voz (...).
Maria de Lourdes Évora Pereira

(...) Tututa deu-nos tudo isso! Maior que qualquer carreira que hoje se convencionou como profissional, e nisto resume a sua grandeza como mulher que hoje comemoramos. Mas há que lhe fazer justiça, reconhecendo-lhe o património que generosamente nos lega e pouco divulgado, especialmente no seio da juventude destas ilhas. Não só seu património musical como compositora e pianista, mas também como mulher moderna, que vive o seu tempo, que inspira e exalta. Seu *Coração Maguado*, seu *Grito de Dor*, seu *Sofrimento de Mãe*, falam alto, ou melhor sentem por ela e diz-nos tudo ou quase tudo de Tututa.(...)
Leão Lopes

(...) Ao ouvir-se o dedilhar da Dona Tututa, confirma-se que é dessas mulheres sagradas que tem uma busca incessante pela liberdade ao realizar as suas performances e a transmissão energética com que transpira a sua arte. Ela irradia verdade musical como também, criatividade espontânea e considero que a Dona Tututa é a forma mais genuína e pura ao que se pode definir de - Ser Artista - porque incorpora em toda a sua vivência cotidiana. (...)
Isa Iolanda Brito Pereira



Tututa é nome artístico de Epifânia de Freitas Silva Ramos e vem, como origem, do nominho carinhoso do ambiente familiar infantil, Tutu. Nascida na cidade do Mindelo a 06 de Janeiro de 1919, Tututa é filha do popularmente conhecido por Anton Tchitche, comerciante abastado e conceituado da ilha de S. Vicente, homem culto, músico e compositor do início do século passado. É da sua autoria, a primeira música de intervenção intitulada, ABISSÍNIA.

Festivais e Prémios

- 2013 Cabo Verde International Film Festival, Cabo Verde (**Prémio Melhor Filme**)
- 2013 Film Africa RAS, Londres, Reino Unido
- 2013 FESTin – Festival de Cinema Itinerante da Língua Portuguesa, Lisboa, Portugal
- 2013 MWalimu Express, Londres, Reino Unido
- 2014 Movica VI – Mostra de Vídeo e Cinema Africano, Porto, Portugal
- 2014 Festival de Cinema Curta Metragem Amazônia, Brasil
- 2014 Esperanzah! 2014, Bélgica
- 2014 FMM Sines – Festival Músicas do Mundo, Portugal
- 2014 HAFF – Helsinki Film Festival, Finlândia
- 2015 Festival de Cinema de Odemira, Portugal (**Prémio Novos Talentos**)

Exibições

- 6 Jan 2013 – Antestreia – Cineclube ASA, Espargos, Ilha do Sal
- 25 Out 2013 – Estreia Nacional – Cinemateca Portuguesa, Lisboa, Portugal
- 9 Fev 2014 – RTP 2
- 12 Fev 2014 – RTP África

CADASTRO DE OBRAS

Coordenado pela Administração da SOCA
e organizado por Tereza Furtado



NANY VAZ

Álbum: *L'AMOUR*

Ariana Maria Ramos Vaz de nome artístico Nany Vaz nasceu na Cidade da Praia, na localidade da Várzea da Companhia, no dia 8 de Junho de 1982. É filha primogénita de José Manuel Vaz (sindicalista) e Filomena Maria Ramos Vaz (professora) e dona de uma voz doce e encantadora, que desde muito cedo, aos 3 anos de idade começou a cantar na capela da Várzea. Mas foi só a partir dos 8 anos, que ela integrou-se no grupo coral da igreja.

Em 1997, a jovem conquistou o troféu de primeiro lugar, no concurso de vozes nos jogos escolares em Assomada, motivo que a levou a seguir profissionalmente no mundo da música.

O seu primeiro contacto com um estúdio profissional de gravação aconteceu aos 15 anos de idade, quando foi convidada a gravar o jingle de lançamento da Rádio Praia FM. Depois de muitas participações em colectâneas e disco de alguns “artistas amigos” fazendo duetos, back vocal e participando com single (Phillippe Monteiro, Calú di Brava, Nhelas, Zeca Nha Reinalda, Gilyto Semedo) Nany, lança o seu primeiro trabalho discográfico intitulado “Romance” editado em 2004, pela produtora Cabo Verde Productions. O trabalho fez muito sucesso permitindo a artistas pisar vários palcos a nível nacional e internacional.

L'Amour chega em 2009, quatro anos após o lançamento do primeiro CD. O segundo disco da cantora teve o selo da produtora Harmonia Lda. e foi gravado entre Dakar e Cabo Verde. A gravação e os arranjos musicais foram produzidos por Phillippe Monteiro, Ali Angel, Marck G, Dabs Lopes e Kim Alves. O trabalho conta com 9 faixas musicais, todas inéditas e o tema “Beijo di Amor” é a primeira música, segue-se “L'Amour” tema que intitulou o disco, na sequência perfilha “Di Mas”, “Ma Vie”, “Logi”, “N'ka podi sta”, “Só MI”, “Hora di Raiva” e “Contraste” é o último tema do CD.

Para além de artista, Nany Vaz é professora/formadora em Comunicação e Relações Interpessoais, Locutora, Técnica Operadora de Som, apresentadora e Jornalista da Rádio Nacional de Cabo Verde. Um trabalho que segundo ela, exerce com muita paixão e entrega. ■



ZÉ PERDIGÃO

Álbum: *Encanto*

José Salgado da Silva Perdigão de nome artístico Zé Perdigão, nascido a 22 de Janeiro de 1971, natural de Guimarães (Portugal), é um artista Português com alma Cabo-verdiana.

Vencedor do Festival “Guimarães a Cantar”, o fadista é autor dos discos “Os Fados do Rock”, de 2008, “Sons Ibéricos”, de 2013, e já realizou vários concertos pelo mundo.

Em 2014, foi condecorado pelo governo provincial de Buenos Aires com o título de “Cidadão Honorário”.

Ele explica que ficou encantado com Cabo Verde pelo seu povo e sua cultura, sobretudo, e, portanto, não haveria outro adjetivo que qualificasse aquilo que sentia desde que chegou a Cabo Verde e até hoje tem sido um encanto.

Zé Perdigão junta-se a um painel de nomes consagrados da música internacional como Stevie Wonder, Roger Waters, Paco de Lucía, Diego El Cigala, Iron Maiden ou Lady Gaga.

Em Abril de 2016 muda-se para Cabo Verde onde reside e de onde regressa com um surpreendente registo de Morna, Coladeira e Batuko, dando voz a temas inéditos de vários Autores e Compositores de Cabo Verde.

EnCanto – é o nome do novo Disco de Zé Perdigão, lançado em 8 de Março de 2019 simultaneamente em Cabo Verde e Portugal.

Esse álbum possui 10 faixas: “Cabo Verde Encanto”, “Tristi Notícia”, “Nha Terra”, “Santa” “Emigração”, “Maravilhosa”, “Flor di Polon”, “Nos Encantu”, “Angola”, “Amor Cretcheu”, onde predominam os géneros musicais como a Morna, Coladeira e Batuko, cantados em crioulo, com produção, direção musical e arranjos do Maestro Kaku Alves – músico de renome internacional e Rob Leonardo – músico e engenheiro de som.

A gravação / estúdio, videoclipe, e fotografia deste álbum são produção inteiramente Cabo-verdiana.

O CD é “dedicado a Cabo Verde e ao povo Cabo-verdiano, não só aos que cá estão, mas a todos que também estão espalhados pela diáspora; é uma homenagem simples e singela e muito humilde da minha parte e de todos os compositores músicos, produtores que participaram neste trabalho”.

Para este artista a Música significa respirar – “eu sem música não respiro. A música é o ar que eu respiro”. ■



ANTÓNIO SANCHES

António Sanches, nascido em 24 de Dezembro de 1949, filho de Evarista Sanches, desde muito cedo despertou gosto pelos instrumentos musicais.

Quando ainda criança, com 12 anos de idade, tocava ferro com Agostinho Branco Moreira, tocador de Gaita na localidade de Achada Santo António.

Em 1972, viaja para Portugal à procura de uma vida melhor, tocava com amigos músicos, alguns tempos depois abriu um Café “Quem qui qre” no Quejas - Portugal, com música ao vivo, todos os finais de semana.

António Sanches fazia parte do grupo de músicos - emigrantes, responsáveis pela gravação de uma série de álbuns na diáspora (principalmente Holanda e Portugal).

Em 1984, António Sanches lança o seu Primeiro CD gravado que teve direcção musical de Paulino Vieira, com 12 faixas musicais com o primeiro Produtor Afonsinho.

Compositor de grandes músicas como “txascam ferro gaita”, “Camarada Rapaz de Praia é Malandro” aventurou-se na música para Alemanha, Macau, Holanda, França e Bélgica.

Album Berdiana - António Sanches e Bia Diló.

10 Faixas musicais

“Berdiana”, “Armando Pereira”, “Bem de Fora”, “Memória de Funaná”, “Raça Galinha Mato”, “Da de Banda”, “Rap”, “António”, “Topançã”, “Chica Duedu”, arranjos e direcção musical de Kim Alves, gravado e misturado no estúdio Gravisom, produzido por Sons D’África.

Para António Sanches, música é uma grande alegria “*pon ta kumi, e inda nta kume na musica, unbez bai ti bespa morte*”. ■

PRINCEZITO

Album: Spiga

Carlos Alberto Sousa Mendes, de nome artístico Princezito, nascido a 20 de Setembro de 1971, em Cabo Verde, na ilha Santiago, vila do Tarrafal.

Criador de canções de excelência, investigador das várias vertentes do *batuku*, que aborda histórias, contos e provérbios populares, em belas composições interpretadas por Nancy Vieira, Mayra Andrade, Diva, Ritinha Lobo, hoje interpretadas por gerações novas nas noites caboverdianas.

Desde muito cedo despertou a admiração dos professores e dos colegas, pela originalidade na escrita e declamação dos seus próprios poemas.

Em 1985 com 13 anos de idade partilhou o palco do “Parque 5 de Julho”, com Titina, Celina Pereira, Ildo Lobo e Cesária Évora numa gala cultural de celebração do 10º Aniversário da Independência de Cabo Verde.



HÉLIO BATALHA

Álbum: -Karta d'Alforia

Hélio Batalha Gomes da Rosa, nasceu em 28 de Março de 1989, na Ilha de Santiago na zona de Ponta d'Água.

Licenciatura em Serviço Social, pelo Instituto Superior de Ciências Jurídicas e Sociais, em 2014.

A sua carreira musical começou em 2007, quando participou num concurso radiofónico promovido pelo Ministério da Saúde em colaboração com a rádio Praia FM, obtendo a primeira classificação com a sua primeira música “Mais Saúde”.

Em 2011, o cantor optou por ingressar na universidade, mais concretamente no Instituto Superior de Ciências Jurídicas e Sociais (ISCJS) na Praia, onde cursou Serviço Social.

Em 2013, faz a sua primeira participação num projeto internacional “Dreamers” - um intercâmbio na Itália.

Em 2016, vence na categoria de artista revelação nos CABO VERDE MUSIC AWARDS, devido ao mega fenómeno da sua música e videoclip OH KI FOME TXIGA.

O jovem rapper de muito sucesso tem-se destacado nos festivais e principais eventos culturais (nacional e internacional) na Suíça e em Portugal.

Em janeiro de 2016, Hélio lança o seu primeiro álbum “Karta de Alforia”. Com 16 faixas musicais “nkre ser”, “branka di nevi”, “amor e odiu”, “txora pa dentu”, “stadu da nason”, “kem ke rei”, “nha vizinha”, “te ki dinheru eperanu”, “rap”, “terrorismo”, “oh ki fomi txiga”, “nkre tem”, “ti fim de tudo”, “casu bodi”, “sacreficiu eternu”, “Karta de Alforia”

A ambição deste Rapper, como artista e como ser humano é viver do que mais ele gosta de fazer “viver da música”. ■

No ano 1987, Princezito foi estudar a Cuba onde especializou-se em técnicas de laboratório clínico, viveu lá durante oito anos numa imensa experiência cultural.

Dirigiu o Departamento Cultural da Comunidade Estudantil Cabo-Verdiana.

Criou um grupo de batuku formado por raparigas de todas as ilhas. Participou em festivais culturais estudantis que lhe mereceram vários prémios de cariz cultural. Em 2002 projetou a chamada “geração Pantera” com o projeto “AYAN”, registo discográfico que evidenciou a nova tendência do estilo batuku, que contou com a participação de Tcheka, Vadú, Djingo.

Em 2008 lança o seu primeiro disco a solo “Spiga”, um trabalho resultado de pesquisa sobre as vertentes do batuku “Spiga” é um documento de referência para a história musical de Cabo Verde. Produção executiva de Harmonia com 12 faixas musicais: “Pilon kan”, “Bakandesá”, “Tamara”, “Storia D’amor em tempo de guerra”, “Batuku azul”, “Tarrafal na Biku”, “Mudjer d’ília”, “Mar”, “Lua”, “Fala Fula”, “Rifugiadu di Guera”, “Txoru Kantadu”. com produção musical, arranjo e direcção artística de Hernani Almeida.

Segundo o artista “musika ta tapa-m greta pa xúxu ka kanba na mi, e ta tra-m asnera di kabesa pe fika el, e ta ligan ku riba la, muzika ta tra dor di mi, ta poi Do Re Mi”. ■



C . S A L G A D O

II - A ILUSÃO DOS SEN/VES/TIDOS

I - INTRODUÇÃO

À TEORIA-GERAL DO QUE PARECE MAS NÃO É

HÁ ILUDÊNCIAS E ILUDÊNCIAS	GERAIS ESPECÍFICAS TORTUOSAS
AS ILUDÊNCIAS DECERTO NÃO EXLUEM ILIDÊNCIAS NEM SE COMPAGINAM COM ELIDÊNCIAS	LINEARES KUÁZI KRANKRAN ESTRAMBÓTICAS
DELAS DE TODAS ELAS SUBTRAEM-SE TODAVIA EXIGÊNCIAS	MÍNIMAS OU ÍNFIMAS IRRISÓRIAS DECERTO
RESTARÃO APENAS MINUDÊNCIAS	SERÃO ESTAS AS DERRADEIRAS ASSIM DENOMINADAS PELAS ATRAPALHAÇÕES QUE PROVOCAM NA ÍRIS
UMAS PRIMÁRIAS DIRETAS OU SIMPLES	OU PELO LARGO RISO QUE DESENCADELAM
DE MERAS ILUDÊNCIAS SOMAM-SE TERCEIRAS AS COMPÓSITAS E/OU COMPLEXAS	HAVERÁ ILUDÊNCIAS E MAIS ILUDÊNCIAS
ACONTECEM TAMBÉM ILUDÊNCIAS BACANAS QUASE QUE SACANAS	AS ILUDÊNCIAS TODAS E QUAISQUER QUE ELAS SEJAM APARUEM SEMPRE NUNCA SERÃO TRANSPARENTES AINDA QUE DISTINTAMENTE ENTREVISTAS
OUTRAS MAIS QUE ISSO DIGAMOS QUE PIROSAS	COMO QUIÇÁ AS DESENHADAS NAS LINHAS ADIANTE MAL TRAÇADAS
AS PIORES DE BEM AMARGAS CONSEQUÊNCIAS SÃO GRAVOSAS PORQUE ALTAMENTE ENGANOSAS	
CONHECEM-SE AINDA ILUDÊNCIAS VÁRIAS	

QUE COBRE, EIS QUE DESCOBRE! E, ZÁS, RECOBRE. APARECE, PARECE, REAPARECE E APARENTA. QUEM OLHA, CUIDA QUE VÊ. QUE PENETRA E SE APOSSA. TODAVIA, QUANDO SEGURA, PARA CONSUMIR, ACABA, TENDO NAS MÃOS, UM ROTUNDO FLOP!

JÁ NOS ALERTARA O AUTOR SAGRADO (NOS *ECLESIASTES* OU LÁ EM QUE RAIOS DE PAPELAME ERA) QUE ESTA PORRA TODA É UMA TREMENDA ILUSÃO: O QUE VEMOS, NÃO É! EM TODAS AS ÁREAS E MATÉRIAS (ENSINA-NOS TAMBÉM A TARIMBA DA VIDA, PARA ALÉM DO HAGIÓGRAFO!), A FACHADA MASCARA BUERERÉ DE MAMBOS: NOS CUMPRIMENTOS, COMO NOS EMPRENHAMENTOS... NAS COMUNICAÇÕES, ASSIM COMO NAS RECEÇÕES... IDEM/ASPAS NAS VIATURAS, TAL QUAL NAS VILEGIATURAS... AINDA NOS CASAMENTOS, DE IGUAL ARTE QUE NOS DESFASAMENTOS... – VINGA A LEI DA PRIMEIRA IMPRESSÃO. ESTAMOS ATOLADOS NO IRREAL. POIS NO REINO DA FANTASIA!

VAI O GLOBO TERRÁQUEO, PASSO A PASSO E PACHORRENTAMENTE, NUMA LEDA E ENGANOSA SENSACÃO, RUMINANDO E DEGLUTINDO OS SEUS FANTASMAS – VIVEM OS HUMANOS NUM SUPINO E PERMANENTE DESACORDO ENTRE PRETENDER O REAL, MAS APENASMENTE DETENDO (E FRUINDO!) O VIRTUAL!...

NUMA MATÉRIA, TODAVIA, ESTA DISCORDÂNCIA GANHA SUPREMA EXPRESSÃO E ACUIDADE: JUNTO DO GÊNERO FEMININO, ESTAMOS DIÁRIA E VIOLENTAMENTE CONFRONTADOS COM UM BRUTAL E ESCANDALOSO DESACERTO – O QUE OS NOSSOS OLHOS APREENDEM FICA A LÉGUAS, NOS ANTÍPODAS, DO QUE A REALIDADE PULSANTE REGISTA.

EXCEPÇÃO FEITA A UMA CERTA FAIXA ETÁRIA (EM QUE O NATURAL SUPERA DE LONGE O COMPOSTO), O ARTIFICIOSO COMANDA SEM INTERRUPTÃO A EXISTÊNCIA DA MULHER – O QUE PARECE APARENTA APENAS, MAS MAIS NÃO É!...

EM QUE FASE (OU IDADE?) UM CORPO DESNUDO TERÁ MAIS BELEZURA QUE O DITO MAIS ALGUM ENVÓLUCRO? OU, DOUTRO MODO DITO, QUANDO SERÁ (QUER-SE FORÇOSAMENTE SABER!) QUE OS VESTIDOS NÃO CONSTITUIRÃO VERA ILUSÃO PARA OS SENTIDOS?

COM RESSALVA DAQUELA TENRA E INOCENTE FASE (PERMITE-SE A REPETIÇÃO E A ÊNFASE) EM QUE A BELEZA SE MANIFESTA CANDIDA E GENUINAMENTE NO NU, EM TODAS AS DEMAIS E SOBANTES IDADES, É O REINO DA ILUSÃO (INSISTE-SE) TRAMADA PELOS VESTIDOS: O QUE PARECE, SEGURAMENTE, NÃO É!

COMO REGRA, UM CORPO REVESTIDO VALERÁ MAIS (OU DIFERENTEMENTE?) QUE O CORRESPONDENTE DESNUDADO: NESTE, AS (IM)PERFEIÇÕES FICAM *AB INITIO* DISSIPADAS, AS LISURAS TRAÍDAS, AS PRETENSAS IDEALIZAÇÕES DESDE LOGO ESCANCARADAS E DESALUMBRADAS...

O QUE (R)ESTARÁ POR DEBAIXO DA ROUPA? O CORPO, QUAL SUBSTRATO E FORMATADOR, EMPRES-

TA E DELINEA CONTORNOS ENGANOSOS: O VESTUÁRIO TOMA (*SCILICET*, REFLETE) E PROJETA UM CONTEÚDO BEM FALAZ!

A PERDIÇÃO VISUAL (NÃO SERÁ MENTAL?) TEM COMEÇO NOS VESTIDOS: NA COR OU NA FORMA. NO BRILHO OU NO MODELO. NA TRANSPARÊNCIA OU NA ESPESSURA. TAL COMO NA TESSITURA...

OS TECIDOS/VESTIDOS APRESENTAM-SE COMO O MANIPULADOR-MOR DA DESINFORMAÇÃO IMPE-RANTE JUNTO DOS SENTIDOS. O QUE VALE DIZER, NA PERSPETIVA DOS ÁVIDOS CONSUMIDORES VISUAIS (*VOYEURS*): NO PANO RESIDE A ESSÊNCIA DE TODO O ENGAÑO – ENDIREITANDO AS CURVAS, ATERRANDO AS SALIÊNCIAS, DISSIMULANDO AS CAVIDADES, ESVAZIANDO OS “PNEUS” E ESCONDENDO OS SULCOS QUE O ARADO DO TEMPO DEIXOU...

Por deficiente formatação e enquadramento do estam-pado na pág. 49 (nº 8 da I série e nº 2 da II série – Outu-bro de 2018) do último número desta revista, republicou-se o texto em questão.

III - PERFIL ONE

DE POUCO MAIS DE UM METRO E MEIO, ERA, NO ENTANTO, UM VERDADEIRO GIGANTE: QUANDO ABRISSE A BOCA, IMPUNHA RESPEITO E O QUE PROFERISSE, A RESPEITO DE ANGOLA, PODIA SER ESCRITO, SEM RECEIO DE UM DESMENTIDO. ISTO PORQUE CONHECIA PROFUNDAMENTE A TERRA E A VIDA SOCIAL QUE NELA SE DESENROLARA - DURANTE DÉCADAS ESTIVERA NO EPICENTRO DO FURACÃO. E FALAVA COM CONHECIMENTO DE CAUSA AO PERORAR. FOSSE SOBRE A PESCA DO BAGRE NOS RIOS, OU A PROPÓSITO DO GARIMPO DA KAMANGA. ESTIVESSEM EM CAUSA OS COSTUMES KALUANDAS OU OS RITOS DO CANDOMBLÉ EM TODA A FAIXA COSTEIRA QUE, DA MARGEM ESQUERDA DO LOGE, DESCE ATÉ KALULO.

SECO DE CARNES, OLHOS VIVOS NUMA CARA CHUPADA, CABELOS ESPETADOS NUMA CABEÇA OBLONGA, MAS SEMPRE CORTADOS À ESCOVINHA, TINHA NA FACE A ETERNA EXPRESSÃO DE UMA BOA DISPOSIÇÃO. A SUA BOCA RASGADA RARAMENTE SE ENCONTRAVA QUE NÃO FOSSE COMO SUSTENTÁ-CULO DE UM CIGARRO: DAS POUCAS VEZES QUE ISSO ACONTECIA, OU ESTAVA ELE NA MISSA OU DORMINDO. DE PELE APERGAMINHADA E TOSTADA, EXIBIA UM ASPETO AMARELADO E PEGAJOSO - QUIÇÁ REPELENTE ÀS MULHERES COM QUEM DORMIA. MAS ISSO SÃO CONTAS DE UM OUTRO ROSÁRIO, SÓ A ELAS INTERESSANDO...

CURTO DE VISTA, DE ALTURA E DE INTELLECTO, JAMAIS DIZIA QUE NÃO A UM PEDIDO: ATÉ PODIA NUNCA SATISFAZER A PRETENSÃO, MAS DEIXAVA SEMPRE EM ABERTO A ESPERANÇA (O QUE VALIA A POSSIBILIDADE) DA SUA EVENTUAL E FUTURA CON-



C . S A L G A D O

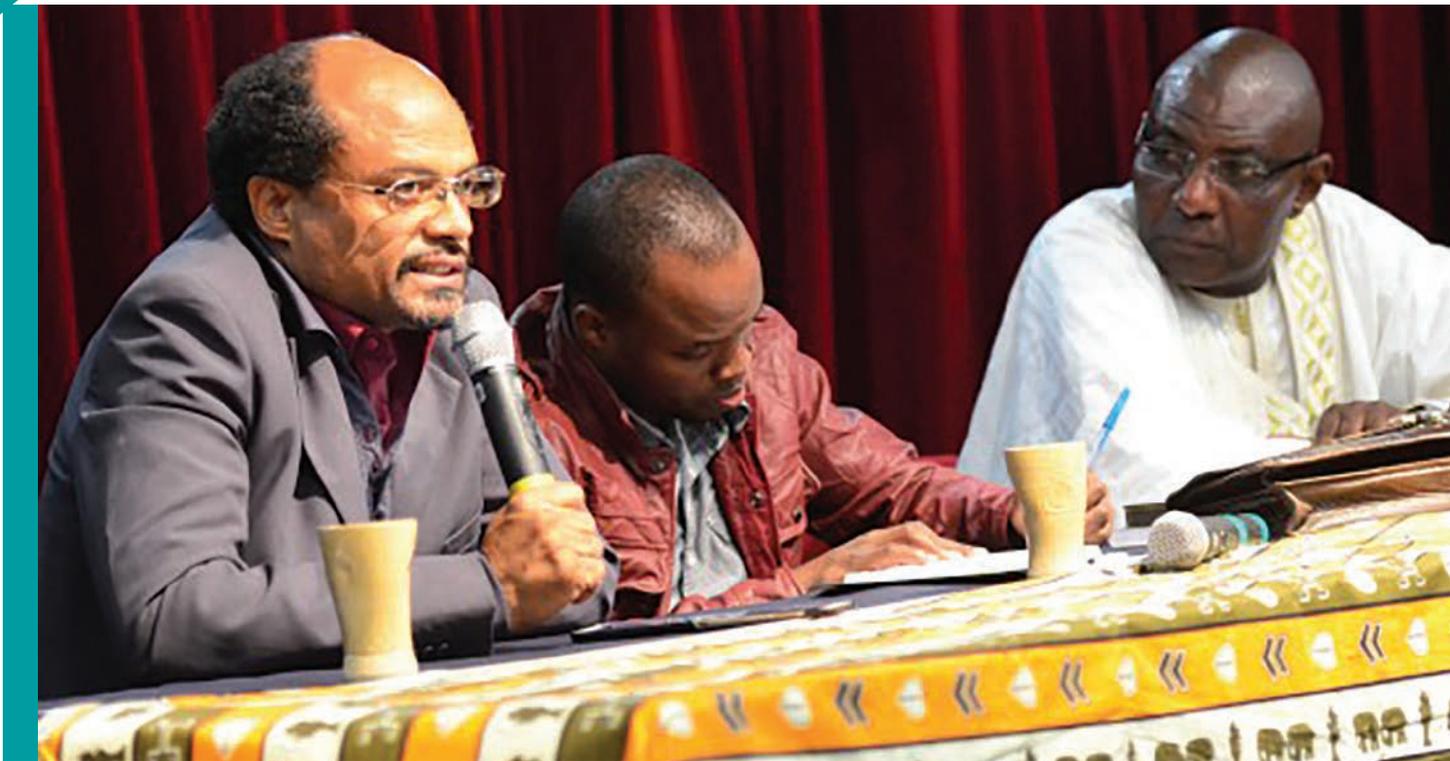
CRETIZAÇÃO. O SEU PERMANENTE SORRISO ERA O PENHOR DE UM APALAVRAMENTO ESPONTÂNEO E SINCERO. FRUGAL NAS REFEIÇÕES, NUNCA DORMIA A SESTA E NÃO SABIA ASSOBIAR...

ISSO PORQUE OS SEUS LÁBIOS DE TANTO FICAR ESTIRADOS (PARA ADERIREM E SE COLAREM AO COPO!) NÃO SE ARREDONDAVAM (NUNCA POR NUNCA!) PARA O ESPECIAL SILVO DO SOPRO. NA VERDADE, ERA PERFEITA A IDIOSSINCRACIA QUE SE CONSTATAVA ENTRE ESSE CIDADÃO E O CONTINENTE DO CARRASCÃO (ADORAVA O QUE ELE APELIDARA DE ROXA!). OU DA "CUCA" (CANTAVA ENTUSIASMADO E EM FALSETE «BEBA CUCA/SO-MENTE CUCA/COMO A CUCA/NÃO HÁ IGUAL»). E DO "SBELL" (ISTO JÁ NOS DERRADEIROS ANOS, POIS ELE DESIGNAVA LOBITO COMO ESCÓCIA DOS PRE-TOS) NÃO SE PODIA FALAR...

A SUA CAPACIDADE, OU FUNCIONALIDADE, COMO CUBA, FICOU AMPLAMENTE DEMONSTRADA NA ILHA (MAIS EXATAMENTE, NA RESTINGA) NUM ALMOÇO DE DESPEDIDA DE UM COLEGA ESFOGUETEADO PARA O CAZENGO. É QUE, ANTES DE SE COMEÇAR VERDADEIRAMENTE O REPASTO E NA NECESSIDADE DE SE PROVER A COPA DE COPOS PARA OS COMENSAIS, TIVERAM QUE LIQUIDAR AS CONTAS DAS CERVEJAS (EM FORMA DE "FINO") QUE O SUJEITO EMBORCARA A MONTANTE. CONSUMIDAS AS RODADAS, O VASILHAME ENFILEIRADO QUE NEM UM BATALHÃO NUMA PARADA, AGUARDAVA, EM DUAS MESAS, AO LADO, A CONTABILIZAÇÃO DESSA DESPESA PRÉVIA. E O "PREJUÍZO" ULTRAPAS-SOU OS OITOCENTOS E TRINTA MEREIS...

DE VERBO FÁCIL, FLUENTE E CONTAGIANTE, TINHA ESSE AMIGO UM INCRÍVEL APEGO ÀS ANEDOTAS PORCAS, TAL COMO A MOSCA SE VIRA E É ATRAÍDA PELO MEL. A SUA VERBORREIA APRESENTAVA, TODAVIA, UMA PARTICULARIDADE: DESPEJAVÁ TÃO INTENSA E REGULARMENTE PERDIGOTOS, COMO OBSCENIDADES... TERÁ SIDO, POR TAIS MOTIVOS, QUE AS FUNCIONÁRIAS NÃO SE INCLUÍAM NO SEU AUDITÓRIO. QUE REUNIA UMA DÚZIA DE SUBORDINADOS DE OLHOS ARREGALADOS E BEI-ÇOS CAÍDOS...

T. B. NABAIS (VULGARMENTE MAIS CONHECIDO POR "JOÃO PEQUENO") FOI, DURANTE O LARGO TEMPO EM QUE MANDRIOU A SUA PREGUIÇITE & SAFADEZA DEBAIXO DAS ARCADAS DA DIREÇÃO DISTRITAL DAS ALFÂNDEGAS, O MAIS INCAPAZ E BURLESCO TIPO DE FUNCIONÁRIO QUE ALGUMA VEZ A ADMINISTRAÇÃO COLONIAL TERÁ PARIDO!



José Carlos Gomes dos Anjos “Intelectuais, Literatura e Poder em Cabo Verde; lutas e definição de identidade nacional”

62

SOCA Magazine

Abordamos aqui, neste número da **SOCA Magazine**, o professor e investigador José Carlos Gomes dos Anjos, Doutorado em Antropologia, a propósito do seu livro: “Intelectuais, Literatura e Poder em Cabo Verde; lutas e definição de identidade nacional”, tese também do seu doutoramento.

O livro/tese debruça-se, essencialmente, sobre questões de identidade cultural em Cabo Verde e as perspectivas e pontos de vista articulados por diversos intervenientes, que se autodenominam intelectuais, e que, ao longo do tempo, tentaram impor as suas posições, em acesas e díspares disputas. O nosso entrevistado falaria de «como diferentes lógicas (políticas, literárias) se articulam na relação entre a posição de produtor cultural e a condição de mediação cultural e política.»



José Carlos Gomes dos Anjos nasceu em Luanda, em 1965, filho de pais cabo-verdianos que emigraram na leva de evasão camponesa da ilha do Fogo para Angola na década de 1960. Refugiados da guerra civil angolana, a família de José Carlos Gomes dos Anjos fez parte da leva de retornados para Cabo Verde, na década de 1970. Graças à oportunidade de estudar no Seminário de São José, na Praia, conseguiu concluir o 7º ano dos liceus e candidatar-se a uma bolsa de estudos para o Brasil. Ingressou na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Portalegre, em 1987, para fazer os estudos de ciências sociais.

Concluída a licenciatura, ingressou imediatamente no mestrado, o qual concluiu com uma dissertação, posteriormente transformada em livro com o título **Território da Linha Cruzada, a cosmopolítica afro-brasileira, Portalegre, 2006**. Dos estudos sobre a religiosidade, identidade e política antirracista afro-brasileira passou às investigações sobre a identidade nacional cabo-verdiana para a tese de doutoramento. A tese foi concluída em 1998 com o título **Intelectuais, Literatura e Poder em Cabo Verde; lutas de definição da identidade nacional**, também publicada em livro.

Desde 1999, é professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, atuando na pós-graduação em sociologia e no programa de pós-graduação em desenvolvimento rural; é também coordenador do curso de doutorado em ciências sociais da Universidade de Cabo Verde, investigando sobre a sociologia de elites e ligações interétnicas, mediação político-cultural no mundo rural, etno-desenvolvimento, identidade étnica nacional, intelectuais e desigualdade racial.

Danny Spínola: - Este livro é sua tese de doutoramento, parece que põe a questão, ou a ideia, de que a identidade nacional cabo-verdiana foi forjada. Esta é a tese/base do livro?

José Carlos Gomes dos Anjos - Em primeiro lugar, os meus agradecimentos, pela oportunidade de estar cá e poder dialogar sobre o meu livro. De facto, este livro é a experimentação de um modelo sociológico que é modelo da escola francesa, de sociologia crítica, cujo expoente é Pierre Bourdieu, em que o que está em jogo é um pouco experimentar a ideia de que os pensamentos que são dominantes numa certa sociedade, se correlacionam com as trajetórias dominantes dos atores, que, digamos, formulam essas ideias, cristalizam essas ideias.

Então, neste livro, de certa forma, busquei testar a possibilidade que as formulações sobre a identidade cabo-verdiana, elas, na verdade, estão correlacionadas com as trajetórias das elites intelectuais cabo-verdianas, de certo modo, se fosse resumir o livro, eu diria que os intelectuais durante muito tempo, entre a década de trinta e década de cinquenta, tinham um horizonte, em termos de ascensão social, de mobilidade dentro da conjuntura do império português, que era de ser de intermediário da colonização.

A ideia de intermediário da colonização se vincula muito bem com a ideia de povo mestiço, então, de certa forma, inverteo o raciocínio, em vez de dizer; “nós somos mestiços porque somos frutos da mistura do caldeamento de raças, a ideia é que, nós fomos construídos pela elite intelectual como mestiços porque era interessante para a elite”.

Houve quase que uma imposição, em termos da mentalidade colonial, para que essa elite, esses mediadores tivessem essa ideia de mestiçagem e a conseguissem vincular?

Exatamente, houve um processo nas conjunturas... Sobretudo na década de quarenta, cinquenta, o império português foi desafiado diante do processo de descolonização de vários países, a eminência de descolonização em África, foi desa-

EM PRIMEIRO LUGAR, OS MEUS AGRADECIMENTOS, PELA OPORTUNIDADE DE ESTAR CÁ E PODER DIALOGAR SOBRE O MEU LIVRO. DE FACTO ESTE MEU LIVRO É UMA EXPERIMENTAÇÃO [...]



fiado a reconfigurar o imaginário sobre o império, e nessa reconfiguração a ideia do luso tropicalismo, que vinha sendo forjado no Brasil, também por conta dos acirramentos das relações raciais no Brasil, apareceu como um ingrediente interessante para a reconstrução da ideia da missão civilizatória de Portugal em África.

Então Gilberto Freire vai ser importado, vai ser comprado, de certa forma, vai circular pelos países africanos, vai passar por Cabo Verde e, já, antes disso, os intelectuais cabo-verdianos, nomeadamente Baltasar Lopes, vai eleger Gilberto Freire como espécie de messias, aquele que anuncia o que é a identidade cabo-verdiana e sua essência.

Mas houve uma polémica entre Gilberto Freire e Baltasar Lopes, exatamente porque, parece que Baltasar Lopes não estava muito de acordo com a ideia de Gilberto Freire. Será que, de facto, Gilberto Freire tinha razão?

O que me parece, que esse momento, um tanto quanto anedótico desse desencontro, entre Baltasar Lopes que espera o messias, e o messias que vem e desengana os intelectuais cabo-verdianos, dizendo “você não são tão mestiços assim”, me parece que é um dado muito interessante para percebermos o quanto as identidades, elas são inventadas, dependendo do ponto de vista, da perspectiva de como os atores dominantes se relacionam com os espaços estratégicos de enunciação, de possibilidade de formular o que é, porque quando um intelectual

A IDEIA DE INTERMEDIÁRIO DA COLONIZAÇÃO SE VINCULA MUITO BEM DE POVO MESTIÇO, ENTÃO DE CERTA FORMA O INVERTO RACIOCÍNIO, EM VEZ DE DIZER...

formula o que é, ele está simultaneamente fazendo acontecer aquilo, de acordo com essas ideias poderosas.

Então, estava em jogo, para os intelectuais cabo-verdianos, fazer acontecer Cabo Verde como uma província mestiça, nem africana, nem exatamente Portugal. E quando Gilberto Freire chega, e tem contacto com a cidade da Praia, tem contacto com o componente forte, também presente no arquipélago – os claridosos, de certa forma estão muito propensos a não colocar o acento no que é a forte presença da cultura africana na ilha de Santiago –, ele formula a ideia de que na verdade esse arquipélago é um arquipélago africano, vocês deveriam reconhecê-lo como um arquipélago africano, e não tentar imitar-nos; em certo modo, isso, grosseiramente, foi o desengano provocado pelo messias.



do século XX, até, pelo menos, a década de 60, quando emerge uma possibilidade de se forjar uma nova identidade cabo-verdiana, desta vez africana.

Entretanto, e já agora extrapolando, talvez, um pouco o livro, que no fundo fala de formação, do percurso de Cabo Verde e a sua formação, mas, aqui há essa questão – que é uma questão já tratada por muitos, também, e que é sempre um pouco polémica. Nós somos africanos ...fala-se muito da africanidade, da europeidade, da caboverdianidade, que será, segundo a sua perspectiva, uma certa invenção, abordada, inclusive, por Gabriel Mariano, que põe essa questão do mulato, etc.

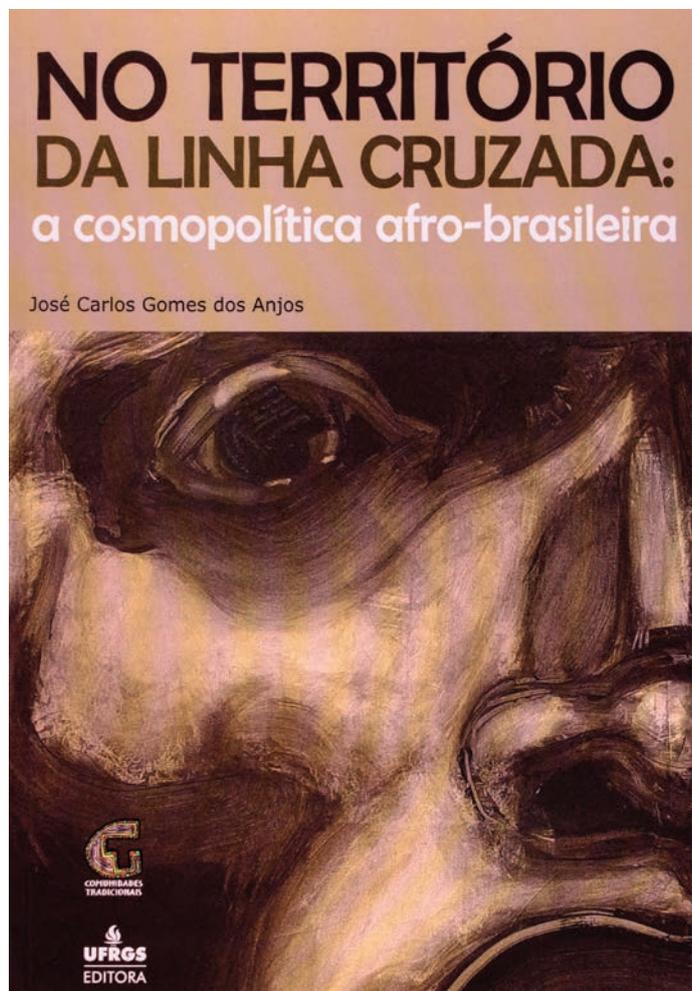
Eu vou explicitar historicamente o processo de invenção dessa identidade cabo-verdiana mestiça num processo de importação de uma série de ideologemas raciais; a ideia de que existem raças, em primeiro lugar, é uma invenção europeia dos séculos XVIII, XIX, na sua formulação moderna ficou a fazer uma genealogia brilhante de como o conceito de raças se tornou importante na Europa, num certo momento.

Então, no século XIX se cristalizam as ideias de raça superior, raça inferior que eclode dramaticamente no processo genocida do nazismo na própria Europa e, portanto, nós, para nos dizermos

A polémica e a resposta, dessa forma... há a questão, também, de uma aculturação no sentido de que os cabo-verdianos da altura tinham essa mentalidade. Fala um pouco disso no seu livro, dessa questão da pátria portuguesa. Fala-se muito disso, dessa dicotomia, cabo-verdiano é cabo-verdiano – inclusive fala de Loff Vasconcelos – , mas ao mesmo tempo tem esse sentimento de pertencer à pátria portuguesa...

Os intelectuais cabo-verdianos vivem aquilo que hoje, digamos, a corrente pós colonial chama, muito enfaticamente, de **dupla consciência**, que é uma necessidade de se identificar com a Metrópole, com o Ocidente, com a cultura, que acabou-se tornando, digamos, hegemónica, o sinal da civilização, portanto, o ingresso na modernidade ocidental e, simultaneamente, têm que perceber que eles não são reconhecidos como iguais.

Então, para Loff Vasconcelos isso é dramático, o facto de que o arquipélago é governado por pessoas que vêm de Portugal, que não têm o mesmo conhecimento do arquipélago, não têm as capacidades, habilidades que ele reconhece nos seus pares das ilhas, que podiam perfeitamente governar melhor a província, e ver que eles são relegados a um segundo plano por serem nativos. Então, uma consciência simultaneamente de nativo e de um português de segunda, portanto, é algo que dilacera o processo de construção da identidade do intelectual cabo-verdiano, ao longo do início



mestiços, nós tivemos que incorporar a ideia de que existem efetivamente raças diferentes, o negro africano, o branco europeu, o indígena, e nós, seríamos algo no cruzamento entre o branco e o negro, portanto, compramos os polos para fundí-los.

Então, no momento em que escrevi o livro, é um momento, de certa forma, em que está muito em voga a ideia... a reconstrução, a genealogia dos processos de invenção de tradições. Então hoje está muito contundente também, e reforça essa ideia, o facto de que a própria ideia de África é uma invenção de um dos maiores intelectuais africanos de hoje, Mundinbe, tem um livro cujo título é **A Invenção da África**, como os europeus inventaram a África.

Então, inventa-se a África, inventa-se a raça negra, inventa-se a raça branca, e nós inventamos, de certa forma, para nós, o nosso ser mestiço como a caboverdianidade, portanto, o que está em jogo no livro é um pouco perceber como nas tramas, nas estratégias de relações do poder, essas identidades dominantes, elas vão sendo forjadas. Elas são interessantes, e elas vão sendo colocadas de lado quando as conjunturas se refazem.

Em tudo isso, subjaz a ideia do poder, a do domínio, não é?

Exatamente, esse é o viés do livro, é perceber como por trás..., em vez da pergunta, efetivamente nós somos o que é, o meu esforço é para tentar analisar como aquilo que nós dizemos que somos, se correlaciona com as relações do poder estabelecido. Então, nesse sentido me parece que, na verdade, na conjuntura do processo da colonização, a invenção da África, da africanidade, como espaço que pode ser espoliado pela colonização, na verdade, começou com os cabo-verdianos, com o



O MOMENTO EM QUE ESCREVI O LIVRO, É UM MOMENTO, DE CERTA FORMA, ESTÁ MUITO EM VOGA A IDEIA... A RECONSTRUÇÃO, A GENEALOGIA DOS PROCESSOS...

processo de transplante de escravos da costa ocidental africana para Cabo Verde, depois para as Américas.

Então, aí inicia-se o processo da construção efetivamente dessa África moderna, espólio da colonização europeia. Eu costumo brincar com os meus alunos, dizendo; “na verdade nós somos os primeiros africanos, os maiores africanos, porque a africanidade começou connosco”, começou a ser inventada nesse pequeno laboratório que é o arquipélago de Cabo Verde.

Fala de vários mediadores, começa pelos morgados, pela questão do poder, depois passa também pela elite, por exemplo, pelos in-





telectuais, portanto para o espaço urbano; depois fala do pós-independência, que há outros mediadores. Podia falar do pós-independência, desses outros mediadores e das novas ideias surgidas, pois que destaca dois momentos principais, o da independência e, depois, logo a seguir, o rompimento com a Guiné-Bissau e a abertura política?

Bom, na conjuntura do fim da década de 60, do processo de descolonização, nós temos um cenário em que há um discurso hegemónico, pan-africanista, que é interessante para uma nova elite, que não se encaixa mais como intermediária do processo colonial, e que quer ascender. Conseguise visualizar nos postos máximos na governação da província, que deixa de ser província com a descolonização e se transforma em estado e nação.

Então, é mesmo uma nova elite mediadora, que são propriamente políticos, políticos que constroem, a partir de uma formulação de Amílcar Cabral, a ideia dos melhores filhos da terra. Então, essa é a primeira, digamos, elite pós-colonial, que, justamente numa província carente de recursos, faz a mediação do processo de viabilização do pequeno país e de, fundamentalmente, desse lema, muito importante para a governação do país, que é o combate à pobreza, um país que depende da ajuda externa.

Então, esses mediadores capitalizam recursos de fora, fazem o processo de redistribuição desses recursos e, naturalmente, têm os dividendos de quem redistribui. Depois, nós temos um segun-

do momento, após a abertura política em que nós consolidamos o estado da nação e, com a consolidação do estado da nação, nós tendemos a importar um modelo europeu de, digamos, de segmentação da vida; a elite se segmenta numa elite literária propriamente dita, que já não aspira a ser uma elite política.

Portanto, nós temos políticos que já não aspiram a ser, necessariamente, produtores da literatura, e então nós temos novas conformações de elite. Começa a aparecer uma elite económica, que também se desliga, embora tenha feita a capitalização em cima do processo político, se desvincula da elite política, e passamos a ter três segmentos, relativamente autónomos, das elites do país. Portanto, a mediação se transforma numa mediação muito mais complexa.

E aí entra a questão da globalização, de uma certa tentativa de encontrar uma outra forma de hegemonia, digamos assim. O ocidente tem sempre essa tendência em buscar caminhos subtis para conseguir impor também a sua ideia e ter mediadores nessas antigas colónias, e globalmente, também?

Exatamente, o processo da colonização, estrategicamente se refaz num programa neocolonial, que é na verdade um programa... uma forma de hegemonação do ocidente sobre o mundo, que é muito menos onerosa, porque, na verdade, todo o trabalho de governação interna, todo o trabalho de polícia, de apaziguamento interno, extremamente custoso para África, é feito pelas próprias elites internas.

Portanto, as elites pagam o preço da governação e simultaneamente a Europa mantém uma trama de relações que permite fazer escoar os dividendos, os capitais da periferia, sangrando para o centro, esse é fundamentalmente um processo de reconstituição, não mais das potências imperiais, mas do império, do capitalismo como império, a nível planetário, num processo da globalização.

Nesse cenário, nós os cabo-verdianos, nos situamos muito bem – como acabamos nos situando, e a parceria estratégica com a Europa tem a ver fundamentalmente com isso –, como o lugar, digamos, de controlo dos fluxos da África, sobretudo dos fluxos migratórios e seus riscos com relação à Europa.

Portanto, nos transformamos numa espécie de porta, numa comporta que abre ou fecha de acordo com os interesses europeus e nos transformamos, nesse sentido, numa periferia. Somos pensados e imaginados hoje como uma periferia da Europa, a menos que a atual crise europeia e a ascensão dos países africanos produzam um fenómeno parecido com o que aconteceu na década de 60, nós começaremos a ver África de novo como um continente interessante; certamente vamos reconfigurar a nossa identidade, e seremos menos mestiços e mais africanos numa nova conjuntura.



PORTANTO, NOS TRANSFORMAMOS NUMA ESPÉCIE DE PORTA, UMA COMPORTA QUE ABRE OU FECHA DE ACORDO COM OS INTERESSES EUROPEUS...

insere dentro de um espaço estratégico, de visualização, de perspetivação do que deve ser o futuro deste arquipélago. Me parece pouco ousado, algo incoerente, a forma como nós nos projetamos identitariamente, enquanto nação; me parece que este era o momento estratégico para nos afirmarmos como nação africana. Para nos afirmarmos muito intensamente como nação africana, o que não nos desvincularia das relações estratégicas que estabelecemos com o Ocidente, com a Europa. Mas justamente os europeus esperam isto de nós, que nós nos afirmemos como africanos para que possamos cumprir mais exatamente a função de comporta. Então, o mais estratégico – a nossa diplomacia não tem sabido explorar isso bem –, seria nos afirmarmos intensamente como africanos, explorarmos as relações que podemos estabelecer com todos, mas estarmos prontos para o momento em que a África dá o seu salto, para que nós não pareçamos como hipócritas que vão ao sabor dos ventos.

Voltando um pouco atrás, agora, à questão racial, que eu acho que é importante e interessante também para as pessoas, pois, creio que os cabo-verdianos têm muita curiosidade sobre isso. A dado momento aborda a questão levan-

Mas até este momento, acho que há uma certa rejeição, pois não há assim muita aproximação à África, como seria talvez na década de 60, como seria desejável?

Ainda não estamos muito empolgados com o crescimento notável de uma série de países africanos. Continuamos ainda extremamente atraídos pela ideia de que temos de estar..., as nossas elites, pensam que têm que estar o mais próximo possível da Europa, o mais próximo possível do ocidente, portanto, vinga mais, neste momento, a nossa ideia de uma identidade mestiça. Mas, o risco é que cheguemos atrasados, a percepção de que a África é o lugar da nossa ancoragem para um processo de salto no desenvolvimento.

E, aí a pergunta, já numa outra dimensão..., portanto, a tese, a análise do que os outros pensaram, os mediadores, mas quanto a si, nós somos o quê?..., e, também, acha que o cabo-verdiano é racista? Não sei se já fez um estudo numa outra perspetiva, não dessa análise dos mediadores, mas mais, de facto, em termos do que pode ser, de facto, no seu entender?

Me parece que qualquer formulação sobre a identidade cabo-verdiana, ela naturalmente se

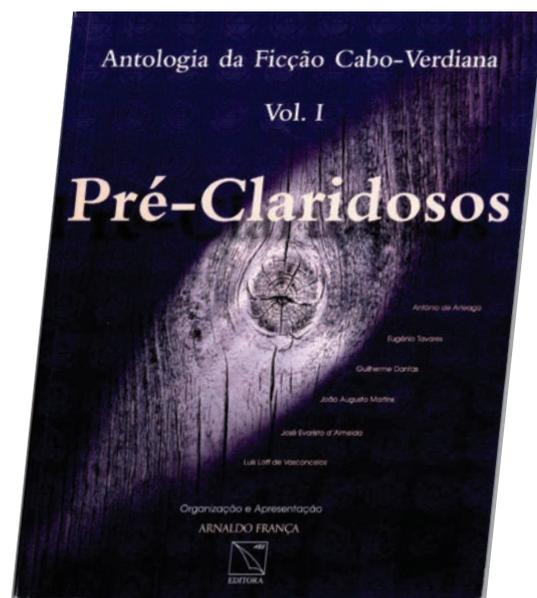




tada por Teixeira de Sousa, que fala do racismo na ilha do Fogo, principalmente, através dos livros dele, o que nos leva a pensar que de facto os cabo-verdianos são muito racistas...

Uma das coisas que o livro busca, de certa forma, colocar, sob um certo ceticismo, é a ideia da unidade cabo-verdiana. Os cabo-verdianos, quando falamos os cabo-verdianos, estamos fazendo uma construção automaticamente. Justamente, o Teixeira de Sousa é interessante porque mostra como uma ilha pequena, como a ilha do Fogo, era uma ilha dividida, onde havia um *apartheid* racial. As pessoas que ocupavam, fundamentalmente, a Vila e que se pensavam como branco, e que eram fenotipicamente brancas, se apartavam do resto da população. Havia um sistema racista.

Na ilha de Santiago desenvolveu-se, do séc. XV até o séc. XIX, uma casta que se pensava como brancos da terra, embora tivessem sido obrigados a uma intensa miscigenação, mas continuaram se pensando como brancos. Em grande medida, o livro tenta mostrar isso, e é justamente porque já não eram mais brancos, mas se pensavam como branco, e exigiam da Metrópole um tratamento como brancos. Há uma série de desencontros, nomeadamente o principal estabelecimento de ensino, o Liceu, demora muito



tempo a se fixar na capital, porque esta ilha é demasiadamente negra.

Então, nós temos uma séria de tensões raciais no arquipélago, da qual nós não falamos, quando subsumimos tudo na categoria cabo-verdiana. Hoje nós enfrentamos, de uma forma muito peculiar, as nossas

...O TEIXEIRA DE SOUSA É INTERESSANTE PORQUE MOSTRA COMO UMA ILHA PEQUENA, COMO A ILHA DO FOGO, ERA UMA ILHA DIVIDIDA, ONDE HAVIA UM APARTHEID RACIAL

HOJE ESTOU MUITO PREOCUPADO EM TENTAR RESGATAR UM POUCO EM QUE MEDIDA A CULTURA POPULAR INFLUENCIOU O PENSAMENTO DE AMÍLCAR CABRAL...

É claro que é difícil abarcar todo livro, mas tentamos falar do essencial, não sei se tem algo importante que possa ser interessante falar aqui?

Parece que as suas questões acabaram cobrindo o essencial do livro, o que o livro buscava transmitir... o resto são detalhes analíticos, tentativas de comprovação de que as teses estão cientificamente embasadas, mas, talvez, o que eu tenho explorado, nesse momento, e explorei menos nesse livro, talvez sejam mais interessante dizer, é, na verdade, as fontes populares dos pensamentos das elites intelectuais.

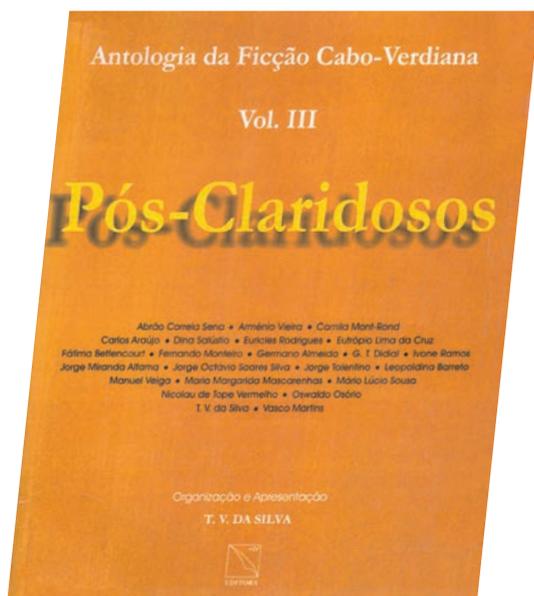
Hoje, estou muito preocupado em tentar resgatar, um pouco, em que medida a cultura popular influenciou o pensamento de Amílcar Cabral, se é apenas um movimento de cima, ou o pan-africanismo, ou o marxismo na Metrópole, etc., fazendo vincar uma certa ideia da identidade cabo-verdiana. Mas não estive, nesse livro, muito preocupado em pensar os outros segmentos que não as elites, na forma como contribuem para a identidade nacional.

É professor aqui na UNI-CV, não é?, e continua a sua investigação... tem algum projeto assim nessa área ou em outras...?

Um desafio deste momento, o meu projeto é investigar essa dimensão da cultura popular, a chamada cultura tradicional, a oralidade do interior da ilha de Santiago, no modo como contribui para a identidade nacional, essa identidade que sobretudo se afirma como a mais africana, isto é, como as elites que pensam o nacionalismo africano, em plena luta de libertação nacional, sobretudo Amílcar Cabral, também Leitão da Graça, o nosso poeta que eu vi uma vez que você também cultiva, Vieira Lopes. Então como é do interior da ilha de Santiago, tem uma vertente que desemboca numa certa produção literária.

Kauberdianu Dambará, ele foi um dos primeiros a falar da negritude, da criouldade, do negro na poesia cabo-verdiana, não foi?

Justamente, essa era uma das vertentes que gostaria de explorar neste momento. ■



Crônicas de Christina

O SAL DA TERRA

Primeiro, um céu estonteante. O sol nascendo preguiçoso em meio a nuvens inchadas de cinza. A asa do avião, invadindo a cena, emitia sua luz pequeníssima e discreta, enquanto o astro-rei perdia a preguiça e a timidez e logo começava a ferir minhas retinas. O mar, volta e meia, surgia lá em baixo. E o movimento da espuma indicava ventos fortes. Ansiava pela visão de qualquer pedaço de terra que pudesse me dizer: eis Cabo Verde. Mas, quando o avião começou a baixar, as mesmas nuvens inchadas se fizeram um paredão intransponível. Cabo Verde brincava de esconde-esconde.

Não vi a ilha de cima. Santiago só se revelou quando o avião já se colocava em altura para aterrissar. Vi um relevo ondulado, de discreto verde, casinhas singelas, agrupadas aqui e acolá, e o mar rebentando em pedras escuras. Mas o avião não aterrissou. Senti bem claro o momento em que o piloto, projetando o bico da máquina, subiu novamente. Não havia condições para o pouso, esclareceu ele pelo alto-falante. Muita chuva, muito vento. Vamos para a Ilha do Sal. Mais uns trinta minutos de voo.

Então, eu primeiro teria que conhecer o “sal da terra”. Era assim? Os passageiros mal se incomodaram, creio que acostumados a mudanças de planos. Eu, na minha expectativa infantil de encontrar a terra, mas já conhecendo um pouco de sua realidade, achei um bom presságio chegar com chuva. Não era eu que estava chovendo sobre as ilhas, mas minha emoção chovia a cântaros. E a natureza parecia compreender. Cabo Verde mostrou que me ditaria suas próprias normas. Não era essa a ordem que queria: Santiago, São Vicente. E me impôs Sal como primeiro solo a ser pisado.

Antes de chegar à Ilha do Sal sobrevoamos outra ilha. O céu mais limpo me permitiu ver uma paisagem completamente diferente de tudo o que já havia visto na vida. Um solo absolutamente seco, rachado, de cor marrom, com pedras e nenhuma vegetação, desenhava um contorno redondo para as águas do mar. De



Publicadas em *Água terra fogo ar*
– crônica *elementais*
(Rio de Janeiro: UAPÊ, 2011)



Ramalho sobre Cabo Verde



repente, no meio do nada, uma montanha igualmente marrom, com formato cônico, tornou-se o centro da paisagem. Ao longe até se viam algumas pequeníssimas casas. Mas o tempo passou rápido demais, e o avião, seguindo sua rota, não me deixou ver mais do que aquilo. Perguntei à aeromoça: “É Boa Vista?”. Era.

Informação nova do piloto: também a Ilha do Sal apresentava condições impróprias para o pouso. Ele tentaria entrar pelo norte da ilha. Mais dez minutos de espera.

Baixamos a escada do avião sem saber bem quanto tempo permaneceríamos na ilha. Ficamos dentro do aeroporto esperando por notícias. Ali já percebi algo do caráter dos cabo-verdianos. “*Morabeza*” é o termo com que se define o trato gentil que os cabo-verdianos dão às pessoas que chegam ao país. E foi assim. Uma mocinha do aeroporto me comprou um cartãozinho telefônico, para os devidos avisos. Outro moço me permitiu usar seu computador para enviar duas mensagens. Pelo telefone, o primeiro contato com o poeta Corsino Fortes, que me esperava no aeroporto da Praia. Uma voz apagada pelos ruídos de interferência me dizia já saber do atraso e me adiantava os compromissos que já havia agendado para mim. Quando eu chegasse, ligaria para avisá-lo. Ficamos assim. Uma senhora olhou minha mala enquanto eu tentava providenciar essas coisas. Ninguém sobressaltado ou estressado. Todos sentados pelas cadeiras e pelo chão, esperando. Um grupo de risonhas paraenses fazia graça sobre a possibilidade de perderem o voo de Lisboa para Guiné, que parecia ser o destino de suas férias. Não demorou muito e, debaixo de forte temporal, retornamos ao avião. Estranhamente, agora sim, poderíamos partir.

Minha permanência na Ilha do Sal foi curtíssima. Só uma passagem pitoresca pelo significativo “Aeroporto Amílcar Cabral” para começar a viagem. O Cabo Verde das terras secas chovia. E me oferecia o “sal da sua terra” úmido e a me dar as boas-vindas.

Praia, 13/09/10

NÃO ERA EU QUE ESTAVA CHOVENDO SOBRE AS ILHAS, MAS MINHA EMOÇÃO CHOVIA A CÂNTAROS. E A NATUREZA PARECIA COMPREENDER. CABO VERDE MOSTROU QUE ME DITARIA SUAS PRÓPRIAS NORMAS

PELE D'ÁGUA

Cidade da Praia. Ilha de Santiago. Cabo Verde. O sol d'África umedece meu corpo, e uma nova pele me reveste: pele d'água. Vestida por ela, não me reconheço. Meus olhos veem paisagens inéditas. Os ouvidos escutam mornas, coladeiras, funaná, zuquis¹... As narinas recebem olores distintos. Minhas pernas me levam por onde não sei. Inauguro beijos e abraços, gentes que chegam e que se vão, sem que eu saiba o limite de reencontros possíveis. À minha volta, um espetáculo de cores, movimentos e lições a serem compreendidas.

Pelas ruas caminham meninas e mulheres com vasilhas e baldes na cabeça. Contudo, não há resquício de incômodo ou sacrifício. Ao contrário, suas figuras deslizam elegantes, altivas, como se a água ou as frutas que carregam fossem coroas que as dignificassem. Moças bonitas ziguezagueiam pelas calçadas com pernas quilométricas balançando os quadris e deixando entrever a dança que nelas habita. São belas em seus olhares pontiagudos. Crianças de mil caras



toda natureza, estão as lojas estreitas e escuras. Cada uma é um universo completo de acessórios para viver. E o sol, absoluto, parece estar sempre ao meio-dia, até que decide entardecer.

Surpreendentemente, o suor que me custa viver tudo isso não escorre lento pela geografia dos braços, pescoço e rosto, mas se entranha nas próprias águas que gera. É um suor diferente que, por se amalgamar à pele, provoca a forte sensação de, mais do que Sol, haver água por todos os lados. Eu, como as ilhas, sou um pequeno pedaço de terra totalmente cercado de águas.

Cidade da Praia. Santiago. Cabo Verde. A pele d'água me transformou geograficamente. Deixei de ser a mulher-continente para ser a mulher-ilha. E que diferença há nessa nova geografia! Aqui o mar nos olha visceralmente. Somos parte dele, parte de sua generosidade, já que nada lhe custaria roubar-nos terra e vida. Antes, minha memória era de infinitas costas que pareciam desenhar uma linha de forças hercúleas igualmente poderosas: terra e mar. Aqui não. Aqui a fragilidade da terra é tão visível e marcante que a única forma de fugir dessa onipotência marítima é ser mar também. E talvez seja este o mistério da pele d'água. Talvez seja por isso que o suor, embebido de maresia, não escorra alheio à sucção dos poros, mas se ofereça a eles desejando ser carne, carne d'água, carne d'ilha, carne badio-cabo-verdiana.

Praia, 06/10/10

correm, brincam, buscam as mãos das mães, sentam-se, com elas, no chão para vender roupas, sapatos, frutas, bebidas e apetrechos dos mais variados. Homens e rapazes se confundem na pele jovem que engana a idade. Em meio às mulheres e às crianças, eles parecem compor um mundo à parte, mas um mundo sujeito à estética do feminino. Idosos e idosas passam camuflados pela necessidade de perpetuarem a busca pela sobrevivência. As mesas dos bares estão sempre cheias. De sede, de conversa, de gestos. Igualmente cheias, porque apinhadas de produtos de

A PELE D'ÁGUA ME TRANSFORMOU GEOGRAFICAMENTE. DEIXEI DE SER A MULHER-CONTINENTE PARA SER A MULHER-ILHA. E QUE DIFERENÇA HÁ NESSA NOVA GEOGRAFIA! AQUI O MAR NOS OLHA VISCERALMENTE

¹ Ritmos e danças típicas do país.

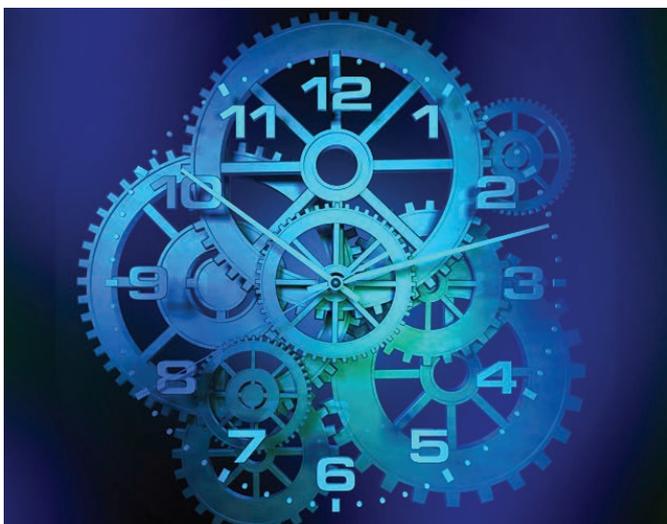
ATÉ QUE MINHAS ASAS SAIBAM SE CONVERTER EM PEDRA, E EU POSSA ME MISTURAR ÀS MONTANHAS E SOBREVIVER MAJESTOSA ÀS CARÍCIAS VIOLENTAS DAS TEMPESTADES EM SUA ILHA

ORÁCULO

Que preciso conhecer Santo Antão é facto. Quando isso acontecerá? Talvez em novembro do próximo ano. Talvez... Mas, antes que meu olhar se esbarre, vivo nas montanhas que já pude admirar de longe, com os pés assentados em São Vicente. Penso ser bom desenhar com palavras o que é Santo Antão antes de ser.

Um poeta me disse que em Santo Antão é possível admirar as nuvens de cima para baixo, tal é a força vertical das trilhas montanhosas que a ilha possui. A montanha vence as nuvens e inverte a forçosa perspectiva de as termos sempre sobre nossas cabeças. O vigor com que o poeta me ofereceu essa imagem anda determinando minhas expectativas sobre o lugar. Afinal, ver as nuvens de cima, sem estar voando, é quase como ser um pássaro deliberadamente pousado e sem a necessidade do metal. Eu, que gosto dessa coisa de ser pássaro, antecipo emoções...

Outra imagem também me foi oferecida pelo poeta: a ilha onde as tempestades são impressionantes. Quase posso ouvir o som contundente e grave dos trovões esbarrando-se nos blocos de pedra gigantescos. Um duelo de titãs, imagino ser. Mar, pedra e chuva a compor um quadro surreal, violento e belo. Que medida terá a experiência de ser pedra nesse panorama? Há que ser forte como a pedra para estar ali. E me pergunto: de que matéria é feita minha carne? Resistiria ela a tanta tormenta?



Todavia, foi uma cronista de Santo Antão que mais influenciou a decoração desta sala de espera quando, enigmaticamente, sentenciou: “Você deveria ir a Santo Antão, mas não aconselho que vá agora...”. Ficou claro que eu não estaria preparada para os mistérios da ilha. Ou, pelo menos, para os mistérios que nesta especial fase do ano se ofereceriam à minha contemplação. Haveria que ir pouco a pouco. Conhecer primeiro a face mansa, menos verde, mas ativa. Submeter-me às costuras das estradas de cima e de baixo, familiarizar-me com a geografia de escarpas personalíssimas. Até poder encontrar as eventuais tempestades e a explosão do verde.

Foi com tal ênfase que me falou a cronista de Santo Antão que eu senti medo. E quando pude observar, desde São Vicente, os contornos agudos e maciços da ilha, foi entre medo e reverência que a saudei de longe. Ficou-me uma ilustração de romance de aventuras, ao sabor de *A ilha do tesouro* ou de *Aventuras de Hans Staden*. Certo é que a visita futura já possui aura mítica e que esta navegadora, desejosa de novas paisagens e de novos voos, certamente sairá de Santo Antão renovada, sem medo ou com mais, a depender dos desígnios celestiais.

E você, cronista de Santo Antão, mestra dos retratos do cotidiano, fruto da terra, que conhece os sons guturais que por vezes brotam das montanhas natais, saiba que seu conselho se fez oráculo, e eu, que não sou boba nem nada, nem tenho perfil para enfrentar tamanhos desafios, vou deixar a visita para tempos mais serenos. Até que minhas asas saibam se converter em pedra, e eu possa me misturar às montanhas e sobreviver majestosa às carícias violentas das tempestades em sua ilha. E, quem sabe, como meu amigo poeta, eu possa, inclusive, chegar a amar as tormentas após conhecê-las, em sua mais absoluta verdade, no regaço de Santo Antão, essa misteriosa ilha de Cabo Verde.

Praia, 06/10/10

A ILHA DO FOGO

Uma das ilhas de Cabo Verde chama-se “Ilha do Fogo”. Sua mais gritante peculiaridade é o facto de ela abrigar um vulcão ainda ativo. Esta informação basta para associarmos o nome à geografia, porém, esse “fogo” tem mais labaredas do que uma conclusão reducionista poderia nos fazer supor.

Antes, porém, de falar sobre essas “labaredas”, uma observação: ir a Cabo Verde significa estar sempre antenado com o universo de ilhas que o caracteriza como país. Há uma insaciável curiosidade de conhecer todas, o que é quase impossível acontecer em uma única viagem, a não ser que haja tempo para seguir o calendário dos voos e das navegações internas, o que pode fazer que o período a ser passado no país seja extenso (o que não seria nada mau, muito pelo contrário) e o custo da visita se torne inviável. Assim, os meus pés se ativeram a passear como relâmpagos pelo solo do Sal, caminhar cuidadosamente por Santiago e percorrer curiosos São Vicente. Meus olhos, contudo, não sossegaram enquanto não sobrevoaram Boa Vista, contemplaram a proximidade enigmática da Santo Antão, vislumbraram os contornos da São Nicolau e desenharam a beleza solitária da Santa Luzia e dos ilhéus. Fogo, Brava e Maio, entretanto, não se deixaram avistar. Mas o que eu li e soube sobre elas antes de chegar a Cabo Verde deixou dentro de mim o desejo vivo de integrá-las ao meu ainda limitado repertório do “ter-estado lá”. Assim quem falará sobre a Ilha do Fogo não pode ser obviamente a viajante, mas a investigadora curiosa que percebe quanto uma ilha está dentro da outra, se recolhemos das falas alheias os devidos presentes.

Vamos, então, às “labaredas”. O que eu mais ouvi sobre a Ilha do Fogo é que de lá vem um excelente vinho e um café saboroso. É curioso verificar que,



ASSIM QUEM FALARÁ SOBRE A ILHA DO FOGO NÃO PODE SER OBVIAMENTE A VIAJANTE, MAS A INVESTIGADORA CURIOSA QUE PERCEBE QUANTO UMA ILHA ESTÁ DENTRO DA OUTRA, SE RECOLHEMOS DAS FALAS ALHEIAS OS DEVIDOS PRESENTES



de certo modo, os cabo-verdianos gostam de dar destaque àquilo que não costuma ser o centro das preocupações de quem visita as ilhas em busca de ver o que já sabia pelos estudos. A generosidade das informações que nos fornecem está cercada de um real propósito de romper com alguns estereótipos que acabam reduzindo a alguns itens a riqueza que eles sabem que possuem. De outro lado, é compreensível que café e vinho não sejam elementos de destaque para quem se dedica a estudos literários, ainda que as investigações de ordem cultural não possam

AURORA

prescindir de conhecer marcas como as práticas agrícolas do espaço que se estuda. Assim, saber, por alto, do vinho e do café, eu já sabia, mas sentir seu sabor (ou seus sabores) na fala dos cabo-verdianos foi algo diferente.

Na literatura cabo-verdiana uma das grandes personagens é a seca. Para um brasileiro ou uma brasileira, que viveu rodeado/a pelo regionalismo nordestino brasileiro, não é difícil compreender o privilégio que recebem os signos da seca quando um escritor se põe a cantar a própria terra. Também é compreensível que a circulação da literatura da seca seja privilegiada em territórios alheios pelo caráter de exotismo que possui para o outro. Se, de um lado, a seca se faz importante marca cultural e promove a valorização de uma produção também cultural dela derivada, de outro, acaba impondo uma imagem muito cristalizada, que deixa imersas em névoas outras marcas igualmente interessantes. Talvez por isso, quando um cabo-verdiano fala do seu “*tchon di café*” e do fruto 100% orgânico que ele oferece, sente-se em sua fala uma aura diferente, um orgulho de ser mais que uma terra seca, vulcânica, ainda que as lavas e areias negras da Ilha do Fogo componham uma paisagem espetacular. De igual modo, quando um cabo-verdiano menciona os vinhos “*Manecon*”, “*Chã*” e “*Sodade*”, e a seriedade do país em fazer seus vinhos tinto, branco e “*rosé*” serem reconhecidos internacionalmente, revela uma postura que vai muito além do confortável “*status*” de filho da terra exótica que oferece aos mais aventureiros a antiga cratera Chã das Caldeiras e muitíssimas escarpas a serem conquistadas.

Além dessas saborosas labaredas, há outras igualmente charmosas que incluem, por exemplo, as referências à beleza dos sobrados de São Felipe, que, Henrique Teixeira, no romance “*Ilhéu de Contenda*”, descreveu criticamente como “Sobrado que sobrou dos sobrados soçobrados, orgulho-ilusão de uma classe que o tempo destróçou”, e referências às festas dedicadas a santos – como São Felipe, São Lourenço e São Sebastião, entre outros – que colore a paisagem da ilha e aos “meninos do vulcão” que vendem esculturas pequeníssimas, fazendo os turistas levarem funco e vulcões para casa.

Enfim, o que eu percebi nas referências extraídas de conversas corriqueiras sobre a Ilha do Fogo foi que, paralelamente à visível gratidão pelos que chegam ao país animados a conhecê-lo e a estudá-lo, há, nos cabo-verdianos, um desejo vivo de que os visitantes percebam, além das belíssimas manifestações culturais, que envolvem música, literatura, pintura, escultura e dança, Cabo Verde é um país em luta pela dignidade de crescer economicamente a partir de si mesmo. Não falarei dos “contras”, nem dos empecilhos, mas adianto que também nesses aspectos o cabo-verdiano pode ser “fogo”! Basta ler alguns jornais que circulam pelas ilhas... Mas isso é outro assunto. Recolho-me, agora, à lembrança dos sabores dos legítimos vinho e café da Ilha do Fogo.

Os quatro elementos vivem dentro de nós. Em maior ou menor escala, cada um deles, com a sua força e simbologia, nos contamina e nos move em direção à unidade plena que constituímos como seres vivos. Como escrevi muito sobre Cabo Verde, dedico a Aurora, uma cabo-verdiana muito bacana, esta crônica final.

Aurora é uma explosão cabo-verdiana. Há nela raios de brilho tão forte que, às vezes, é bom portar óculos de sol. As formas generosas que expandem o marrom de Cabo Verde pelas ruas coloridas de Mindelo e certo tom alaranjado que também marcam sua presença compõem uma paisagem exuberante, alegre, cheia de energia e calor.

Com ela, o dia não tem entraves, tem rotinas a serem cumpridas no ritmo exato de cada tarefa: seja encher de luz a casa sombria da pobre mãe que acaba de perder seu filhinho, seja ensinar os claros e escuros da cidade à visitante branquela que quer levar o sol de Cabo Verde para seu país, seja compor minuciosamente a “*catchupa*” rica, seja mesmo assinalar pelas redes de comunicação entre amigos a certeza de um novo dia.



A Aurora do Mindelo é única. Tem personalidade. É capaz de se espalhar vagarosamente pelas estradas de São Vicente e, ao mesmo tempo, de se misturar como peixe veloz às águas da Baía das Gatas. É capaz de dançar em ondas a coladeira e pairar silenciosa e comovida ante a dor. É forte tanto na clareza branca dos momentos de riso quanto nos horizontes acinzentados pelas contrariedades. É maternal nos raios que envia à Ilha do Sal, é amiga ao expandir os horizontes do povo, é concentrada nos focos que pedem luz de raio X.

A Aurora do Mindelo possui todas as geografias. Não há recanto do mundo que não a faça brilhar. Sua luz vai revelando contornos alheios, iluminando aspectos humanos distintos, aclarando climas e relevos das mais diversas formas e características.

A Aurora do Mindelo está impregnada de Geologia. As micropartículas de pó e pedra nela se acendem como as “Estrelas de pó”, que o poeta brasileiro Raimundo Correia cantou em poesia.

A Aurora do Mindelo é, enfim, um poema. Ritmo e verso livres, rimas particularíssimas, temas plurais, elementos vivos em metáforas e metonímias. Espetacular pessoa, a quem devo a hospitalidade da acolhida em São Vicente e a satisfação de ter convivido durante breves dias com uma mulher cabo-verdiana inteira em sua força, profissionalismo, integridade e determinação. ■

Mindelo, 20/09/10



A SOCA NA VANGUARDA DOS DIREITOS DE AUTOR EM CABO VERDE

De julho a agosto, a SOCA fez uma digressão por quase todos os municípios do país para estabelecer diálogos com os Autores e Artistas sobre questões autorais, e para apresentar às edilidades cabo-verdianas propostas de protocolo e de parceria nos domínios autorais e culturais.

ILHA BRAVA



ILHA DO SAL



MOSTEIROS - ILHA DO FOGO



ILHA DA BOA VISTA



PORTO NOVO - SANTO ANTÃO



Tarrafal e Santa Catarina da Ilha de Santiago, Mosteiros no Fogo, município da Brava, do Sal, do Maio, da Boa Vista e de São Vicente, bem como os de Tarrafal e Ribeira Brava, de São Nicolau, de Porto Novo, Ribeira Grande e Paúl, de Santo Antão, foram visitados por uma delegação da SOCA, encabeçada pelo seu Presidente, Daniel Spínola, e integrada por membros da Direção Executiva e de Autores e Artistas.

Tendo valorizado sempre a cultura e a leitura, como importantes pilares do desenvolvimento de um país, a SOCA levou, em todas estas deslocações, um acervo de livros e revistas editados pela SOCA e pela Academia Cabo-verdiana de Letras para ofertas às Bibliotecas Municipais.

Nesse périplo, a SOCA teve a oportunidade de esmiuçar questões importantes relacionadas com a cobrança e distribuição dos Direitos de Autor e também de mostrar o percurso feito desde a sua criação em 2005, onde consta um trabalho sistemático de promoção e divulgação dos Autores e Artistas, tanto através da revista SOCA Magazine e do seu site, assim como a partir de homenagens e destaques dos homens e das mulheres da cultura cabo-verdiana.

PAÚL - SANTO ANTÃO



RIBEIRA GRANDE - SANTO ANTÃO



Segundo o Presidente da SOCA, esses encontros com os autores e artistas foram memoráveis por terem permitido um diálogo direto com os mesmos, que foram bastante participativos e pertinentes nas suas questões, permitindo, assim, os devidos esclarecimentos. Importante nessa demanda de remunerar os criadores e intérpretes da Arte em Cabo Verde.

Outrossim, ainda, segundo o Presidente da SOCA, os encontros com as edilidades foram satisfatórios e gratificantes por abrirem perspectivas favoráveis à questão da cobrança dos Direitos Autorais, que assentará em bases sólidas e eficientes, mas também por constituírem possibilidades de intercâmbio e parcerias nos domínios artísticos e culturais que se levantarão como pontes de ligação dos Autores e Artistas a nível nacional.

ILHA DO MAIO



RIBEIRA BRAVA DE SÃO NICOLAU



TARRAFAL DE SÃO NICOLAU



MINDELO - SÃO VICENTE



Gala de homenagem a Zezé

SOCA homenageia irmãos Zezé e Zéca di Nha Reinalda em noite de Gala



Os irmãos compositores e intérpretes, Zezé e Zéca di Nha Reinalda, duas figuras marcantes da música tradicional cabo-verdiana, vão ser homenageados a 09 de fevereiro pela Sociedade Cabo-verdiana de Autores (SOCA) numa gala a realizar-se na Assembleia Nacional.

A gala, apontada como um “momento especial da SOCA”, vai contar com atuação dos homenageados, do agrupamento de baticão “Tradison di Tera” e dos artistas Gerson Spencer, Rui Cruz, Jorge Tavares, Rui de Pina, Bob Mascarenhas, Nany Vaz, Grace Évora, Zé Rui de Pina, entre vários outros.

O anúncio foi tornado público nesta segunda-feira à tarde, pelo presidente da SOCA, Daniel “Danny” Spínola, em conferência de imprensa, tendo revelado que, em simultâneo, vai ser feita a distribuição dos direitos de autor no domínio da cópia privada a 22 autores e artistas, mediante o registo das suas obras nesta instituição.

Dany Spínola avançou que cada um dos beneficiados vai ser contemplado com cerca de 80 mil escudos, proveniente de quase dois mil contos que a SOCA tem à disposição dos autores e artistas e adiantou que a gala terá ainda como convidados especiais “**Tra-kinuz**” e Bino e Eduíno, dos “Ferro Gaita”.

A gala, segundo elucidou esse responsável, vai ser paga a um “preço simbólico”, para cobrir as despesas da organização do evento.

Anunciou ainda, para este ano, “um programa ambicioso de atividades” com exposições coletivas de artes plásticas, de pintura e de escultura e a inauguração da sala de exposição na sede desta sociedade no Platô, prevista para 19 de fevereiro, para assinalar o 14º aniversário da criação da SOCA.

A SOCA, segundo o seu presidente, tem ainda programada “uma grande exposição coletiva de artes plásticas”, em Assomada, no mês de julho deste ano, bem como a apresentação do livro “**Tututa, Composições**”, em Lisboa, Portugal, com os antigos alunos de liceu de Cabo Verde.

“É uma obra especial que será uma grande homenagem à nossa grande compositora Tututa Évora e, também, intérprete magistral, em termos de piano”, afirmou.

Dany Spínola recordou que a SOCA procedeu à primeira distribuição dos direitos de autor arrecadados em Cabo Verde, em 2017, na Gala a Titina Rodrigues, e a distribuição dos direitos de autor arrecadados na companhia aérea Binter pela utilização das músicas nos seus voos. ■

SOCA promove Gala de homenagem aos artistas Zezé e Zéca di Nha Reinalda

A Sociedade Cabo-verdiana de Autores (SOCA) vai homenagear os músicos Zezé e Zéca di Nha Reinalda, numa gala musical que acontece no dia 9 de Fevereiro, na cidade da Praia.

Na ocasião, a SOCA vai distribuir os Direitos de Autor no domínio da música aos seus criadores e artistas. Esta informação foi anunciada hoje pelo Presidente da SOCA, Danny Spínola, numa conferência de imprensa que contou com a presença de vários artistas.

A gala acontece na Assembleia Nacional e contará com a participação dos artistas: Grace Évora, Princezito, Rui Cruz, Gerson Spencer, Nany Vaz, Hélio Batalha, Zé Rui de Pina, George Tavares, Bob Mascarenhas, Grupo Tradição de Terra e Grupo Vibrason.

Para além dessa gala, a SOCA tem agendada para o dia 19 deste mês uma exposição coletiva, que decorrerá na sede da instituição, na cidade da Praia, e terá trabalhos de alguns artistas plásticos como Domingos Luísa, Tutu Sousa, Nela Barbosa e Leontina Ribeiro.

No mês de julho, será a vez da cidade de Assomada receber a mesma exposição. Ainda faz parte das atividades da SOCA para este ano, a apresentação do livro “**Tututa Composições**”, em Lisboa, no dia 16 de fevereiro.

De referir que, no ano passado, a SOCA efetuou a primeira distribuição de Direitos Autorais no domínio da música, em Cabo Verde, realizando uma gala musical na cidade da Praia.

Na ocasião, fez-se uma homenagem à cantora cabo-verdiana Titina Rodrigues, como forma de reconhecer o trabalho que essa artista tem feito para a divulgação da música cabo-verdiana além-fronteiras.

Fundada em 2005, a SOCA tem como missão gerir, proteger e promover os direitos morais e patrimoniais dos autores, seja a nível da criação literária, artística ou científica. ■

Por Dulcina Mendes, 29 jan 2019 7:05

e Zéca di Nha Reinalda



SOCA promove Gala de homenagem aos artistas Zezé e Zéca di Nha Reinalda

A Sociedade Cabo-Verdiana de Autores, SOCA, promove no próximo dia 9 de Fevereiro uma Gala de distribuição de Direitos Autorais no domínio da Música e de Homenagem aos artistas Zezé e Zéca di Nha Reinalda.

No total, serão distribuídos perto de dois mil contos referentes à taxa de compensação pela cópia privada. À semelhança do ano passado, a Sociedade Cabo-Verdiana de Autores organiza uma gala para distribuição de direitos autorais no domínio da Música. São 22 os artistas criadores, associados da SOCA, contemplados no evento.

A Sociedade Cabo-verdiana de Autores tem homenageado várias figuras da Cultura Cabo-Verdiana em eventos de maior ou menor escala. A escolha é sempre difícil, mas responde a critérios como idade e percurso.

A Sociedade Cabo-Verdiana de Autores assinala a 19 de Fevereiro, 14 anos de existência e está prevista uma mostra coletiva de Artes Plásticas.

A SOCA apresenta também em fevereiro, em Lisboa, o Livro “Tututa – Composições”. De referir que em 2019 está-se a assinalar o centenário do nascimento da Pianista e Compositora Tututa Évora, falecida em 2014.

No cartaz da Gala organizada pela Sociedade Cabo Verdiana de Autores, além dos homenageados Zezé e Zéca di Nha Reinalda, estão as Batucadeiras “Tradison di Tera”, George Tavares, Zé Perdigoão, Rui Cruz, Zé Rui de Pina, Princezito, Bino e Eduíno, Grace Évora, Bob Mascarenhas, “Trakinuz”, Nanny Vaz e Gerson Spencer. A gala acontece no dia 9 de Fevereiro às 21 horas na Assembleia Nacional e os bilhetes custam mil escudos. ■

*Miriam Lopes dos Santos - RTC/Praia
Disponibilizado online por Mário Almeida*

Zezé e Zéca di Nha Reinalda: homenagem da SOCA elogia talento dos irmãos ícones do funaná

Zezé e Zéca di Nha Reinalda são homenageados este sábado, 9, numa gala dedicada exclusivamente a eles, na Assembleia Nacional, cidade da Praia. Além da atuação dos próprios homenageados, a SOCA convidou a atuar amigos e colegas de uma carreira com mais de 40 anos.

Tradison di Tera, Gerson Spencer, Rui Cruz, Jorge Tavares, Rui de Pina, Bob Mascarenhas, Nany Vaz, Grace Évora, Zé Rui de Pina vão, em nome da Sociedade Cabo-Verdiana de Autores, render o seu tributo aos dois irmãos que marcam a cena musical cabo-verdiana desde os anos 1970, como intérpretes e compositores.

Os irmãos, nascidos no Bairro Craveiro Lopes, na cidade da Praia, estrearam-se com o grupo **Opus 7**, logo após a Revolução do 25 de Abril, que depôs a ditadura salazarista em Portugal e abriu a porta para a liberdade, nomeadamente cultural, de Cabo Verde, mas foi como vocalistas do

conjunto **Bulimundo**, fundado por Katchás (1978), que ganhariam projecção nacional e internacional.

Donos de uma visão própria de resgate do funaná – género que interpretam com mestria – abandonam o grupo um par de anos depois e fundam o conjunto **Finaçon**, que daria a Cabo Verde oito grandes álbuns, entre os quais “Si Manera”, que catapultou a banda para o sucesso internacional, sobretudo em França, onde atuaram no famoso Zénith, ao lado do grande Gilberto Gil.

Com a segunda metade dos anos 1990 chega o fim dos **Finaçon** e o início da carreira a solo dos filhos de Nha Reinalda. Hoje, as atuações de Zezé e Zéca di Nha Reinalda são escassas, mas o seu nome está indelevelmente ligado ao renascimento do funaná, nas suas múltiplas formas. Bem haja SOCA por esta bela iniciativa. Afinal, as flores devem ser dadas em vida. ■

Santiago magazine

E12 Agenda

Etc. A Nação



GALA SOCIEDADE CABO-VERDIANA DE AUTORES

Zezé e Zéca di Nha Reinalda são os homenageados da noite

■ Gisela Coelho

Os dois irmãos dispõem apresentação, Zezé e Zéca di Nha Reinalda, cuja estreia data dos anos setenta do século passado, integram já a lista dos vultos da música cabo-verdiana, como cantores e compositores. Ambos vão ser agora reconhecidos pelo seu trabalho em prol da Cultura, em especial da música, numa Gala realizada pela SOCA.

O evento acontece na Assembleia Nacional, na Praia, na noite deste sábado, 9; além dos homenageados, a noite irá contar com a presença de mais artistas para abrilhantar a noite. “Tradison di Terra”, Rui Cruz, Jorge Tavares, Rui de Pina, Bob Mascarenhas, Grace Évora, Zé Rui de Pina e Nany Vaz são algumas das vozes que vão desfilhar no palco. Entre os convidados “especiais” encontram-se ainda os “Os Trakinós” e Bino e Eduíno, dos Ferro Gaita.

Paralelamente, à homenagem, será vai ser feita a distribuição dos direitos de autor no domínio da cópia privada a 22 autores e artistas, que fizeram o registo das suas obras na SOCA. Segundo informações avançadas pelo presidente da SOCA, Danny Spínola, na semana passada, cada um vai receber cerca de 80 mil escudos, num total de dois mil contos que essa sociedade tem disponíveis para o efeito.

Os irmãos Zezé e Zéca di Nha Reinalda vão ser homenageados este sábado, 9, numa Gala promovida pela Sociedade Cabo-Verdiana de Autores (SOCA). O evento realiza-se no grande auditório da Assembleia Nacional, e além de distinguir estes dois “vultos” da Cultura de Cabo Verde, irá servir, também, para fazer a entrega oficial dos direitos de autor no domínio da cópia privada.

Para o mês de Julho, a SOCA prevê “uma grande exposição coletiva de artes plásticas”, em Assomada, além da apresentação do livro “Tututa, Composições”, em Lisboa, Portugal. A iniciativa conta com o apoio dos antigos alunos do liceu de Cabo Verde.

Futuro

Dany Spínola perspectiva para este ano “um programa ambicioso de actividades”, com exposições coletivas de artes plásticas, pintura e escultura. Já no próximo dia 19 deste mês,

será também inaugurada a sala de exposições na sede da SOCA, no Platô, para assinalar o 14º aniversário da criação desta sociedade.

Para o mês de Julho, a SOCA prevê “uma grande exposição coletiva de artes plásticas”, em Assomada, além da apresentação do livro “Tututa, Composições”, em Lisboa, Portugal. A iniciativa conta com o apoio dos antigos alunos do liceu de Cabo Verde.

“É uma obra especial que será uma grande homenagem a nossa grande compositora Tututa Évora e também, intérprete magistral em termos de piano”, garante.

83
Soca Magazine



Gala de homenagem a Zezé

Presidente da República

■ JORGE CARLOS FONSECA

Zeze e Zeca di Nha Reinalda foram homenageados pela «SOCA» no passado sábado, na Praia, auditório da Assembleia Nacional. Uma homenagem muito justa a dois compositores e intérpretes cabo-verdianos de elevado nível, num ambiente de muita festa, entusiasmo e emoção, com uma sala completamente cheia de amigos e admiradores. Pude estar presente e participar no evento de gratidão e reconhecimento aos dois grandes artistas.



Ministro da Cultura e Indústrias Criativas

■ ABRAÃO VICENTE

Parabéns Zezé e Zeca di Nha Reinalda! Parabéns pela carreira de sucesso e pela cumplicidade! A gala de homenagem a esses dois grandes artistas da música tradicional cabo-verdiana foi um enorme sucesso. Foi bonito, emocionante e simbólico ver o salão da Assembleia Nacional completamente lotado para prestar um justo tributo ao percurso dos irmãos “di Nha Reinalda”! Parabéns à SOCA e a todos os que subiram ao palco para abrilhantar a noite! Nós cultura ten valor!

■ CONCEIÇÃO LIMA

Muitos e muitos parabéns! Muito dançamos nós, cá em São Tomé, os ritmos de Zéca e Zezé de Nha Reinalda. Uma febre! Desejo-lhes muitas felicidades.

■ JOÃO R. MONTEIRO

Isso mesmo, bem feito kel honra li, é pa da valor vivo... ka ora ki mori pa bem da valor... parabéns SOCA... merecido.

■ EMANUEL SEMEDO

Parabéns aos irmãos Zeca e Zezé dois grandes marcos da nossa cultura, que tenham uma vida longa e que continuem a vossa missão de trabalhar em prol da nossa cultura. Um abraço aos manos e de modo particular ao meu amigo Zeca.

■ JAIR PINA

Meus parabéns a todos, Cabo Verde ganhou, é si, nós ku nos, ka pá dexa ti ki morri, nu tem ki toma de kel poku ki terra danu... dizimola ka nhos dexa ti ki morri

■ VANUSA TIMAS TIMAS

Parabéns

■ LEONEL ANDRADE

Com este gesto ganhamos todos

■ JACINTA SANTOS

Parabéns

■ EDNA VEZO

Delgado Parabéns aos irmãos e continuação de sucessos. Viva a nossa cultura

■ GILSON DUARTE GIL

Homenagem merecida

■ MARIA JESUS FONTES

Parabens Zezé e Zeca e sucesso sempre. Vocês

■ SOUSA MONTEIRO CARLOS

Parabéns pelo espetáculo de ontem

■ MARIA DA CONCEIÇÃO CARVALHO

“Foi um espetáculo memorável, com um elenco musical de luxo (Alta Qualidade), diversificado, moderno, com entrosamento feliz entre o moderno e o tradicional, entre os vários grupos etários, com discursos e recados importantes, mensagens inspiradoras, muita emoção! Bem haja SOCA!”

■ YOLANDA XAVIER

“Ami é fan de Zéca ku Zezé sin ca bai in ta fica triste”

■ FREDY VERA CRUZ

Vou estar lá, de certeza. Junto com os meus Irmãos e Amigos.

■ BINO BARROS

Amei ki grande Gesto pa nos grande Artistas ki dja da grande contributo pa nos Cultura

■ JULIA MARTINS

Bali!! Excelente iniciativa

■ JOANA OLIVEIRA

Parabéns, Felicidade e Sucesso ao Zezé e Zeca

■ DJOSA LOPES

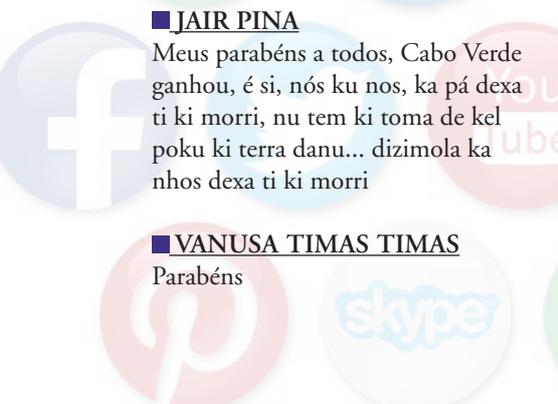
Em boa hora. Esses irmãos merecem.

■ MARIA FILOMENA GOMES MOREIRA

Boa iniciativa parabéns

■ DANIEL VIEIRA FURTADO

Bem merecem! Gostei. Parabéns!



e Zéca di Nha Reinalda

■ GERSON SPENCER

Mut bom SOCA! ki ta ser um Grande GALA.

■ BOB MASCARENHAS

Parabéns a SOCA

■ JOAQUIM BORGES LEAL

Parabéns à SOCA e aos promotores dessa nobre iniciativa. Os criadores e intérpretes merecem essa forma simbólica de reconhecimento. Tudo farei para me fazer presente, nessa justa e merecida homenagem. *Zezé* ku *Zéka* ka pur si!

■ YAH-YASS ORLANDO TEQUE

Seria bom ki Artistas ki trabadja ku tudo es 2, moda J Augusto Timas, Zequinha Magra e Duka Barboza fosse convidado pa participa nes evento. J Augusto Timas esteve ku es 2 na Opus 7, Bulimundo & Finaçon; Magra esteve ku es na Bulimundo e Finaçon e ainda grava 2 disco ku es (...Corbo nha xintido e Tributo a Katchass); Duka esteve ku Zeca na Bulimundo e grava kes mesmos 2 discos ki um fla artis ku es 2.

■ ALMEIDA JOAQUIM

Parabenizo os Responsables! Musicalmente. Um Criol n'a França; Morgadinho!.

■ MARGARIDA FONTES

Os cabo-verdianos demonstraram, esse sábado, a sua grande admiração ao Zeca e Zezé di Nha Reinalda, ao encher a Assembleia Nacional para assisti-los. Dois irmãos, dois artistas de nomeada do pós independência. Cantaram a dor, a liberdade, a democracia, a fome, a mãe, a mulher, tudo o que define a marcha da história do povo cabo-verdiano. *Zezé* é o compositor que mais mergulhou na psique social da vivência crioula no nosso percurso recente. As suas canções até hoje registam as laterais que sempre escapam ao entendimento simplista. A voz do Zeca continua, a um tempo, larga, aguda, dorida, festiva, tal como outrora, enchendo a alma de quem o admira sem reservas. Uma palavra de agradecimento à Soca por ter tido a bonita ideia de homenagear os dois irmãos.

■ EDNA FERNANDES

Meus queridos tios, Emanuel Fernandes muito orgulho e inspiração, homenagem mais que merecida, nomes incontornáveis na cultura musical de Cabo Verde.

■ BELEZA EVENTOS SWISS

TOP TOP Emanuel Fernandes homenagem merecido #zeca #nha #reinalda #homi #grande #deus ku bo Sempre

■ BELA VEIGA

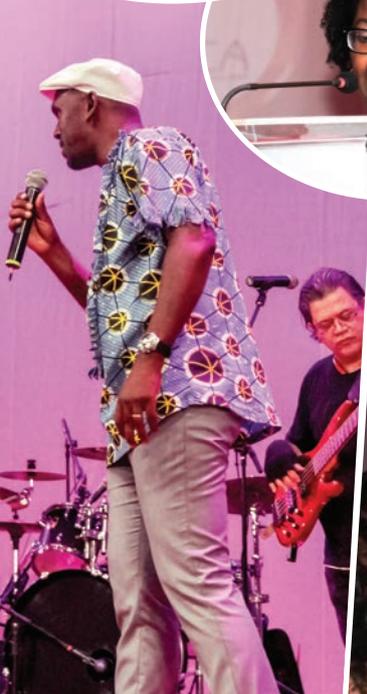
EPA N'KRE FELISITA TUDU EQUIPA DE PRODUÇÃO KI FAZI KEL STRIBILIN RIBA STRIBILIN DE HOMENAGEM DE ÉS DOS FIGURA DE CABO VERDE #ZEZE & #ZECANHAREINALDA Emanuel Fernandes NUNCA È TARDE NA VIDA -VIVA MÚSICA - VIVA NÓS CULTURA & VIVA NÓS TRADIÇÃO

■ DANIEL FONSECA TAVARES

Sen palavra mesmu nha manus Zeca ku *Zézé* di nha Reinalda. Dja pasaba tenpu di nhos ser ominajiadu ma sima nós tudu sabi Nossa Senhora Da Graça é bon madrasta ma mau mai. Prejuízo







Sobre o 14^o Aniversário



88

Soca Magazine

Cabo Verde tem assistido a uma boa dinâmica em redor a exposições de artes plásticas. O Palácio da Cultura Ildo Lobo (PCIL), em quase três anos já promoveu cerca de meia centena de exposições com artistas de várias gerações.

Mas não é só nos espaços públicos que as artes plásticas têm ganhado terreno. Tem surgido, também, algumas iniciativas privadas de grande qualidade para a promoção e desenvolvimento dessa modalidade.

O Ministro da Cultura e das Indústrias Criativas, Abraão Vicente, presidiu na tarde de terça-feira, 19 de fevereiro, à inauguração da galeria de arte da Sociedade Cabo-verdiana de Autores (SOCA), no âmbito da celebração do 14^o aniversário desta entidade de direitos de autor.

O governante congratulou-se com esta iniciativa que abre mais um espaço para as artes plásticas em Cabo Verde e expõe vários artistas, de várias gerações. “É sempre bom ver que a pintura está no centro das realizações, e as artes plásticas em Cabo Verde também vivem um bom momento. Quero dar os parabéns à SOCA e desejar que a galeria permaneça aberta conte sempre com a presença dos nossos artistas”.

A SOCA tem feito um trabalho resiliente, ao longo dos anos, na preservação da nossa memória cultural e, desde 2017, com a implementação da Lei da

“É SEMPRE BOM VER QUE A PINTURA ESTÁ NO CENTRO DAS REALIZAÇÕES”

- MCIC, ABRAÃO VICENTE



da SOCA



Taxa de Compensação Equitativa pela Cópia Privada, intensificou as suas ações. “Estamos juntos e em parceria”.

O momento ainda foi revestido de muita música no largo da sede da SOCA e contou com a presença dos especialistas em direitos de autor e gestão coletiva que se encontram em Cabo Verde no âmbito da Reunião Inter-Regional da OMPI sobre Direitos de Autor e Gestão Coletiva dos Países Lusófonos que acontece na cidade da Praia até 22 de fevereiro. ■

#mcic #artesplásticas

SOCA - Sociedade Caboverdiana de Autores



14º Aniversário da SOCA

Sociedade Cabo-verdiana de Autores inaugura Galeria de Arte

Para assinalar a sua criação, a Sociedade Cabo-verdiana de Autores (SOCA) inaugura esta terça-feira, 19 de fevereiro, na sua sede, a Galeria de Arte da SOCA.

A inauguração da galeria conta com uma exposição coletiva de pintura e escultura de autoria do artista Kassanaya, *vernissage*, e ainda um momento cultural com música e poesia, apresentados pelos membros do SOCA. Estes são outros pontos que marcarão as atividades comemorativas do aniversário da SOCA.

O evento serve para assinalar o 14º aniversário da criação da sociedade e, ainda, servirá como uma saudação aos membros da Organização Mundial da Propriedade Intelectual – OMPI, que realiza neste mês de fevereiro um Encontro Regional para os Países Lusófonos.

O encontro acontece em parceria com o Ministério da Cultura e das Indústrias Criativas e decorrerá de 19 a 22 de fevereiro, na cidade da Praia. “O encontro técnico visa incentivar as indústrias criativas locais por meio da exploração em linha, troca de experiências e conhecer o ponto de situação de cada um dos países no tocante aos direitos de autor e gestão coletiva, bem como, fomentar as relações entre esses países”.

A SOCA trabalha na gestão, proteção e promoção dos direitos morais e patrimoniais dos autores de todos os géneros e formas de criação literária, artística e científica, em nome e em representação dos respetivos sócios, bem como promove e assegura, dentro dos princípios cooperativos, a união entre os membros, visando a defesa dos seus direitos patrimoniais e morais e a satisfação e melhoria dos seus legítimos interesses. ■



SOCA assinala mais um aniversário com inauguração da sua Galeria de Arte na Praia

A Sociedade Cabo-verdiana de Autores – SOCA – inaugura, esta terça-feira, 19 de fevereiro, pelas 18 horas na sua sede, na Praia, a Galeria de Artes da SOCA.

Segundo a organização, o evento é para assinalar o 14º ano aniversário da criação dessa sociedade e servirá ainda como uma saudação aos membros da Organização Mundial da Propriedade Intelectual – OMPI, que realiza neste mês de fevereiro um Encontro Regional para os Países Lusófonos. Este encontro acontece com a parceria do Ministério da Cultura e das Indústrias Criativas e decorrerá de 19 ao 22 de fevereiro, na cidade da Praia.

«Exposição coletiva de pintura e escultura da autoria do artista Kassanaya, *vernissage*, momento cultural com música e poesia, apresentados pelos membros da SOCA são outros pontos, que marcarão as atividades comemorativas no dia do aniversário da SOCA», conclui a fonte que vimos citando. ■

Asemana





Sociedade Cabo-verdiana de Autores inaugura Galeria de Arte

A Sociedade Cabo-verdiana de Autores inaugura na tarde de hoje, dia 19, na cidade da Praia, a sua Galeria de Arte, enquadrada no seu 14º aniversário.

Para além de comemorar o aniversário da SOCA, a organização tem como propósito saudar os membros da Organização Mundial da Propriedade Intelectual – OMPI que realiza neste mês de fevereiro um Encontro Regional para os Países Lusófonos.

Haverá momento cultural com música e poesia, apresentadas pelos membros da SOCA, para além de uma exposição coletiva de pintura e escultura da autoria do artista Kas-sanaya, *vernissage*.

O encontro que conta a parceria do Ministério da Cultura e das Indústrias Criativas estende-se de 19 a 22 de fevereiro, na cidade da Praia. ■

Santiago Magazine



A SOCA e o Encontro



Cabo Verde acolhe pela primeira vez a reunião inter-regional da OMPI sobre direitos de autor e gestão coletiva

Cidade da Praia, 16 fev (Inforpress) – Cabo Verde acolhe pela primeira vez, de 19 a 22 de fevereiro, a reunião inter-regional sobre direitos de autor e gestão coletiva para países lusófonos, organizado pela Organização Mundial da Propriedade Intelectual (OMPI).

A informação foi avançada hoje pelo Ministério da Cultura e das Indústrias Criativas, através da sua página no facebook, tendo avançado que se trata de um encontro técnico que vai reunir, na Cidade da Praia, representantes dos escritórios de direitos de autor e representantes das entidades de gestão coletiva da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

“O encontro técnico visa incentivar as indústrias criativas locais por meio da exploração em linha, troca de experiências e conhecer o ponto de situação de cada um dos países no tocante aos direitos de autor e gestão colectiva, bem como, fomentar as relações entre esses países”, lê-se na página do MCIC.

A reunião vai ser dividida em duas fases. De 19 a 20, o foco recai no tema direitos de autor e, nos dias 21 a 22 o debate centra-se na gestão coletiva.

A abertura desta primeira reunião em Cabo Verde, organizada pela OMPI em parceria com o MCIC e o Instituto de Gestão da Qualidade e da Propriedade intelectual (IGQPI), vai ser presidida pelo ministro da Cultura e das Indústrias Criativas, Abraão Vicente.

A reunião, que acontece num dos hotéis da capital, conta ainda com a presença de especialistas da OMPI, en-

tre eles a vice-directora geral da OMPI, Sylvie Forbin, o director da divisão para gestão em direitos de autor, Benoît Müller, o jurista associado da OMPI da divisão de direitos de autor, Rafael Ferraz Vazquez e conta ainda com a presença do assessor jurídico do MCIC, Júlio Mascarenhas.

Especialistas internacionais, tais como Michel Allain, vice-diretor-geral do ST Groupe (França) e o director do Comitê Jurídico da Latin Artis (Iberoamérica), Victor Drummond, também marcaram presença neste encontro.

A Organização Mundial da Propriedade Intelectual (OMPI) é uma entidade internacional de Direito Internacional Público com sede em Genebra (Suíça), integrante do Sistema das Nações Unidas.

Criada em 1967, é uma das 16 agências especializadas da ONU e tem por propósito a promoção da proteção da propriedade intelectual ao redor do mundo, através da cooperação entre Estados. O atual director-geral da OMPI é o australiano Francis Gurry.

Atualmente, é composta de 187 Estados-membros e administra 27 tratados internacionais, o mais recente dos quais é o Tratado de Marraquexe, que visa impor limitações e exceções aos direitos autorais sobre livros em benefícios de pessoas cegas e deficientes visuais, permitindo-lhes um acesso sem fronteiras aos livros. ■

Internacional da OMPI

Cabo Verde acolhe reunião inter-regional da OMPI sobre direitos de autor e gestão coletiva



A Organização Mundial da Propriedade Intelectual (OMPI) realiza em Cabo Verde, pela primeira vez, a reunião inter-regional sobre direitos de autor e gestão coletiva para países lusófonos.

Segundo uma nota do Ministério da Cultura e das Indústrias Criativas, trata-se de um encontro técnico que vai reunir de 19 a 22 deste mês, na cidade da Praia, representantes dos escritórios de direitos de autor e representantes das entidades de gestão coletiva da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) e especialistas da OMPI.

O encontro contará também com a presença de diversos especialistas internacionais, tais como Michel Allain, Vice-Diretor Geral do ST Groupe (França) e o Diretor do Comité Jurídico da Latin Artis (Iberoamérica), Victor Drummond.

“Esta reunião visa incentivar as indústrias criativas locais por meio da exploração em linha, bem como trocar experiências e conhecer o ponto de situação de cada um dos países no tocante aos Direitos de Autor e Gestão Coletiva, bem como fomentar as relações entre esses países”, lê-se na nota.

A reunião técnica será dividida em duas fases: de 19 a 20 o encontro será em torno da questão dos Direitos de Autor e 21 a 22 sobre Gestão Coletiva. Este evento é realizado pela OMPI em parceria com o MCIC e o IGQPI (Instituto de Gestão da Qualidade e da Propriedade Intelectual).

A abertura desta primeira reunião em Cabo Verde será presidida pelo Ministro da Cultura e das Indústrias Criativas, Abraão Vicente, no dia 19 deste mês, num dos hotéis da capital. ■

Por Expresso das Ilhas, 16 fev 2019 16:58





REUNIÃO INTER-REGIONAL DA OMPI SOBRE OS DIREITOS DE AUTOR E GESTÃO COLECTIVA NOS PAÍSES LUSÓFONOS

PRAIA, CABO VERDE | 19-22 DE FEVEREIRO



Cabo Verde acolhe pela primeira vez reunião inter-regional da OMPI e de gestão coletiva dos países lusófonos



Representantes de Escritórios de Direitos de Autor e de Entidades de Gestão Coletiva da Comunidade de Países de Língua Portuguesa estão reunidos na Praia num encontro inter-regional para Países Lusófonos da Organização Mundial da Propriedade Intelectual- OMPI.

A reunião, que começou ontem e decorre até 22 do corrente, deverá servir nomeadamente para trocar experiência sobre a gestão coletiva e os direitos autorais em diferentes países.

Sylvie Forbin, vice-Diretora-Geral da Organização Mundial para Propriedade Intelectual, avança a importância das entidades lusófonas em unirem-se para marcar posição face ao mercado global e às grandes plataformas digitais no domínio da música.

A reunião inter-regional para Países Lusófonos da Organização Mundial da Propriedade Intelectual, OMPI, conta com especialistas internacionais em matéria de direitos de autor e gestão coletiva de outros países, nomeadamente o vice-Diretor-Geral do ST Groupe (França) e o Diretor do Comité Jurídico do LatinArtis (Ibero-america). ■

Miriam Lopes dos Santos - RTC/Praia

Praia é palco da primeira Reunião Inter-Regional para Países Lusófonos da OMPI

O encontro técnico acontece de 19 a 20 de fevereiro e vai reunir, na Cidade da Praia, representantes dos escritórios de direitos de autor e representantes das entidades de gestão coletiva da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

A Organização Mundial da Propriedade Intelectual (OMPI) é uma entidade internacional de Direito Internacional Público Criada em 1967, atualmente com sede em Genebra (Suíça), integrante do Sistema das Nações Unidas.

De acordo com o Ministro da Cultura e das Indústrias Criativas, Abraão Vicente, “o encontro técnico visa incentivar as indústrias criativas locais por meio da exploração em linha, troca de experiências e conhecer o

ponto de situação de cada um dos países, no tocante aos direitos de autor e gestão coletiva, bem como fomentar as relações entre esses países”.

Durante o encontro serão abordados temas como direitos de autor e gestão coletiva.

O encontro conta ainda com a presença de especialistas da OMPI, a vice-directora geral da OMPI, Sylvie Forbin, o diretor da divisão para gestão em direitos de autor, Benoît Müller, o jurista associado da OMPI da divisão de direitos de autor, Rafael Ferraz Vazquez e, ainda, o assessor jurídico do MCIC, Júlio Mascarenhas.

A abertura do evento será presidida pelo Ministro da Cultura e das Indústrias Criativas, Abraão Vicente, no dia 19 de fevereiro, pelas 09h00. ■

O Presidente da SOCA, Daniel Spínola, em entrevista sobre o Encontro Internacional da OMPI

– A SOCA participou nesse encontro internacional da OMPI, que reuniu sociedades de gestão de autores de vários países lusófonos. Qual o balanço que faz desse encontro?

Danny Spínola – O balanço é extremamente positivo porque pudemos, nesse encontro, desfazer algum *qui pro quo* que vinha prejudicando o nosso relacionamento com alguns parceiros. Pudemo-nos também encontrar com alguns dos responsáveis máximos da OMPI e demonstrar-lhes, sem margem para dúvidas, o nosso percurso de um trabalho sério, abnegado e de bons resultados, procurando sempre o melhor para os autores e artistas e para o país. Desfizemos quaisquer ideias préconcebidas que, eventualmente, tivessem sobre a nossa organização, mostrando-lhes o nosso trabalho e demonstrando-lhes a nossa legitimidade, conferida por lei, para a cobrança dos Direitos Autorais e Artísticos em Cabo Verde. Foi também um momento especial de troca de experiência e de convívio com os vários representantes de sociedades de gestão de autores lusófonos, que abriu portas para outros voos e outras parcerias importantes para a nossa caminhada, tendo resultado daí reforço e consolidação dos nossos ideais de um trabalho conjunto em prol das nossas sociedades, unidas e sintonizadas num trabalho com o mesmo fim. De realçar o diálogo com a SCM que pode ser decisivo para um processo de cobrança efetiva em Cabo Verde, com base numa parceria profícua e eficaz.

– A Sociedade Portuguesa de Autores disse, numa das suas intervenções, através da sua Administradora, Paula Cunha, que a SPA não tem apoiado a SOCA porque esta não quis. Qual a razão dessa decisão da SOCA?

DS – Bem, isto parece estranho porque nós assinamos um Acordo de Representação e até agora não o rescindimos. Não enviamos, também, em momento algum, nenhuma nota a dizer: “não queremos o vosso apoio, não queremos relacionarmo-nos mais convosco”, ou qualquer atitude do género que levasse a uma interpretação nesse sentido. Simplesmente não bajulamos ninguém e achamos que o nosso relacionamento com qualquer organização estrangeira deve ser com base numa postura ética, de igual para igual, sem paternalismos nem hipocrisia. Aliás, desde a criação da SOCA que tem sido assim, nesses moldes, o nosso relacionamento com a SPA (com especial reforço a partir de 2008), até há bem pouco tempo,



quando entrou a Administradora Paula Cunha. De repente havia a intenção de nos convidarem para uma formação universitária em Lisboa, não nos disseram nada. Fizemos vários encontros e não nos convidaram e ela veio numa missão de estudo da OMPI e não nos contactou, tendo, inclusive, ido apresentar um outro grupo ao Presidente da República, ao Presidente da Assembleia Nacional, ao Primeiro-Ministro e ao Ministro da Cultura, como a entidade que devia representar os autores e artistas músicos em Cabo Verde, cometendo essa tremenda gaffe, ao envolver-se em assuntos internos de um país soberano, enquanto representante de uma instituição de um país estrangeiro. Aliás, tenho visto que desde que ela tomou as redes da administração da SPA, ninguém mais da SPA aparece nesses encontros internacionais da lusofonia, onde geralmente vão dois ou três representantes. E isto diz tudo. A SOCA nunca disse que não queria o apoio da SPA, assim como creio, que a SADIA também não.

– Pelo que tem dito, nas suas diversas intervenções, deixa entender que a SOCA tem, ainda, um grande caminho a percorrer, principalmente, em termos de sensibilização e divulgação sobre a importância dos direitos de autor, não só para os próprios autores e artistas, mas também para a economia do país...

DS – Pois, é verdade. A importância da cultura, na economia de um país é, cada vez mais, objeto de análise de especialistas da área financeira e económica e há um reconhecimento geral de que a cultura e as artes possuem um papel importante na vida da população, tendo em conta que possibilitam lucros, emprego e capitalização da competitividade passíveis de garantir uma melhoria da qualidade de vida dos artistas e agentes culturais. Em

ASSINAMOS UM ACORDO DE REPRESENTAÇÃO E ATÉ AGORA NÃO O RESCINDIMOS. NÃO ENVIAMOS, TAMBÉM, EM MOMENTO ALGUM, NENHUMA NOTA A DIZER: “NÃO QUEREMOS O VOSSO APOIO, NÃO QUEREMOS RELACIONARMO-NOS MAIS CONVOSCO”, OU QUALQUER ATITUDE DO GÊNERO QUE LEVASSE A UMA INTERPRETAÇÃO NESSE SENTIDO

Cabo Verde, este assunto ainda não vingou como devia e carece de uma dinâmica de sensibilização que possibilite uma consciencialização da sua importância e do seu papel fulcral para a promoção de negócios e do país, com a rentabilização da capacidade e produção dos artistas e do património material e imaterial de que dispomos.

Pensando nessa rentabilização económica e nessa capitalização dos recursos artísticos, de que dispomos, através da promoção da questão autoral, como garante de um usufruto legítimo e indispensável, é que projetamos realizar uma Conferência Internacional sobre “Os Direitos de Autor e Conexos”, seguida de seminários e *workshops* sobre a propriedade intelectual e sociedades de gestão coletiva, com o intuito de promover uma discussão necessária e imprescindível para a valorização e promoção dos artistas, em geral, e da economia cultural, ao mesmo tempo que pomos em evidência uma plataforma de diálogo e intercâmbio que sirva para esclarecer e desenvolver a consciência quanto à legitimidade de defesa e proteção do direito intelectual em Cabo Verde, na medida em que iremos congregiar todos aqueles a quem este tema interessa, direta, ou indiretamente, tais como os magistrados, as autoridades competentes ligadas a esta problemática, os agentes culturais, as entidades usuárias dos direitos, os autores e artistas e o público em geral. Agendamo-la já para os próximos meses de 2019, com o objetivo de criar condições para a discussão desse tema, de capital importância, a nível mundial, tanto no que concerne aos direitos inalienáveis dos artistas ao usufruto do seu trabalho, como no que tange à questão da tão propalada economia da cultura e do seu consequente desenvolvimento, proporcionando espaços de informação, de formação e de sensibilização relativamente a esta questão. Pretendemos, assim, promover encontros frutíferos entre os artistas, os agentes culturais e as instituições que os representam e defendem, com temas pertinentes e consequentes, do interesse de todos, ao mesmo tempo que promovemos diálogos propiciatórios de mais-valia, garantes da promoção de um melhor equacionamento da questão autoral e, consequentemente, de uma maior projeção da produção e da criatividade artísticas. Estes fóruns estão já concebidos para esclarecer o público, em geral, e os artistas, em particular, demonstrando o grande valor que a arte e a cultura possuem no concerto das nações e no incremento da indústria cultural em Cabo Verde, proporcionando,

concomitantemente, a oportunidade para chamar a atenção quanto à necessidade de investimentos na arte e na cultura, com a colaboração de todos.

– Essas são premissas para um melhor desempenho da gestão dos Direitos Autorais? Há um objetivo e um foco concreto com estas realizações?

DS – Estes eventos pretendem ser base para debates profícuos e determinantes, ao nível do relacionamento necessário e fundamental entre os artistas, os agentes culturais, os produtores, os consumidores e os mecenas da cultura, na procura das melhores vias e práticas de projeção de um mercado artístico-cultural, interativo e sustentado.

“Rumo a uma autoria digna e próspera,” o evento reunirá especialistas da área do direito intelectual, nacional e internacional, e artistas de todas as modalidades e sensibilidades para debaterem questões relacionadas com: a situação da produção da arte em Cabo Verde, a Propriedade Intelectual e o Direito Autoral; a gestão dos direitos autorais e a Sociedade de Autores, a legislação e a fiscalização no domínio artístico-cultural; a importância da música, dos músicos e dos artistas, em geral, relacionada com o mercado e a sua rentabilidade, e a questão da indústria cultural, o seu funcionamento e sustentabilidade. Perspetivamos já dias de intenso debate e discussões com vista a descortinar as melhores vias de levar ao funcionamento, efetivo e eficiente, da defesa e proteção dos artistas e dos seus direitos, que lhes possibilitem o usufruto dos seus trabalhos e uma vida mais comedida com as suas vontades e anseios, e, desde logo, mais criativa e produtiva.

O objetivo é procurar encontrar, também, o mecanismo mais acertado para o exercício e gestão do direito autoral em Cabo Verde, com ferramentas e agendas imprescindíveis para esse desiderato. Daí que a discussão irá centrar-se na questão da gestão coletiva dos direitos autorais e nos mecanismos que deverão ser postos à sua disposição, a nível nacional, para o seu incremento, de forma a proporcionar a geração de uma economia autoral, fundamental para os criadores, cujas obras constituam material de execução pública. Quer-se aqui promover uma reflexão sobre o papel e a política que deverão ter o governo e as várias instituições vocacionadas para esse exercício de registo, de proteção e promoção do direito autoral e dos artistas, esperando-se conclusões relevantes e consequentes nessa matéria. ■



SOBRE A DISTRIBUIÇÃO DOS DIREITOS AUTORAIS

A SOCA fez, em 3 de março de 2018, na Grande Gala de Homenagem a Titina Rodrigues, a primeira distribuição, inédita e histórica em Cabo Verde, de direitos arrecadados, a cerca de 28 autores e artistas musicais, a partir do montante recebido da BINTER, no valor de 1.100.000\$00. Tendo disponibilizado 20% desse direito arrecadado para o seu funcionamento, ficou 80%, no valor de 880.000\$00 (oitocentos e oitenta mil escudos), dos quais disponibilizou 800.000\$00 para distribuir aos respetivos detentores de direitos, tendo ficado 80.000\$00 para distribuir a alguns detentores de direitos, utilizados pontualmente.

Este ano, para além de uma homenagem aos músicos e intérpretes Zeca e Zezé di Nha Reinalda, fez-se, também, a distribuição dos Direitos da Cópia Privada a cerca de 22 músicos e artistas. Ao todo, foram cerca de 2.000.000\$00 de escudos distribuídos, cabendo a cada um cerca de 80.000\$00.

Está-se a programar, para este ano, ainda, a distribuição dos Direitos Autorais, arrecadados na BINTER., pelo uso de música nos seus voos em 2018. Serão contemplados então outros músicos e intérpretes. A seguir, será a vez dos escritores, à semelhança do ano passado, em que foram distribuídos 1.700.000\$00 a 17 escritores, cabendo, a cada um a quantia de 100.000\$00, e 1.3000.000\$00, a 13 pintores, cabendo, também, a cada um, a quantia de 100.000\$00.

Até este momento, a SOCA já distribuiu cerca de 7.000.000\$00 a cerca de 100 autores e artistas.

MÚSICA: Sétimo número da revista “Soca Magazine” destaca cantora Titina Rodrigues



Cidade da Praia 12 Jun (Inforpress) – A Sociedade Cabo-Verdiana de Autores (Soca) lançou, na quinta-feira, no Palácio da Cultura Ildo Lobo, Cidade da Praia, o 7º número da revista “Soca Magazine” que destaca a cantora de morna são-vicentina Titina Rodrigues.

Segundo o presidente da Soca, Danny Spínola, esta edição da revista surge após um período de conturbação em que não se conseguiu cumprir a periodicidade do magazine.

Desta vez, realçou, escolheram destacar a gala de homenagem que a Soca fez a Titina, a 03 de Março último, na presença do Presidente da República, por entenderem que ela é uma cantora que representou a música de Cabo Verde “de forma digna” na diáspora.

“Titina é uma cantora cabo-verdiana de mérito que esteve fora durante muito tempo e que representou

Cabo Verde. Mas, depois ela acabou por ser esquecida e resolvemos lembrá-la, trazê-la à ribalta porque achamos que é uma cantora que poderia ter uma projeção tal como a Cesária Évora ou outros artistas”, justifica Spínola, lembrando que a foi a Soca a fazer a primeira distribuição de direitos autorais arrecadados em Cabo Verde.

Conforme o presidente da Soca, para além da cantora pode-se encontrar notícias sobre distribuição de direitos de cópia privada para escritores e para artistas plásticos, fotografias que destacam o percurso da Soca desde a sua fundação em 2008, entre as quais as atividades realizadas pela sociedade, homenagens a artistas e autores e os respetivos livros e revistas que foram publicados.

Há também destaque para outros célebres autores cabo-verdianos, nomeadamente o prémio Camões 2009, Arménio Vieira, e o prémio Sonangol 2010, João Lopes Filho.

Na área da música, acrescentou Danny Spínola, está à estampa um tributo ao cantor do finaçon António Denti D’ Ouro, que já tem mais de 90 anos, uma homenagem póstuma à Nácia Gomes, “que também foi uma grande cantadeira de finaçon” e referências a outros cantores como Vuca Pinheiro e Armando de Pina.

No acto do lançamento da revista, a Sociedade Cabo-Verdiana de Autores também vai inaugurar uma exposição com seis painéis que relembra o percurso da sociedade, as suas atividades e publicações.

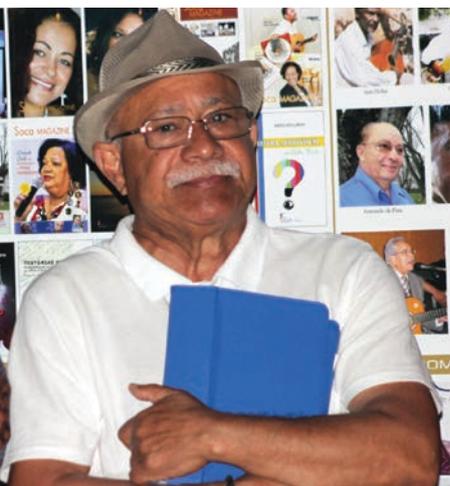
A 7ª edição da Soca Magazine, ajunta Danny Spínola, também representa o número um da segunda série e teve como patrocinadoras a CV Telecom e o Banco Cabo-Verdiano do Atlântico (BCA).

O próximo número está previsto para 18 de Outubro para homenagear outras figuras da cultura cabo-verdiana no Dia Nacional da Cultura e das Comunidades. ■

CD/CP
Inforpress/Fim

98

Soca Magazine



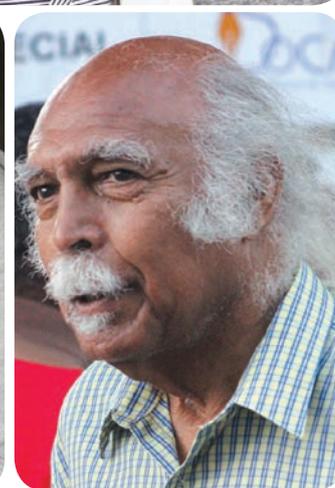
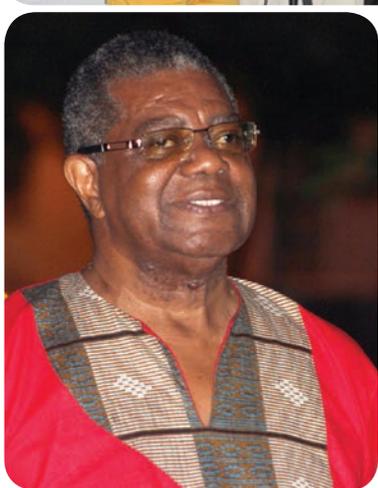
De recordar que a SOCA já tinha lançado, em Lisboa, na Associação Cabo-verdiana, e depois na cidade da Praia, na Praça Alexandre Albuquerque o 1º e 2º números da IIª série da Revista Soca Magazine.

Sobre essas Revistas, o escritor angolano José Manuel Pinto disse:

“Sou um homem de poucas palavras. Apesar disso, a minha condição de angolano não me impede de amar também Cabo-Verde. Por essa razão, apresentar esta publicação da Sociedade Cabo-verdiana de Autores é uma honra e um prazer. O meu ilustre amigo Dani Spinola - homem de letras e de sonhos, deu-me a honra de estar aqui entre vós. Este lançamento ao encontro dos autores e pelos autores, é uma de homenagear quem escreve, quem pinta, quem encanta e canta e quem cria.

Por esta razão e também como autor, junto-me a esta histórica festa para fazer memória”.

Momentos do lançamento do 2º número da 2ª série da revista SOCA Magazine na Praça Alexandre Albuquerque



Exposição do Artista Plástico Kassanaya na SOCA



A SOCA organizou uma exposição/*vernissage* de pintura e escultura na sua sede na Praia, com obras do escultor Kassanaya e do pintor camaronês, descendente de cabo-verdianos, Serge Gui Pinto. Ao todo, foram 12 esculturas e 20 quadros que estiveram patentes ao público, de 18 a 28 de outubro.

Assinatura do protocolo entre a SOCA e a Sociedade Guineense de Autores

A Sociedade Cabo-verdiana de Autores(SOCA) e a Sociedade Guineense de Autores assinaram na cidade da Praia, no passado mês de fevereiro, um acordo de representação e de parcerias em vários domínios culturais e de Gestão dos Direitos Autorais e conexos.



100

SOCA Magazine

SOCA homenageou Ildo Lobo num Jam Session com vários artistas no Espaço Kaku Alves no dia 20 de Outubro de 2018



A Sociedade Cabo-verdiana de Autores (SOCA) realizou, no sábado, 20 de outubro, um grande "Jam Session" para homenagear Ildo Lobo, com vários artistas, no Espaço Kaku Alves, na Várzea, cidade da Praia. Os sucessos desse artista foram interpretados por alguns cantores convidados, recordando-o.

SOCA assinala Dia Mundial da Poesia com arruada poética e musical na Cidade Velha

A Sociedade Cabo-verdiana de Autores (SOCA) e a Câmara Municipal da Ribeira Grande de Santiago assinalam hoje o Dia Mundial da Poesia com uma arruada poética e musical pelas ruas da Cidade Velha.

À semelhança dos anos anteriores, segundo o presidente da SOCA, Daniel Spínola, não quiseram deixar esta data passar em branco, por isso vão proporcionar às pessoas um momento musical e poético nas ruas do berço da caboverdianidade.

“É um momento importante e a SOCA, como uma organização vocacionada e ligada aos autores e artistas, faz questão de todos os anos celebrar esta data”, afirmou.

Conforme avançou, na SOCA estão inscritos muitos escritores e cada dia tem aparecido mais autores e artistas a se inscreverem aumentando ainda mais o número de associados. De se referir ainda, que quase todos os escritores inscritos na Academia Cabo-verdiana de Letras (ACL) fazem parte da SOCA.

A atividade inicia às 17:00 com plantação de árvores, seguida de arruada poética.

Ainda, em colaboração com a Academia Cabo-verdiana de Letras e a Associação de Escritores Cabo-verdianos, vão apresentar a Revista Novas Letras, da ACL, em homenagem ao escritor Teobaldo Virgínio, residente nos Estados Unidos.

As atividades culminam com uma projeção de vídeo – do Por do Sol poético, realizado em 2013, na Presidência da República.

O Dia Mundial da Poesia foi criado na 30ª Conferência Geral da Unesco em 16 de novembro de 1999.

Todos os anos, celebra-se no dia 21 de março, para comemorar a diversidade do diálogo, a livre criação de ideias, através das palavras, da criatividade e da inovação.

A data visa a importância da reflexão sobre o poder da linguagem e do desenvolvimento das habilidades criativas de cada pessoa, já que a poesia “contribui para a diversidade criativa”, inferindo “na percepção e compreensão” do mundo.





- GRANDE HOMENAGEM -

Lézé & Leca Nha Reinalda



**9 de
FEVEREIRO**

**Bilhetes
1000\$00**

**21:00
ASSEMBLEIA
NACIONAL**

**BOB MASCARENHAS - TRADISON DI TERRA - TRAKINUZ
GEORGE TAVARES - RUI CRUZ - ZÉ RUI DI PINA
PRINCEZITO - BINO E EDUINO - NANY VAZ - GERSON SPENCER
GRACE ÉVORA - ZÉZÉ E ZECA DI NHA REINALDA**

PARCEIROS:



MEDIA PARTNER:



APOIOS:

